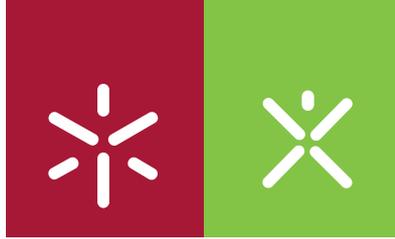




**Universidade do Minho**  
Instituto de Estudos da Criança

Ana Maria Pereira Vieira Barbosa

**Análise das Representações de género e  
seus valores na Literatura Infanto-Juvenil e  
na Formação da Criança**



**Universidade do Minho**

Instituto de Estudos da Criança

Ana Maria Pereira Vieira Barbosa

**Análise das Representações de género e  
seus valores na Literatura Infanto-Juvenil e  
na Formação da Criança**

Tese de Mestrado em Estudos da criança  
Área de Especialização em Análise Textual e Literatura Infantil

Trabalho efectuado sob a orientação da  
**Professora Doutora Maria de Lurdes da Silva de  
Magalhães e Vasconcelos Magalhães**

Novembro, 2009

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO PARCIAL DESTA TESE APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Aos meus filhos  
Camila e Bruno



## Agradecimentos

Àqueles que pela colaboração, pelo conselho e pelo tempo devotado me cabe agradecer:

À professora Doutora Maria de Lurdes Magalhães, minha orientadora, que ao longo deste percurso sempre se mostrou disponível e atenta às minhas dúvidas, o meu mais sincero agradecimento.

Ao professor Doutor Fernando Azevedo quero deixar uma palavra de gratidão.

E a todos aqueles que me são especiais e me ajudaram, encorajaram a ultrapassar alguns momentos de desânimo na realização deste trabalho, o meu profundo obrigado.

Finalmente, aos meus filhos, pais e irmão, companheiros de aventura, nos bons e maus momentos obrigada nunca é suficiente, mas fica o meu carinho especial.

À Camila e ao Bruno por tudo....



## Resumo

Neste trabalho, realizado no âmbito da Literatura para Crianças e Jovens, analisamos as representações de género, seus valores e os modos como são veiculados em sete obras de literatura de potencial recepção por crianças.

O propósito deste estudo é demonstrar que, na actualidade, a estereotipia sexual da personagem literária em estudo, a rapariga/mulher, se encontra em dissolução e que a representação do feminino na literatura encontrou novas vias de reinvenção.

Seleccionado o *corpus* do estudo, efectuou-se a sua análise, tendo em conta principalmente a presença, papel, construção e percurso da personagem feminina no mundo ficcional, os espaços e contextos de vida da personagem, os valores e linguagens actuates.

O primeiro resultado a assinalar foi o de certa pervivência da representação feminina ainda bastante estereotipada, apresentando, embora, já alguma consciência de certas realidades pessoais e sociais com que a rapariga/mulher de hoje se depara.

Também se assinalou que, a partir de fins do século XIX, tais representações têm evoluído, encontrando, para tal, estratégias diversas e criativas.

Observamos, ainda, que o desenvolvimento da literatura infanto-juvenil apresenta uma evolução dos modelos de personagens femininas que acompanha um pouco a evolução do papel da mulher na sociedade em geral.

O interesse deste estudo, em educação, revela-se no poder proporcionador de modelos do mundo ricos e variados que caracteriza a boa literatura para os mais jovens.

**Palavras-chave:** Literatura Infantil, Infância, Valores, Género, Estereótipos.



## Résumé

Dans ce travail, réalisé au sein de la Littérature de Jeunesse nous avons analysé les représentations de genre, ses valeurs et les façons dont ils sont véhiculés dans sept œuvres pour enfants.

Le propos de cette étude est celui de démontrer, qu'actuellement, la stéréotypie sexuelle du personnage littéraire en étude, fille/femme, se rencontre en dissolution et que la représentation du féminin dans la littérature a trouvé de nouvelles voies de réinvention.

Sélectionné le *Corpus* de l'étude, nous avons effectué des analyses, en tenant compte, surtout, de la présence/absence du personnage féminin, son rôle, sa construction et parcours dans le monde fictionnel, ainsi que les espaces et les contextes de vie du personnage, les valeurs et les langages.

Le premier résultat à signaler est celui de la représentation du féminin encore assez stéréotypée, mais qui présente déjà une conscience de certaines réalités personnelles et sociales auxquelles la fille /femme d'aujourd'hui se confronte.

Nous avons aussi signalé que, à partir de fins du XIX siècle, ces représentations ont évolué, prenant recours de stratégies variées et créatives.

Nous avons observé aussi que le développement de la Littérature de Jeunesse présente une évolution des modèles des personnages féminins qui accompagne l'évolution du rôle de la femme dans la société en général.

L'intérêt de cette étude, dans le domaine de l'éducation, se révèle dans le pouvoir que possède la bonne littérature de proportionner des modèles du monde riches et variés aux jeunes.

**Mots-clés:** Littérature de jeunesse, Enfance, Valeurs, genre, stéréotypes.



# Índice Geral

|  |      |
|--|------|
| <b>Agradecimentos</b>                                | v    |
| <b>Resumo</b>  | vii  |
| <b>Résumé</b>  | ix   |
| <b>Índice Geral</b>                                  | xi   |
| <b>Introdução</b>                                    | 1    |
| <br>   |      |
| <b>Capítulo 1. A Criança</b>                         | p.5  |
| 1.1- História Social da Criança                      | p.7  |
| 1.2- A Infância                                      | p.11 |
| 1.3- O Género  | p.13 |
| <br>   |      |
| <b>Capítulo 2. - Literatura Infantil</b>             | p.17 |
| 2.1 - Relação com a Semiosfera                       | p.26 |
| 2.2 - Valores / Contra valores                       | p.29 |
| 2.3 – Humor  | p.34 |
| 2.4 – Estereótipos                                   | p.37 |
| 2.4.1. - O antropomorfismo                           | p.51 |
| 2.4.2 .- A imagem da família                         | p.54 |
| 2.4.3. - A imagem da mãe                             | p.55 |
| 2.4.4. - A imagem do pai                             | p.56 |
| 2.5 – Profissões                                     | p.57 |
| <br>   |      |
| <b>Capítulo 3. –Metodologia</b>                      | p.63 |
| 3.1. – Introdução                                    | p.65 |
| 3.2. - Considerações sobre o <i>corpus</i> e análise | p.66 |

|   |       |
|---|-------|
| <b>Capítulo 4. Análise das obras</b>            | p.71  |
| <b>4.1 Colecção Anita</b>                       | p.72  |
| a) <i>Anita babby-Sitter</i>                    | p.73  |
| b) <i>Anita mamã</i>                            | p.73  |
| c) <i>Anita na cozinha</i>                      | p.74  |
| <b>4.2 Un heureux malheur</b>                   | p.75  |
| <b>4.3 O livro dos porquinhos</b>               | p.77  |
| <b>4.4 Será que Joanhina tem pilinha?</b>       | p.81  |
| <b>4.5 Alice no País das Maravilhas</b>         | p.85  |
| <b>4.6 Dany, o campeão do mundo</b>             | p.89  |
| <b>4.7 A princesa espertalhona</b>              | p.91  |
| <br>  |       |
| <b>Capítulo 5. Resultados e discussão final</b> | p.95  |
| <b>Referências Bibliográficas</b>               | p.103 |
| <b>Anexos</b>                                   | p.111 |

## Índice de Imagens

|  |      |
|--|------|
| <b>Imagem nº. 1 : <i>Pipi das Meias Altas</i></b>            | p.23 |
| <b>Imagem nº. 2 : <i>Oliver Button es un nena</i></b>        | p.23 |
| <b>Imagem nº. 3 : <i>Professora</i></b>                      | p.24 |
| <b>Imagem nº. 4 : <i>Florista</i></b>                        | p.24 |
| <b>Imagem nº. 5 : Capa da obra: <i>A chupeta de Nina</i></b> | p.37 |
| <b>Imagem nº. 6 : Tarefas domésticas (lavar o chão)</b>      | p.39 |
| <b>Imagem nº. 7 : Tarefas domésticas (limpar o pó)</b>       | p.39 |
| <b>Imagem nº. 8 : Tarefas domésticas ( estender a roupa)</b> | p.39 |
| <br>   |      |
| <b>Imagens nº. 9 : <i>As meninas de Sarah Kay</i></b>        | p.43 |
| <b>Imagem nº. 10 : <i>O médico</i></b>                       | p.47 |

|   |      |
|---|------|
| <b>Imagens nº. 11:</b> <i>Mãe secretária e pai cozinheiro</i>                 | p.48 |
| <b>Imagem nº. 12:</b> Capa da obra: <i>O jogo de futebol da Alice</i>         | p.50 |
| <b>Imagem nº. 13:</b> <i>As brincadeiras</i>                                  | p.54 |
| <b>Imagem nº. 14 :</b> <i>A mãe e as suas tarefas</i>                         | p.59 |
| <b>Imagem nº. 15:</b> Profissões  | p.60 |
| <b>Imagem nº. 16 :</b> Capa da Obra <i>Anita baby-sitter</i>                  | p.73 |
| <b>Imagem nº. 17:</b> Capa da obra <i>Anita mamã</i>                          | p.73 |
| <b>Imagem nº. 18:</b> Capa da obra <i>Anita na cozinha</i>                    | p.74 |
| <b>Imagem nº. 19:</b> Capa da obra : <i>Un heureux malheur</i>                | p.75 |
| <b>Imagem nº. 20:</b> <i>Un heureux malheur</i>                               | p.76 |
| <b>Imagem nº. 21:</b> <i>Un heureux malheur</i>                               | p.76 |
| <b>Imagem nº. 22:</b> Capa da obra: <i>O livro dos porquinhos</i>             | p.77 |
| <b>Imagem nº. 23 :</b> <i>O livro dos porquinhos</i>                          | p.78 |
| <b>Imagem nº. 24 :</b> <i>O livro dos porquinhos</i>                          | p.80 |
| <b>Imagem nº. 25 :</b> <i>O livro dos porquinhos</i>                          | p.80 |
| <b>Imagem nº. 26:</b> Capa da obra: <i>Será que Joaquina tem uma pilinha?</i> | p.81 |
| <b>Imagem nº. 27 :</b> <i>Será que Joaquina tem uma pilinha?</i>              | p.81 |
| <b>Imagem nº. 28:</b> <i>Será que Joaquina tem uma pilinha?</i>               | p.82 |
| <b>Imagem nº. 29 :</b> <i>Será que Joaquina tem uma pilinha?</i>              | p.83 |
| <b>Imagem nº. 30:</b> Capa da obra: <i>Alice no País das Maravilhas</i>       | p.84 |
| <b>Imagem nº. 31:</b> <i>Alice no País das Maravilhas</i>                     | p.85 |
| <b>Imagem nº. 32:</b> <i>Alice no País das Maravilhas</i>                     | p.86 |
| <b>Imagem nº. 33:</b> <i>Alice no País das Maravilhas</i>                     | p.87 |
| <b>Imagem nº. 34:</b> Capa da obra <i>Danny, o campeão do Mundo</i>           | p.89 |
| <b>Imagem nº. 35:</b> <i>A princesa Espertalhona</i>                          | p.91 |
| <b>Imagem nº. 36 :</b> <i>A princesa Espertalhona</i>                         | p.91 |
| <b>Imagem nº. 37:</b> <i>A princesa Espertalhona</i>                          | p.92 |
| <b>Imagem nº. 38:</b> Capa da obra <i>A princesa Espertalhona</i>             | p.92 |

## Índice de quadros

|                      |      |
|----------------------|------|
| <b>Quadro nº 1 :</b> | p.51 |
| <b>Quadro nº 2:</b>  | p.60 |



*« Les livres sont des histoires d'êtres humains, racontées par des êtres humains pour d'autres êtres humains. Ils abordent des thèmes et des préoccupations universels. Ils proposent une vision du monde et transmettent des valeurs ».*

*Renée Léon, 2004:5*

## Introdução

---

Neste trabalho de mestrado em Estudos da Criança, Análise Textual e Literatura Infantil, será desenvolvido o tema *Análise das Representações de Género e seus Valores na Literatura Infanto-juvenil e na Formação da Criança*, assunto que cativou a nossa atenção num seminário a ele dedicado.

Dada a importância que esta temática possui pela transmissão de valores que lhe é explícita ou implicitamente inerente, afectando assim a educação das crianças, escolhemo-la como objecto de estudo. Além disso, é por nós entendida como um desafio, dado o tema ser relativamente pouco frequente em estudos sobre literatura para crianças, em Portugal.

Numa primeira abordagem, iremos procurar e rever informação sobre valores e estereótipos de género na literatura infanto-juvenil.

Na selecção do *corpus*, obras publicadas entre 1990 e 2007, propomo-nos analisar as classes de estereótipos de género dominantes e as formas como são representadas na literatura para os mais novos.

Complementarmente, tentaremos analisar os tipos de profissão que os sexos feminino e masculino têm desempenhado de 1990 até 2007, principalmente em Portugal, no sentido de verificar potenciais relações com os dados das obras estudadas.

Ser-nos-á possível imaginar um mundo no qual a diferença de género não servirá sobretudo a continuação da espécie? Um mundo onde homens e mulheres seriam parceiros nos seus comportamentos, nos seus deveres e direitos? Onde a representação de cada um não dependeria predominantemente da pertença a um ou a outro sexo? Estamos longe deste mundo idealizado.

Ao nascer, somos todos iguais, exceptuando o sexo. Todavia, é este último que estabelece, em muitos sectores da sociedade, a diferença.

O recém-nascido é já marcado por uma imagem e comportamentos aos quais “deverá” conformar-se. No quadro do padrão da sociedade em que vivemos, uma rapariga deverá ser bonita, calma, simpática enquanto que um rapaz deverá ser forte, interessante, activo e empreendedor.

Analisamos algumas obras de literatura infanto-juvenil nas quais encontramos representações sociais atribuídas aos dois sexos que põem em evidência a desigualdade.

Observamos que algumas dessas obras transmitem às crianças representações diferentes conforme os seus sexos.

A temática deste trabalho gera curiosidade e incita-nos a investigar aspectos relacionados com valores e estereótipos. Procuramos saber como é que a literatura infanto-juvenil contribui para formar e enriquecer os modelos do mundo das crianças e como lhe transmite os valores tidos como “relevantes”.

A escolha deste tema surgiu por acreditarmos que a literatura infanto-juvenil é um dos meios de comunicação que possibilita à criança estabelecer contacto com aquilo que se passa com ela, através de narrativas, suas personagens e dilemas. Trata-se de obras escritas por adultos onde perpassam valores e tipos de comportamento que intencionalmente ou não afectarão o pequeno leitor. Nota-se que parte desta literatura de potencial recepção infantil e juvenil, se dirige a um público que também se caracteriza por se encontrar explicitamente em situação de aprender (Marc, Soriano, 1975: p.185).

O trabalho que propomos realizar tem, igualmente, como meta, focar o papel da mulher nos tempos que correm, pois a sociedade exige que esta desempenhe funções multifacetadas.

Através de alguns álbuns e de livros ilustrados, actualmente editados, é possível aceder às representações do masculino e do feminino, tais como elas são apresentadas pelos autores e ilustradores da literatura de recepção infantil.

A aquisição pela criança de comportamentos considerados “padrão” no que concerne aos papéis de género é um aspecto fundamental do desenvolvimento e ajuste que se poderá reflectir na sua personalidade.

No passado, as crianças eram explicitamente educadas segundo regras e valores tipificados para cada sexo. Contudo, a evolução da sociedade, nomeadamente das mentalidades, tem suscitado uma fusão de teorias quanto à socialização de ambos os sexos. São muitos os que valorizam a igualdade de “direitos”.

Destas considerações emerge um possível contributo deste trabalho para a área da educação dos mais jovens. O presente estudo divide-se em seis momentos, repartidos em seis capítulos:

No primeiro capítulo, pretendemos definir o conceito de criança e de infância, assim como a sua evolução na sociedade.

No segundo, efectuamos uma breve retrospectiva da evolução de algumas características patentes na literatura infantil até aos nossos dias, assim como da sua relação com a semiosfera e sua importância no desenvolvimento da criança. Ainda neste capítulo, observamos a importância da literatura infanto-juvenil como via de transmissão de valores / contravalores apresentados aos jovens leitores. Define-os com

alguma precisão a estereotipia atribuída à rapariga / mulher e ao rapaz / homem, e sua evolução. Sublinhamos globalmente, como já referido, o leque de profissões atribuídas a cada sexo até aos nossos dias, com particular ênfase no período que vai de 1990 a 2007. Além disso, enfatizamos a importância e o papel do humor na literatura de potencial recepção infantil.

No terceiro capítulo, explicamos a metodologia empregue na selecção do *corpus*.

No quarto e quinto, efectuamos uma análise das obras seleccionadas para este trabalho de investigação, assim como a apresentação e interpretação pessoal dos dados obtidos.

Por último, expomos as conclusões a que chegámos e algumas sugestões para futuros trabalhos no âmbito desta temática.

A extensão e profundidade do estudo apresentam, contra nosso desejo, as limitações próprias de uma tese de mestrado. Por isso mesmo, pretendemos futuramente alargá-lo a situações práticas, nomeadamente, integrando a “resposta” das crianças às obras literárias em questão.

# Capítulo 1

---

A Criança



## 1.1. - História Social da Criança

No seu ensaio *A criança e a vida familiar sob o Antigo Regime* (Ariés: 1973), o autor mostra como a representação social da criança se encontra intimamente relacionada com o investimento afectivo, social e económico dos adultos. O sentimento de infância foi associado primeiro aos rapazes, enquanto que as raparigas continuaram a ter um modo de vida parecido ao dos adultos.

A ruptura sentimental que se opera, segundo o autor, no século XVIII – que nomeia de “ grande révolution du sentiment, de l’ affectivité ” e que vai do fim do século XVIII ao início do século XIX (Ariés, 1993, p.217) - fez da criança um elemento fundamental da família.

Por volta do final da década de sessenta, a “História Nova”<sup>1</sup> ganha uma pluralidade de tendências, entre as quais está aquela que se dominou de “história das mentalidades”, voltada para a sensibilidade e visando elucidar as diferentes visões do mundo.

Philippe Ariés escreve que:

a história das mentalidades é sempre, quer se admita ou não, uma história comparativa e regressiva. Partimos necessariamente do que sabemos sobre o comportamento do homem de hoje, como de um modelo ao qual comparamos os dados do passado, como uma segunda origem, e descemos novamente até ao presente, modificando a imagem ingénua que tínhamos no início. (p.26)

Este autor constata que a ausência do sentido de “infância”, até ao fim da Idade Média abre, as portas para uma interpretação das chamadas “sociedades tradicionais”. Além disso, refere que o processo de definição da infância, como um período distinto da vida adulta, abre, igualmente, as portas para uma análise do novo lugar assumido pela criança e pela família nas sociedades modernas.

A constituição desse novo conceito de infância situa-se na transição do século XVII para o XVIII, quando passa a ser definida como um período de ingenuidade e fragilidade do ser humano, que deve receber todos os incentivos para a sua felicidade.

---

<sup>1</sup> Segundo Philippe Ariès in *História Social da Criança e da Família*, a década de 1960 foi um período de consolidação do chamado movimento da “História Nova”(prefácio), corrente que é apontada por alguns como responsável por uma “revolução francesa da historiografia”, devido ao facto de propor novos objectos, novos métodos, novas linguagens na escrita da história.

Nos fins da Idade Média, notou-se uma viragem marcada pelo “mimo” e o “carinho” oferecido às crianças, vistas como meio de divertimento dos adultos (Ariés, 1993).

Da Idade Média até ao século XIX, o tempo dos mais novos é pautado por uma “educação doméstica” em que rapazes e raparigas estavam misturados. Só por volta dos cinco a sete anos os meninos e as meninas eram separados para uma instrução ministrada por uma pessoa estrangeira ou por alguém amigo da família.

Para falar de literatura infanto-juvenil, é necessário pensar no seu leitor: a criança.

Até ao século XVII, as crianças conviviam com os adultos. Não existia um mundo infantil diferente e separado ou, simplesmente, uma visão da infância. Portanto, não se escrevia para elas.

A concepção de uma faixa etária diferenciada, com interesses próprios e necessitando de uma formação específica, só acontece em meados da Idade Moderna. Esta mudança deveu-se a outro acontecimento da época: a emergência de uma nova noção de família, centrada não mais em amplas relações de parentesco, mas num núcleo unicelular, preocupado em manter a sua privacidade (impedindo a intervenção dos parentes em seus negócios internos) e estimular o afecto entre os seus membros (Regina Ziberman, 1985:13).

A partir da Idade Moderna, a criança é vista como um indivíduo que precisa de uma atenção especial devido à sua idade. Ela é um indivíduo imaturo, na maior parte das vezes inseguro e desconhecedor da realidade e dependendo bastante do adulto. Além disso, é também um ser cheio de medos, de dúvidas, de conflitos, de contradições por ter em si a imagem do adulto.

“Se a imagem da criança é contraditória, é precisamente porque o adulto e a sociedade nela projectam, ao mesmo tempo, as suas aspirações e repulsas. A imagem da criança é, assim, o reflexo do que o adulto e a sociedade pensam de si mesmos. Mas este reflexo não é ilusão; tende, ao contrário, a tornar-se realidade. Com efeito, a representação da criança assim elaborada transforma-se, pouco a pouco, em realidade da criança. Esta dirige certas exigências ao adulto e à sociedade, em função de suas necessidades essenciais”. (Ibidem:18)

Ressalve-se que, no século XVII, a educação ganha terreno e coloca a criança no lugar certo, valorizando o ensino de regras e conhecimentos.

Rapazes e raparigas são encorajados, de mil e uma maneiras, a aceitar a avaliação que a sociedade efectua das características psicológicas e dos comportamentos que se apresentam como “típicos” e “naturais” de um e outro sexo.

Wood, Martin & Little (1990), citados por Neto, A., Cid, M., Pomar, C., Chaleta, E., Folque, A, (1999) consideram três estádios de desenvolvimento dos estereótipos de género: até aos quatro anos, as crianças aprendem as características relacionadas com cada um dos géneros; dos quatro aos seis, efectuam associações mais complexas e indirectas relativas à informação relevante para o seu género; dos seis anos em diante, aprendem as associações pertinentes para o género oposto.

De acordo com os autores acima referidos, por volta dos três ou quatro anos, quando entram para o jardim-de-infância, as crianças já se identificaram com os seus próprios géneros. Sabem qual é o comportamento apropriado, na generalidade, a cada sexo. Na maioria dos casos, são capazes de explicar as suas preferências: sabem que algumas das funções das mulheres são cuidar das tarefas domésticas e dos filhos, assim como a dos homens é ganhar dinheiro para sustentar a família. Só que, na realidade actual, a criança também tem na sua consciência que as tarefas que anteriormente eram direccionadas para a mãe ou para o pai, neste momento se fundem, já que ambos as partilham. Uma referência a esta situação ocorre na obra *O livro dos porquinhos*, de Anthony Brown (2006). As crianças, nestas idades, já interiorizaram a escolha que os seus pais fizeram em relação aos brinquedos e vestuário (preferências estas, baseadas no sexo de seus filhos e que nem sempre têm em conta os gostos das crianças), assim como aos estereótipos dominantes em matéria de capacidades e de opções profissionais.

A socialização das crianças tem, geralmente, início na escola mas os seus vínculos com a família perduram e a imagem dos seus progenitores, neste período, ainda é a imagem da pessoa que pensam vir a ser.

Segundo Mayeur (in Anne Dafflon, 1981:p28), as diferenças recolhidas na educação das raparigas e dos rapazes são muito antigas e social e institucionalmente incrustadas. Com efeito, no século XIX, a educação das raparigas era adaptada em função do seu futuro no seio da sociedade. Elas eram destinadas às tarefas da vida doméstica e ao cuidado do lar. Pouca ou mesmo nenhuma instrução lhes era dada. O seu destino era o de esposas e mães. Quanto aos rapazes, tinham de se realizar no seio da vida pública e profissional. Sendo assim, rapazes e raparigas eram educados de formas distintas.

O enquadramento social e a educação vão influenciar de forma determinante a sua identidade sexual visto que a nossa sociedade assenta os papéis dos homens e das mulheres sobre a diferença natural entre os sexos.

Já no século XVIII, a dita “literatura infantil” dava os seus primeiros passos, oferecendo às crianças produtos diversificados como os *Contos da Mãe Gansa*,

registados por Charles Perrault e publicados no século XVII, além de relatos especialmente escritos para as mesmas. Assim sendo, podemos dizer que a literatura infantil:

comienza en el momento el que el niño es considerado como el destinatário implícito de ciertos productos literários , unos productos dificilmente exentos de marcado didacismo e intencionalidde, política, unas veces, moralizante otras, pêro siempre educativa... ( Arantza, Gárate, CLIJ nº 95, 1997:8)

Também é verdade que, no passado, a literatura infanto-juvenil teve tendência para privilegiar as classes mais favorecidas quer no plano material quer no cultural. Mas, nos dias de hoje, encontramos pais com diversas profissões, cujos filhos ainda não possuem quarto próprio, famílias que enfrentam dificuldades económicas mas que, de algum modo, vão tentando resolver os problemas que surgem.

No mundo inteiro, as raparigas são confrontadas com modelos de educação que as preparam ao mesmo tempo para às responsabilidades domésticas e a independência económica.

Nos países ocidentais, há Estados que ainda realçam esta contradição. As raparigas nem sempre são reconhecidas como seres humanos mas tratadas como “objectos” sem respeito pela sua identidade e sexualidade. Os desejos que possam ter de descobrir o mundo não lhes são permitidos, ficando todo o *timing* da sua vida estabelecido primeiramente pelo seu núcleo familiar, principalmente pela figura paterna, e posteriormente pelo marido e sociedade em geral. Valérie Walkerdine<sup>2</sup> sublinha que as raparigas são constituídas em objecto de estudo, como futuras mães.

Segundo Marianne Hirsch<sup>3</sup>, a imagem cultural da adolescente funciona não só como construção social mas igualmente como construção semiótica, queremos com isto dizer, portadora de sentido, capaz de afectar a nossa imaginação e de preceder a nossa identidade subjectiva.

Há todavia a ressaltar que já existe literatura infantil, embora de forma ainda escassa, que aborda, sem dificuldade, problemas das relações humanas que outrora eram considerados tabu, tais como a rivalidade fraterna, o divórcio, a delinquência e tudo o

---

<sup>2</sup> Marion, E.P. de Räs (1996). Alice au pays des merveilles. Première conférence internationale sur les filles et les jeunes filles : Transmissions et dilemmes, *CLIO*, nº4, 1996.

<sup>3</sup> Ibidem

que a rodeia. O universo da infância já não é um mundo esterilizado. No entanto, há temas que ainda não tiveram um desenvolvimento, desejável em termos equitativos.

## 1.2. - A Infância

O que se entende por criança e por infância?

O termo “criança” provém do latim *infans*, que significa falar, precedido pelo prefixo negativo “in”, com o sentido de negação ou ideia contrária.

Segundo Fry, Chantal Renevery (*in* Anne Dafflon, 2006: 55), a palavra “criança” aplica-se aos seres humanos de sexo feminino e masculino até aos sete anos.

Quanto à infância, é o período que vai do nascimento até, aproximadamente, o décimo segundo ano de vida. Trata-se de um período de grande desenvolvimento físico e, também, psicológico. Neste, ocorrem vários estádios de desenvolvimento da personalidade observando-se grandes mudanças comportamentais.

Nascer-se rapaz ou rapariga, tornar-se homem ou mulher, constitui o fundamento inicial (primeiro) da identidade.

A atribuição de um sexo direcciona a criança, desde o seu nascimento, num processo de educação cujos valores, condutas, regras e representações obedecerão às convenções sociais prevalecentes no período do seu desenvolvimento e formação da personalidade.

As representações dos adultos, segundo o sexo das crianças, são diferentes; desde o nascimento, rapazes e raparigas são descritos de forma bastante estereotipada. O universo em que se desenvolvem é diferente: decoração dos quartos, brinquedos, roupas, actividades...

Recém-nascidos, quer sejam rapazes ou raparigas, são vistos pelas pessoas que os rodeiam de forma diferenciada, mediante o seu sexo, mesmo tendo o mesmo peso e a mesma altura, ou seja, os meninos são descritos como sendo grandes e possuindo traços bem vincados, em contrapartida, as raparigas são pequenas, lindas, simpáticas e apresentam traços delicados.

Os adultos tendem a oferecer brinquedos pré-definidos às crianças do sexo feminino (por exemplo, bonecas), enquanto que às do sexo masculino propõem brinquedos tidos como adequados ao sexo a que pertencem (avião, carro, bola...).

A família não promove brincadeiras e jogos supostamente criados para o sexo oposto, já que podem induzir na personalidade das crianças comportamentos sociais não apropriados ao seu sexo específico.

Os mais novos não têm consciência das suas diferenças sexuais. Cabe aos adultos, que os rodeiam e lhes são mais próximos, rotulá-los de “rapariga” ou “rapaz”. Esta aprendizagem suscita nos adultos uma série de comportamentos estereotipados. Isto, numa família estruturalmente definida como heterossexual e enquadrada nos parâmetros da aceitação social, no entanto, actualmente, as crianças / jovens já se confrontam com realidades diferentes - famílias monoparentais ou de pais do mesmo sexo em que a consciência das diferenças sexuais da criança pode não ser tão clara e até criar contradições e dilemas na sua personalidade e formação sexual. Podemos observar esta situação no livro infanto-juvenil *Simão: A mãe vai sair esta noite*, de Juliet Pomés Leiz.

O sexo e a idade são as duas primeiras categorias sociais utilizadas pelas crianças para compreender o mundo que as rodeia. Elas constroem para elas próprias o que significa ser do sexo masculino ou ser do sexo feminino.

Freud afirma que, até aos três anos, o desenvolvimento psicológico é semelhante quer para os rapazes, quer para as raparigas, porque a mãe representa, para a criança dos dois sexos, o primeiro objecto de amor (Betty Goguikian, 2002). É necessário lembrar que, entre os três e cinco anos, se organiza o complexo de Édipo. Segundo Freud, os meninos passam por uma fase em que desenvolvem sentimentos sexuais em relação as suas mães (complexo de Édipo), que se traduzem por sentimentos de inveja e ciúme em relação ao pai (tal sucede em famílias nucleares estruturadas com pais heterossexuais).

Este é o momento chave do desenvolvimento da criança que assinala a passagem da relação mãe-filho (criança) à relação triangular, mãe-filho-pai (in Paula Rodrigues, 2003, pp.19-20). Durante este período, a criança deverá absorver a figura paternal não como inimigo que lhe vem roubar a mãe mas como alguém que a vai ajudar na sua educação.

Desde os 20 meses, as crianças têm brinquedos preteridos em função do seu sexo. Aos 2 / 3 anos, as crianças já possuem conhecimentos substanciais sobre as actividades, profissões, comportamentos e aparências estereotipadas relativas a cada grupo. Nesta faixa etária, já adoptaram a maioria das actividades e atributos correspondentes ao seu próprio sexo: jogos, roupas, emoções, atitudes... (Muller & Godberg, 1980:p.14).

Segundo Anne Dafflon<sup>4</sup>, até sensivelmente os cinco ou sete anos, uma criança não entende que o sexo é uma dádiva biológica. Está convencida que se é menino ou menina em função dos nossos comportamentos, atitudes, aparências. É-se rapaz ou rapariga em função de índices, tais como, cabelos compridos ou curtos, vestidos ou calças, jogos, brinquedos e comportamentos diferentes (mais sossegado ou irrequieto). A criança vai observando o que sobressai do masculino e do feminino. Está atenta a estes símbolos no seu meio familiar e escolar e, também, a tudo o que lhe proporciona uma representação da realidade – livros, televisão, brinquedos, jogos.

Pelos dois anos, as crianças já são capazes de indicar o sexo dos indivíduos baseando-se em características socioculturais, como o penteado, o vestuário, etc...

Por volta dos três ou quatro anos, compreendem que o sexo de uma pessoa é um dado estável ao longo do tempo. As raparigas tornar-se-ão mulheres e os rapazes, homens.

Só por volta dos cinco a sete anos é que as crianças entenderão que somos rapazes ou raparigas em função do aparelho genital.

Podemos dizer que até aos dois anos, as crianças, apesar de tudo, são pouco sensíveis às expectativas dos adultos. Pouco a pouco, o rapaz tem que se desligar de sua mãe, lutar pela sua independência, enquanto que a rapariga ainda é acarinhada, encorajada a agradecer. É, ainda, nesta altura que vão descobrir o seu sexo e ter a noção de que o mundo está dividido em dois. “En vérité, l’influence de l’éducation et de l’entourage est ici immense” escreve Simone de Beauvoir:

Tous les enfants essaient de compenser la séparation du sevrage par des conduites de séduction et de parade; on oblige le garçon à dépasser ce stade, on le délivre de son narcissisme, tandis que la fillette est confirmée dans cette tendance à se faire objet qui est commune à tous les enfants. La poupée l’y aide, mais elle n’a pas non plus un rôle déterminant; le garçon peut aussi chérir un ours, un polichinelle en qui il se projecte; c’est dans la forme globale de leur vie que chaque facteur prend son poids (1976).

### **1.3. - O Género**

O conceito de género tem tido uma grande influência no movimento feminista e na luta das mulheres pela sua emancipação. Estudar a categoria género permite-nos

---

<sup>4</sup> Anne Dafflon , Doutora em psicologia na Universidade de Genève.

compreender melhor as relações de submissão e de dominação que existem entre mulheres e homens. A desigual distribuição de poderes entre sexos influencia a forma como mulheres e homens desenvolvem as suas capacidades pessoais, profissionais e sociais.

Na década de 80, o movimento organizado e encabeçado por estudiosas feministas teve como objectivo o de contribuir para um melhor entendimento do que é ser homem e ser mulher numa determinada sociedade (a título de exemplo, pode-se referir o contributo de Betty Friedan, uma das fundadoras da N.O.W, Organizacion Nacional of Woman )

Em 1995, a IV Conferência Mundial, realizada em Beijing, sobre a Mulher, adoptou o conceito de género declarando que “el género se refiere a los papeles sociales construídos para la mujer y el hombre asentados en base a su sexo y dependen de un particular contexto socioeconómico, político y cultural, y están afectados por otros factores como son la edad, la clase, la raza y la etnia” (García Ángeles Briñon, 2007: 53)<sup>5</sup>.

O género (sexo) constitui uma categoria social fundamental e a criança desenvolve, desde muito cedo, conhecimentos sobre si própria, através das suas interacções com o seu ambiente social. É uma construção histórica e social, formada a partir dos significados e das evoluções que decorreram ao longo de diferentes épocas, associadas ao facto de se ser homem ou mulher, e que pode variar de umas culturas para outras.

Alguns autores entendem o conceito de género não como uma essência natural e universal, nem como uma mera diferenciação de papéis sociais assumidos por homens e mulheres, mas como algo dependente das condições históricas e culturais de um determinado período.

Outros entendem “género” como uma forma de significação das relações de poder dentro da sociedade que podem corresponder a símbolos, evocando representações, frequentemente contraditórias. No entanto, a identificação com o género feminino ou masculino poderá integrar relações com paradigmas de representações étnicas, raciais, sexuais e de identidade.

A questão do género não pode significar o mesmo que sexo, ou seja, enquanto o sexo se refere à identidade biológica de uma pessoa, o género está ligado à construção social masculino, feminino, sendo que nesta conexão está implícita a ideia de relação

---

<sup>5</sup> M<sup>a</sup>. Ángeles Brimón Garcia (2007). Sistema sex –género. *Una visión degenero... es de justicia*, Local: Editora?

(Louro, 1996). É um conjunto de ideias, crenças, representações e atribuições sociais construídas em cada cultura, com base na diferença sexual. Esta diferença tem privilegiado os homens, na medida em que a sociedade não tem oferecido as mesmas oportunidades de inserção e exercício de cidadania a homens e mulheres. Apesar da transformação dos costumes e valores que tem ocorrido nas últimas décadas, ainda existe muita discriminação.

“Gênero” também implica outras questões, tais como identidade de gênero e papel de gênero.

A OMU, na IV Conferência Mundial sobre a Mulher, fez constatar que:

El género es la forma en que todas las sociedades del mundo determinan las funciones, actitudes, valores y relaciones que conciernen al hombre y a la mujer. Mientras el sexo hace referencia a los aspectos biológicos que se derivan de las diferencias sexuales, el género es una definición de las mujeres y los hombres construidos culturalmente y con claras repercusiones políticas. (2007:55)<sup>6</sup>

A literatura infantil faz parte deste quadro social e informa sobre as representações de gênero (masculino e feminino), transmitidas à criança nas primeiras etapas da construção da sua identidade sexual.

Os contos infanto-juvenis poderão, também, ajudar as crianças a construir a sua própria identidade, “pero el sentido y alcance en el que lo hacen depende del significado que le atribuye cada lector según la resonancia individual producida por la obra en relación a su personalidad social y literaria” (Colomer, 1999:60).

A identidade sexual passa pela capacidade de distinguir os dois gêneros e a tomada de consciência do que pertence a um e a outro.

Esta reflexão parece-nos justa. É verdade que a rapariga não vai aceitar a primeira boneca que lhe aparece, mas os adultos oferecem-na e valorizam a menina, na representação de passividade. Os adultos vão motivar a criança a escolher brinquedos e a ter comportamentos considerados como os mais apropriados ao seu sexo. Estimula-se, na menina, a beleza, os jogos calmos e perdoam-na se, a mesma não for adepta do desporto. Relativamente ao rapaz, o normalmente generalizado é motivá-lo para brincadeiras no exterior da casa, encorajá-lo a adotar comportamentos qualificados de “viris”. Presentemente, estes comportamentos vão-se adaptando as novas solicitações e

---

<sup>6</sup> Ibidem, p.55

realidades que a sociedade impõe, ficando, hoje em dia, o rapaz mais isolado, dentro de sua casa, interagindo com as novas tecnologias. Esta alteração de comportamentos verifica-se até no facto de já não parecer mal um menino chorar. No passado, esta atitude era reprovada e identificada como um comportamento próprio do sexo feminino.

Os traços associados às representações do masculino são valorizados pela sociedade. Um menino que brinca com uma boneca ou com outro objecto tido como feminino pode provocar um certo desconforto e preocupação em quem o rodeia, o que reflecte a importância que se atribui aos estereótipos sociais da masculinidade.

Caberá à escola confirmar a identidade de género da criança. Segundo Arantza Gárate, “el niño o niña desarrolla recursos para la acción social que no son necesariamente una expresión auténtica de su próprio ser, sino que están determinados por los estereótipos predominantes” (1993:9). Constatamos a importância tanto dos meios de comunicação como da própria escola na configuração das diferenças de género.

A construção de papéis femininos e masculinos reflecte as regras que uma dada sociedade estabelece para os seus membros.

À medida que o género se torna estável, as crianças aprendem estereótipos de género pela observação de acções e papéis de género de homens e mulheres.

Desde muito cedo, os rapazes assumem por meio dos estereótipos implícitos ou explícitos em alguns clássicos da literatura, que os homens são dominadores e as mulheres dominadas.

*A palavra viva possui uma alma da qual a  
palavra escrita não é mais do que uma imagem.*

Sócrates

## **Capítulo 2**

---

Literatura Infantil



Segundo dicionários da especialidade, o termo literatura aplica-se a um conjunto de obras escritas nas quais reconhecemos uma finalidade estética. Estas obras são consideradas do ponto de vista do país, da época, do meio onde elas se inscrevem, do gênero ao qual pertencem.

Numa perspectiva pedagógica, a “littérature adressée à l’enfance ne s’est jamais situé en dehors de la littérature que lisent les adultes. Elle se porte seulement vers des lecteurs qui n’ont pas les mêmes interrogations sur le sens du monde que leurs parents, qui n’ont pas non plus la même expérience de la langue” (*Document d’application des programmes: Littérature Cycle3* (2002). Paris: Ministère de l’Éducation).

A literatura infanto-juvenil é uma vertente da literatura direcionada às crianças e jovens. Está repleta de livros especialmente escritos para estes, havendo, no entanto, obras que eram destinadas a adultos que com o tempo e por razões variadas passaram para o domínio da infância.

O termo literatura vem do latim “litterae” que significa conjunto de saberes ou habilidades de escrever e ler bem, e que se relaciona com as artes da gramática, da retórica e da poética.

O livro para crianças é considerado como um média constituído frequentemente por imagens e texto, tendo como finalidade “a entrada da criança na cultura”, segundo uma das expressões de Jerôme Bruner. É uma ferramenta de formação e de adaptação que representa um meio de acesso à cultura.

A literatura destinada às crianças tem como origem sobretudo os contos de fadas. Estes, inspirados na tradição oral e em superstições populares, tornaram-se muito populares sensivelmente no século XVII .

A literatura infanto-juvenil tem que ser entendida como um suporte necessário à construção e à transmissão de sentidos, contribuindo para o processo de socialização da criança. O adulto desenvolve aqui um papel preponderante na medida em que ele é o criador, o mediador, o transmissor de ideias e valores. Deste modo, a criança obterá uma janela aberta para o mundo e essa ajudá-la-á a desenvolver-se.

O conceito de literatura infantil tem sido bastante debatido e estudado por diversos autores, gerando alguma polémica. Aliás, há mesmo quem negue a sua existência.

Foi o autor Marc Soriano quem apresentou uma das primeiras propostas de definição do conceito literatura infantil, considerando, todavia, não abarcar completamente o *corpus*, reconhecido como tal:

“A literatura para a juventude é uma comunicação histórica (quer dizer localizada no tempo e no espaço) entre um locutor ou um escritor adulto (emissor) e um destinatário criança (receptor) que, por definição de algum modo, no decurso do período considerado, não dispõe senão de forma parcial da experiência do real e das estruturas linguísticas, intelectuais, afectivas e outras que caracterizam a idade adulta.” (1975:185)

Cecília Meireles (1951)<sup>7</sup> escreve que “são as crianças que delimitam o conceito com as suas preferências. Costuma-se classificar como Literatura Infantil o que para elas se escreve. Seria mais acertado classificar o que elas lêem com utilidade e prazer... Mais do que literatura infantil existem “livros para crianças”.

Há autores que salientam a importância do conceito de “prazer do texto” na literatura infanto-juvenil e propõem uma visão bastante alargada desse domínio, como é o caso de Jean Perrot (1975)<sup>8</sup>.

O livro é um objecto de prazer porque a criança encontra nele a satisfação de necessidades reais. Mas também é tema de estudo para críticos literários, investigadores e literatos, historiadores da literatura.

Mercedes Manzano (1985)<sup>9</sup> aponta três elementos fundamentais na definição de conceito do literatura:

- simplicidade criadora;
- audácia poética;
- comunicação adequada.

No entanto, há autores, como Juan Cervera (1991)<sup>10</sup> que propõem integrar na literatura “toda a produção que tenha como veículo a palavra com um toque artístico ou criativo e como destinatário a criança”.

Teresa Colomer refere que “la existencia de una literatura especificamente destinada al público infantil y adolescente es un fenómeno próprio del mundo moderno. Surge en el siglo XVIII y se halla aún en fase de expansión en la época actual” (1999:63).

---

<sup>7</sup> Citações retiradas em [www.eselx.pt/curso\\_biblioteca](http://www.eselx.pt/curso_biblioteca), em Maio de 2007

<sup>8</sup> Ibidem

<sup>9</sup> Ibidem

<sup>10</sup> Ibidem

Há quem defenda que a literatura infanto-juvenil se inicia nos séculos XVII e XVIII com os contos de fadas, fábulas e adaptações de obras de aventuras (Perrault, La Fontaine, Fénelon, Swift) com o objectivo de educar, moralmente, jovens e crianças.

Mas foi nos séculos XIX e XX que a literatura infantil desabrochou, como afirma José António Gomes (1998:69): “é no século XIX que assistimos à verdadeira génese de uma literatura para a infância em Portugal. Muitos investigadores defendem que a literatura infantil surgiu em Portugal no século XIX com a geração de Antero de Quental, Eça de Queirós e Guerra Junqueiro. Todavia, outros contradizem essa asserção”.

A fantasia, o sonho, a aventura extra-planetária e ficção conquistam a literatura para os mais novos.

Encontramos nela contos, novelas, poemas, textos pertencentes ao património da literatura portuguesa e também ao património universal.

Quando à literatura infantil, propriamente dita, apareceu naturalmente marcada com algumas preocupações de época, tais como, a educação e a moralidade.

Para poder compreender melhor o que é a literatura infantil, é necessário procurar as suas origens na literatura tradicional oral. Queremos com isto dizer que as lendas e as tradições folclóricas de todos os povos, transmitidas de geração em geração, são a principal fonte de inspiração da literatura infantil. Veja-se, a título de exemplo, “*Les contes de ma mère l’Oye*” registados e publicados por Charles Perrault, os contos de origem árabe que integram “*As mil e uma noites*” e muitos outros. Mais tarde, para surpresa de todos, apareceram livros escritos para adultos que surpreendentemente acabaram por se tornar a delícia das crianças e jovens, como é o caso de “Robinson Crusóe” (Daniel Defoe) e de “As viagens de Gulliver”, (Jonathan Swift). Este último é uma sátira social cheia de fantasia, irresistível para as crianças, versando a aventura de um homem comum transformado em gigante numa terra dos anões.

Só no século XIX é que as crianças se apoderam deles. A sua função será mais predominantemente de carácter moralizador e educativo.

Como atrás referido, durante muito tempo, as crianças foram consideradas adultos em miniatura ou seres imperfeitos que teriam os mesmos interesses e as mesmas reacções que os mais velhos. Não haveria, por isso, necessidade de se distinguir entre o que se destinava a uns e a outros (M.L.Bettencour Pires, 1981:28).

É a partir do século XVIII que a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias. Por conseguinte, achava-se

conveniente afastá-la da vida dos adultos para que recebesse uma educação que a preparasse para o futuro.

Do século XVII até ao século XIX, podemos falar de uma espécie de literatura cortesã para a infância, isto é, de alguns livros que nasceram no seio da aristocracia, com um teor de índole mais feminino e que despoletaram inúmeros devaneios e fantasias.

O século XIX é um século de progresso em pedagogia. A infância é considerada como uma etapa na construção do indivíduo e é objecto de todas as atenções. São de referir grandes nomes desta época, como, por exemplo, Hans Christian Andersen (1805-1875) ou Lewis Carroll (1832-1898).

Os textos para crianças surgiram principalmente com o objectivo de ensinar valores e ajudar a enfrentar a realidade social.

A grande aceitação dos contos de fadas teve consequências importantes na emergência e evolução da literatura infantil. Num primeiro momento, impôs o lúdico sobre o instrutivo e, num segundo, contribuiu para a definição de um género mais voltado para as crianças.

Ao longo dos séculos XVIII e XIX, as temáticas dos livros são bem distintas conforme se dirigem aos rapazes ou às raparigas. Os primeiros irão ler romances de aventuras e de heróis (Robinson), enquanto as segundas lerão mais cedo contos, histórias populares, em que as heroínas ficam em casa, são dóceis e o seu destino é casar com um príncipe. Este facto perdurará e podemos citar, a título de exemplo, como herdeira dessa visão a personagem emblemática *Anita*, perfeita pequena fada do lar.

No entanto, vão aparecendo as primeiras opositora a este ideal, como *Alice no país das maravilhas* (Lewis Carroll) *Sofia* (Comtesse de Ségur) e *Pipi das meias altas* (Astrid Lindgren).

*Sofia* é uma menina da sociedade aristocrata que faz muitas asneiras e atreve-se a desobedecer às regras de comportamento estabelecidas. Mas as suas veleidades são rapidamente travadas visto que ela é sempre castigada (privada de refeição, açoitada) e finalmente é salva quando se torna “numa menina modelo”. Quanto a *Alice*, de Lewis Carroll, não é uma criança convencional: não é bondosa, dócil e tímida, mas viva, curiosa e ousada. Revolta-se mais contra o mundo dos adultos, sobretudo contra a hipocrisia social, o sistema educativo, que contra a opressão para com as raparigas.

A implementação de um modelo de educação misto trará consigo uma mudança na literatura infanto-juvenil ainda que, frequentemente, esta mudança só consista numa

simples inversão de papéis: a menina adquire valores masculinos, como *Pipi das Meias Altas* (Astrid Lindgren) e o menino adquire valores femininos, como *Oliver Button es una nena* (Tomie de Paola).

Imagem nº. 1: Pipi das Meias Altas



Fonte: Ver nota<sup>11</sup>

Imagem nº. 2: Oliver Button es un nena



Fonte: Ver nota<sup>12</sup>

Foi no século XIX que a literatura para crianças, em Portugal, emergiu propriamente. No entanto, nota-se uma certa colagem a padrões tipificados. Queremos com isto dizer que os textos narrativos ainda têm uma função educativa, pragmática e moralizadora, bastante explícita.

Por volta de 1970, verificou-se um enriquecimento significativo nas obras para crianças. Não só no aspecto educativo como também na preocupação com a qualidade e com a adequação dos livros para os mais novos.

Já nos finais do século, assinalou-se uma preocupação crescente com os reais interesses da criança, em termos literários.

A literatura infanto-juvenil tem sido “un mundo repleto de modelos femininos idealizados, pasivos pero coherente com los estereotipos dominantes, discriminadores e sexistas” (Cristina Cañameres, 2004:147)<sup>13</sup>.

Com o livro infantil pode-se fomentar atitudes que valorizem o ser humano sem dar importância à cor da pele, ao sexo, a diferentes modos de pensar.

A Literatura infanto-juvenil é mais estereotipada do que a realidade. Ainda está um pouco atrasada no que diz respeito ao papel desempenhado pela mulher. Segundo Anne Dafflon (2006), nos livros para as crianças dos 0-10 anos, a mulher está representada, antes de mais, através do seu papel de mãe. Não tem actividade profissional com

<sup>11</sup> Imagem obtida em <http://4.bp.blogspot.com/.../pipi+das+meias+altas.jpg>

<sup>12</sup> Imagem obtida em <http://centros4.pntic.mec.es/.../oliver00.jpg>

<sup>13</sup> Cañameres, Cristina (2004). Algunos roles sexistas en los álbumes ilustrados infantiles: Uno Nuevo sexismo? In Yubero, Santiago, Larrañaga, Elisa & Cerrill, Pedro C. (Coord.), *Valores y lectura: Estudios multidisciplinares*, nº 12 . Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha.

vencimento e, se exerce uma profissão, ela é estereotipada (professora, vendedora...), o que não é um reflexo da realidade. Apercebemo-nos que o papel da mulher pouco ou nada se alterou até aos nossos dias.

Imagem nº.3: Professora



Fonte: Ver nota<sup>14</sup>

Imagem nº. 4: Florista



Fonte: Ver nota<sup>15</sup>

Por outro lado, a literatura infanto-juvenil integrou, rapidamente, a evolução do papel dos homens. Temos o fenómeno dos “novos pais” envolvidos na relação com os seus filhos. As personagens masculinas desempenham uma actividade profissional variada e valorizada, e também têm uma presença vincada em casa. Já cuidam dos filhos, mais em actividades recreativas do que em tarefas domésticas, estas últimas reservadas, como sempre, às mulheres.

Estas personagens continuam a veicular a imagem da família dita tradicional.

A literatura infanto-juvenil é rica em ensinamentos de valores e de representações transmitidos pelos adultos às crianças.

Os textos de literatura infantil possuem uma natureza ambivalente (Shavit, 2003:104-105), isto é, prevêm dois tipos de leitor modelo<sup>16</sup> diferenciados em saberes, experiência, interpretação e capacidades de leitura.

Por meio da literatura, podem propor-se atitudes que valorizem o ser humano, sem dar relevância à cor da pele, ao sexo ou à sua proveniência. Será o meio mais adequado para transmitir uma educação com valores afectivos, éticos, estéticos e sociais, necessários a uma convivência respeitosa.

Na opinião de Teresa Colomer (2003:), “a literatura infanto-juvenil foi-se consolidando como um instrumento de socialização da nossa cultura”.

<sup>14</sup> Dicionário por imagens das profissões, p. 62

<sup>15</sup> Ibidem, p.45

<sup>16</sup> O leitor modelo é aqui definido em acordo com Umberto Eco (1993:58)

Historicamente, a literatura de recepção infantil e juvenil manteve relações íntimas com a literatura de tradição oral.

No decorrer do século XX e agora em pleno século XXI, acontecimentos sociais e políticos deram origem a diferentes posturas face à criança e à sociedade, assistindo-se a uma reformulação de valores e, por vezes, à desmitificação de alguns estereótipos veiculados pela literatura tradicional. Este novo ponto de vista propõe à criança uma nova visão do mundo, da vida.

Houve grandes mudanças devido a novas visões da família, da moral e da sociedade. Com a revolta de Maio 68 e seus valores, despertou-se para igualdade de sexos, a libertação das mulheres na decisão da maternidade, na escolha do trabalho fora de casa. A repartição de tarefas domésticas acentua ainda mais essas transformações. Naturalmente, esta mundividência reflectiu-se na literatura dirigida às crianças. Por outro lado, os trabalhos de psicólogos, como Bruno Bettelheim, subvertem o olhar posto sobre a criança e o adolescente.

A partir do 25 de Abril de 1974, em Portugal, reforça-se a ideia de que a criança é um ser com características próprias e direitos. Este acontecimento provocou, indubitavelmente, mudanças na literatura infantil e juvenil.

No entanto, nota-se que, já em fins do século XIX, encontramos, no seio da literatura infantil, crianças como protagonistas de textos, crianças dotadas de uma certa rebeldia, veja-se *Alice no País das Maravilhas*, *Pinóquio*, *Pipi das Meias Altas*. Por outro lado, face às convenções sociais, o modelo actual de família difere do tradicional. Surgem na literatura temas diversificados, como a morte, a droga, o divórcio<sup>17</sup>, famílias monoparentais, a luta contra a discriminação de género. Em lugar das crianças, ditas exemplares, dos livros edificantes de antigamente, as nossas personagens da literatura infanto-juvenil propõem ao leitor uma possibilidade de identificação, uma porta de entrada no mundo ficcional. A criança não é somente personagem, é ao mesmo tempo leitor virtual a quem o livro é destinado, ouvinte ou leitor a quem se dirige o narrador.

As crianças gostam que lhes contem histórias, querem, como qualquer leitor, que o livro seja utilizado como um “espelho”.

O conteúdo de uma obra infantil precisa ser de fácil compreensão para a criança que o lê, seja com a ajuda de um familiar ou por si própria. Além disso, tem que ser interessante e captar a atenção e deve ter, como fim principal, estimular e alimentar a

---

<sup>17</sup> “Esta drástica reducción familiar se há acentuado, incluso, com la entrada en la ficción de familias monoparentales: madres solteras o padres y madres divorciadas” (Colomer, 1999:116).

imaginação, desenvolver o sentido crítico, o sentido de humor e encorajar o gosto pela leitura em geral.

Toda a literatura é importante no sentido em que ofereça magia, fantasia e informações interessantes para enriquecer o repertório do leitor.

A literatura infantil desenvolveu-se de tal maneira que raros são os países onde não ocorrem feiras, exposições e conferências, tendo como tema os livros para crianças. Além disso, dá-se ênfase às cerimónias de entrega de prémios aos melhores autores e ilustradores.

Actualmente, esta literatura também propicia uma nova visão da realidade e do lazer.

*Las experiencias que transmiten los libros nos permiten vivir otras vidas, identificarnos con otras criaturas o recharzalas, conocer diferentes escenarios y tiempos, enfrentar multiplicidad de conflictos, explorar nuestras reacciones ante ellos y adoptar determinado criterio o postura*

Orlando Rodriguez: 1998:7

## **2.1. -Relação com a Semiosfera**

Os textos literários para as crianças estão sujeitos a regras e convenções pelas quais se devem reger, como é o caso do princípio da ficcionalidade.

Um dos protocolos necessários para a leitura do texto literário é o princípio da ficcionalidade, segundo o qual o texto não é uma cópia do mundo empírico e histórico-factual. Quer-se com isto dizer que o texto literário obedece a uma convenção estética e não a uma convenção de congruência histórico-factual, permitindo, contudo, gerar efeitos perlocutivos, ou seja, o texto literário possui a capacidade de originar uma modificação dos ambientes cognitivos dos seus receptores.

A leitura destes textos convida-nos, intencionalmente, a diversas interpretações e promove uma multiplicidade de sentidos, sendo por conseguinte, polissémico.

Tudo isto desafia o leitor, exigindo dele uma postura interpretativa activa.

Já Adolfo Simões Muller (1985) escrevia que “uma criança que lê, pode encontrar a varinha mágica que lhe permita entrar no mundo do sonho e da realidade. Dar-lhe essa leitura é despertá-la”.

A ficção é uma necessidade do ser humano. A criança é atraída acima de tudo pela vida e só o é pela mensagem simbólica que é a literatura na exacta medida em que esta a ajuda a compreender a vida. Ela situa-se ora muito próxima do real, ora em mundos fantásticos e maravilhosos.

Foi a partir da colectânea de Perrault, *Os contos da Mãe Gansa*, que os contos tradicionais passaram a ser a base de muita ficção infantil.

O texto constrói um mundo (com personagens, espaços, tempos...) e não pode obviamente dizer tudo sobre esse mundo. Ele pede ao leitor que complemente os espaços em branco, “pede ao leitor que faça parte do seu trabalho” (Eco, 1994, pág.9).

A leitura que efectuamos de um texto pressupõe conhecimento do mundo. O discurso utilizado, por vezes mais do que o conteúdo, condiciona a forma como o leitor modelo vai reagir. A colaboração do leitor também pode ser pedida através de “técnicas de lentidão”, permitindo-lhe “passeios inferenciais”, passeios imaginários. “Os leitores para poderem prever como irá desenrolar-se a história voltam-se para a sua própria experiência de vida ou para o conhecimento que têm de outras histórias” (Eco, pág.56).

O texto pode impor ao leitor um ritmo de leitura, através das descrições, que constituem uma estratégia de abrandamento que o autor crê necessário à “fruição do texto” (Ibidem, pág.66).

Segundo Umberto Eco, “a regra fundamental para abordar uma obra de ficção é o leitor aceitar tacitamente um pacto ficcional (...) o leitor tem de saber que [se trata de] uma história imaginária, sem que por isso pense que o autor está a dizer mentiras” (pág.81).

O fascínio da ficção reside no facto de a mesma nos encerrar “dentro dos limites do seu mundo e induzir-nos, de uma maneira ou de outra, a levá-la a sério” (Ibidem:84).

Para se ler uma obra de ficção, segundo o mesmo autor, “é preciso ter alguma noção dos critérios de economia que rege o mundo ficcional. Os critérios não estão lá ou antes eles devem ser pressupostos no momento em que se tenta inferi-los com base no próprio texto” (Ibidem:118).

A ficção fascina-nos bastante porque nos oferece a oportunidade de exercer sem limites as nossas faculdades, quer para percebermos o mundo, quer para reconstruir o passado. Nas obras de ficção, procuramos uma fórmula que dê sentido à nossa existência.

“Ao longo de toda a nossa vida, procuramos uma história das nossas origens, que nos diga porque nascemos e porque vivemos” (Ibidem: 146).

Encontramos obras que permitem a um leitor bastante jovem contactar, desde muito cedo, com um conjunto de valores considerados essenciais no quadro de um projecto educativo de gerações mais jovens. São eles, entre outros, os da amizade, da bondade, da solidariedade, do cumprimento da palavra dada, do respeito pela natureza, do amor à vida e, principalmente, o da aceitação de que o Outro, embora física, cultural ou psicologicamente diferente, deve ser respeitado, amado e educado para crescer autonomamente, sem tentativas, por parte daqueles que representam os educadores, de destruição dos seus próprios valores.

A personagem de uma história oferece ao leitor uma existência paralela. Ela apresenta-lhe um “espelho” no qual o leitor se revê. A personagem ficcional fascina o jovem leitor e contribui para a construção da sua identidade.

A ficção é algo de interessante porque suscita a liberdade de imaginar, de sonhar, de criar. Muitas vezes, através de uma história imaginária podemos encontrar o testemunho de um país, uma época, uma cultura...

A imaginação é uma faculdade importante, estruturante da personalidade.

Georges Jean refere que “ela não é uma fuga ao real: é uma energia transformadora que actua sobre a realidade, enriquecendo-a. Cultivar a imaginação é aumentar a nossa capacidade de conhecer e compreender a realidade” (1976)

Teresa Colomer (2003:40) afirma que a literatura é uma ferramenta muito efectiva que permite conhecer a nossa herança cultural e educativa, pois:

“Crea un espacio situado entre el mundo interior y la realidad exterior donde se pueden negociar y ensayar sentimientos, emociones e ideas, donde se puede ‘ser outro sin dejar de ser uno mismo’, de forma que la literatura sirve como un poderoso instrumento de socialización en el seno de la cultura.”

Com frequência, encontramos marcas de humor ou de situações insólitas, segundo o mundo de referência empírico e histórico-factual.

Para Nelly Novaes Coelho (1984: XI), a literatura é:

A experiência vital transformada em Palavra; é uma voz privilegiada que liga o homem aos outros homens e lhe permite um Conhecimento mais profundo do Mundo em que

ele deve viver e actuar. Experiência que funda o Prazer e o Conhecer, proporcionada pelo fenómeno literário precisa ser descoberta desde a infância.

Actualmente, a tendência dominante em literatura para os mais jovens é mostrar o mundo como espaço de descoberta, fruição e prazer.

## 2.2. - Valores / contra valores

Vivemos numa sociedade em que as relações entre sexos estão hierarquizadas e os valores dominantes são masculinos. O facto de se nascer homem ou mulher é determinante na hora de assimilar os valores e as normas de conduta que cada sociedade considera adequados a um ou outro sexo.

O desejo de inculcar nas crianças valores morais, de a “construir” e de a “educar” é evidentemente muito antigo, como testemunha o uso dado às fábulas de La Fontaine, por exemplo.

A literatura infanto-juvenil é um veículo transmissor de conhecimentos, de aprendizagens interculturais pelos valores que transmite e pode desempenhar um papel marcante numa educação onde as culturas se cruzam. Ângela Coelho de Paiva Balça afirma que esta literatura pode desempenhar um papel fundamental, na medida em que promove a aquisição de novos saberes, nomeadamente, relacionados com diversas culturas e com novos valores, auxiliando a criança na construção do conhecimento e na compreensão da diversidade do mundo que a rodeia.

O Professor Vítor Aguiar e Silva, na Nótula sobre o conceito de literatura infantil na obra de D.Guimarães de Sá, *A Literatura Infantil em Portugal*, afirma que “o livro infantil constitui um complexo linguístico e subtil laboratório linguístico para crianças. A literatura infantil é um vector extremamente influente na conformação do futuro” (1981, pp 11 e 15). A competência linguística conduz a um alargamento do conhecimento do mundo, da vida. Queremos com isto dizer que a literatura infantil pode ser uma ferramenta para a construção pessoal e social do indivíduo. Educação e valores são inseparáveis. Os valores possuem uma estreita relação com “as normas de comportamento”, o que inclui não só normas do uso da linguagem como também vincula atitudes.

No século XVIII, pensava-se que a função principal da família era a de dar formação moral e cultural às crianças, transmitindo-lhes valores sociais e religiosos. Deste modo, a literatura infantil era um dos meios a que os pais, a sociedade recorriam para modelar os mais novos.

Uma das linhas feministas que importa aqui destacar é a que exige a transformação da hierarquia tradicional de valores e onde a mulher procura a revalorização dos papéis sociais através do livre acesso dos indivíduos a todas as funções e modos de vida.

Os valores que são aceites como básicos dentro de uma cultura subjectiva<sup>18</sup> possuem um papel chave no funcionamento psicológico dos indivíduos. Os valores são entendidos, muitas<sup>19</sup> vezes, como crenças básicas através das quais interpretamos o mundo e damos significado aos conhecimentos. Eles fazem parte da nossa cultura.

Em alguns casos, os valores transformam-se noutros a que chamamos *contra valores*, o que é entendido como um valor contrário a outro (Pedro Cerrillo, 2004, p.11).

A leitura é um valor em si mesma. Além disso, as leituras são impregnadas pelos valores que o autor integra directa ou indirectamente no seu texto.

Há assim valores explícitos e valores implícitos, queremos com isto dizer que há valores que aparecem claramente, que estão no texto. No entanto, outros são depreendidos do texto a partir de um trabalho de dedução. Segundo Cerillo Pedro “una cosa es que un texto denuncie con claridad y de manera directa la explotación laboral infantil, o alerte sobre las recompensas de la generosidad y los perigos del egoísmo...y otra muy distinta que un cuento narre la historia de un niño que trabaja para sustentar a su familia...” (Senis Juan, p.50).<sup>20</sup>

A narrativa sob forma de história pode surgir numa fase muito precoce da vida da criança: os temas enquadrados como opostos binários (bem/mal; medo/segurança; beleza/fealdade; coragem/cobardia...) são elementos estruturantes nos contos populares considerados textos fundacionais da cultura de cada povo. Estes contra valores correspondem a momentos de oscilação das vivências infantis.

---

<sup>18</sup> Cultura subjectiva, segundo Pedro C. Cerillo (2004), é um aspecto que não se observa directamente, mas é algo que marca a diferença entre os distintos grupos, como serão as crenças, as normas, os valores partilhados por uma determinada comunidade.

<sup>19</sup> Cerrillo, Pedro C. (2004). Introducción. In Yubero, Santiago, Larrañaga, Elisa & Cerrill, Pedro C. (Coord.), *Valores y lectura: Estudios multidisciplinares*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, nº 12.

<sup>20</sup> Senis, Juan (2004). Textos con necesidades críticas especiales: Propuestas para el estudio de valores en los libros de lengua primaria. In Yubero, Santiago, Larrañaga, Elisa & Cerrillo, Pedro C. (Coord.) *Valores y lectura: Estudios multidisciplinares*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, nº 12.

Podemos destacar que, através dos valores educativos do conto, as crianças entram em contacto com outras culturas, outros povos e outras raças, contrapondo-se às suas formas de vida, o que favorece a emergência da solidariedade e compreensão.

Cada sociedade educa em função dos seus valores que, por sua vez, reproduzem e mantêm a ordem social estabelecida.

O conto é um dos elementos mais utilizados para a socialização das crianças. A leitura e contos ajudam na aprendizagem dos valores sociais. Podemos assim dizer que, os contos, que nos foram narrados quando éramos pequenos, nos ajudaram na construção e formação do que somos. Não há dúvida que a leitura é por si própria um valor porque ela nos torna mais humanos e aumenta a nossa qualidade de vida. Segundo Alberto Manguel “el mundo, que es un libro, lo devora un lector que es una letra en el texto del mundo; de esta manera se crea una metáfora circular para lo inagotable de la lectura” (2001:90).<sup>21</sup>

A maioria das leituras que nos são apresentadas está impregnada de valores sociais e, em consequência, a leitura passa a ser transmissora de valores.

Ao longo da sua história, a literatura infanto-juvenil desempenhou um papel de “transmisión cultural de los modelos femeninos y masculinos” (Colomer, 1999:45), constituindo uma forma de veicular novos valores, novos ideais, podendo contribuir para a construção de uma sociedade mais justa.

Homens e mulheres aprenderam a amar de forma distinta porque fazem parte de duas sub-culturas, a masculina e a feminina com valores, representações e atitudes diferentes. A mulher aprende como sendo um valor, que um dos papéis femininos importante é o de *cuidar, dar-se, entregar-se*.

O papel da mulher é importante, uma vez que foi principalmente através dela que as crianças ouviram histórias populares.

Os contos simbolizavam a mulher como narradora de histórias, transmissora de informação, logo, fonte de sabedoria.

A literatura para a infância, particularmente os contos maravilhosos, pode ser decisiva na formação da criança em relação a si e em relação ao mundo que a rodeia, inculcando-lhe, natural e ludicamente, um conjunto de valores.

---

<sup>21</sup> Sánchez, Sandra & Yubero, Santiago (2004). La transmisión y recepción de valores desde la lectura. Un estudio con niños de educación primaria. In Yubero, Santiago, Larrañaga, Elisa & Cerrillo, Pedro C., (Coord.), *Valores y lectura: Estudios multidisciplinares*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, nº 12.

Teresa Colomer (2003: 163) lembra-nos que, historicamente, “a literatura infantil e juvenil foi se consolidando como um instrumento socializador de nossa cultura”.

Com os contos ou outras histórias infantis, o professor consegue ajudar as crianças a discernir o bem do mal, a compreender o belo. Ele ajuda a criança a compreender valores implícitos que são importantes para a sua conduta humana e o convívio social.

Os contos infanto-juvenis estão repletos de muitos valores já referidos, digamos que de um passado imbuído de opressão masculina, sobrevivido pela mulher. É nossa opinião que muitas dessas histórias reflectem, essencialmente, valores patriarcais.

Se uma menina for aventureira, se tomar as suas próprias iniciativas, demonstrando espírito crítico, se revelar inteligência e se não for delicada ou submissa<sup>22</sup>, poderá ser conotada como “bruxa”. Por conseguinte, procura-se nesses contos, aproximar a figura feminina do modelo transmitido pelo homem e considerado como positivo, ou seja, o papel da princesa ou de fada que todos apreciam e valorizam.

Verificamos que houve uma evolução na literatura infanto-juvenil, quer ao nível do seu conteúdo e ideologia, quer ao nível do comportamento das personagens, o que nos permite apreciar o modo como se transmitiram aos rapazes e raparigas os valores de uma determinada época. Os textos que temos vindo a referir tinham como finalidade transmitir uma moralidade e valores da época.

A transmissão de alguns valores masculinos e femininos é um dos aspectos mais evidentes na literatura infanto-juvenil. É também evidente que, durante muito tempo, a discriminação de géneros se aplicava, ao mesmo tempo, às leituras para rapazes e para raparigas.

Ninguém duvida que o livro continua a ser o meio adequado para promover uma educação em valores. São valores afectivos, estéticos, éticos e sociais, todos eles necessários para conviver no respeito.

A educação para os valores não se faz por cardápio, refere o Doutor Rui Marques Veloso, mas perpassa por todos os textos de qualidade. Podemos encontrá-los nos contos.

Se uma menina for aventureira, se tomar as suas próprias iniciativas, demonstrando espírito crítico, se revelar inteligência e se não for delicada ou mesma submissa, então será conotada como sendo uma “bruxa”. Por conseguinte, procura-se nos contos,

---

<sup>22</sup> “Castidade, humildade, modéstia, sobriedade, silêncio, trabalho, misericórdia, custódia: as mulheres ouviram repetir estas palavras durante séculos” (Duby & Perrot, 1993: 138).

aproximar a figura feminina do modelo transmitido pelo homem e considerado como positivo, ou seja, o papel da princesa ou de fada que todos apreciam e valorizam.

Alguns autores tecem críticas ao consumismo, à avareza e acabam por enaltecer a crueldade e o egoísmo em vez de realçar valores, tais como a ingenuidade, a bondade, a imaginação, a humildade e a amizade.

“ Si se leen detenidamente mis libros aparecen aspectos positivos resaltando valores como la valentia, la inteligencia, la responsabilidad y fustigando contra la glotoneria, la excesiva TV, o los métodos pedagógicos represivos” (Dahl, 1991:27) <sup>23</sup>

Os protagonistas desta literatura eram portadores dos valores estabelecidos na sua época: a obediência (*Branca de Neve e os sete anões*), o desconfiar de estranhos (*Capuchinho Vermelho, Os sete cabritinhos*, etc), as boas maneiras (*O Gato das Botas*), a resignação perante a adversidade (*Os três porquinhos*). Contudo o papel masculino dos *homenzinhos*, chamados a serem heróicos militares e príncipes continuava a ser diferente do papel feminino das *mulherezinhas*, entendido como obedientes, passivas e submissas.

Isso leva-nos a pensar que a literatura lida ou transmitida às nossas crianças tem tratado das diferenças de género.

Tal como sucedia na literatura infantil tradicional, actualmente surgem narrativas em que a personagem viaja física e emocionalmente, formando a sua personalidade. Valores universais e intemporais, como a amizade, a compaixão, a generosidade, a solidariedade, entre outros, permanecem mediante outras roupagens. Encontramos, na literatura infanto-juvenil contemporânea, problemas sobre a condição humana, já presentes em contos tradicionais, tais como a rivalidade, a inveja.

A literatura, que é destinada à infância, constitui um importante elemento socializador e transmissor de valores.

Ao educar pretendemos tornar a pessoa mais valiosa. Falar de educação é falar em transmissão de valores. As nossas crianças estão submetidas a grandes contradições porque a maior parte dos valores que se ensinam no meio escolar entram em contradição com os que encontramos na sociedade como, por exemplo, um grande individualismo. Este último vem na sequência de contra valores, como a competitividade, o êxito fácil, o egoísmo, a violência, etc., em detrimento da cooperação que tanto se apregoa na escola.

---

<sup>23</sup> Yubero, Santiago, Larrañaga, Elisa & Cerrill, Pedro C. (2004). (p.94). *Valores y lectura: Estudios multidisciplinares*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, nº 12.

Deste modo, pensamos que a literatura pode contribuir e muito para uma nova “versão” da educação para todos.

O texto literário pode levar os alunos a reflectir, a debater grandes temas e a desenvolver o seu espírito crítico para fazer face às grandes e velozes mutações da sociedade actual.

A literatura pode e deve contribuir para a formação social e moral dos nossos alunos.

Urge romper com os estereótipos.

Verificamos que tudo se centra na ideologia patriarcal da masculinidade porque as tarefas domésticas são uma função, exclusiva, das mulheres.

Actualmente, a literatura infanto-juvenil é utilizada para socializar os leitores nas crenças e condutas que uma dada sociedade quer incentivar. Ela tem sido o veículo de diversas mensagens ideológicas para as crianças.

A literatura contemporânea abraça-nos com novas temáticas, como a recusa dos valores patriarcais e a emergência de novos valores.

Un lecteur lit aussi pour le simple plaisir d’apprécier la beauté des images, pour rire ou pour se détendre (...) Dans ses lectures plus légères, l’humour est souvent présent et l’intelligence, en éveil...

Renée Léon, 2004:56

### **2.3. - O Humor**

Falar do humor não é fácil porque se vive mais o humor do que se explica.

Normalmente, os livros com humor são bem aceites pelas crianças e não só.

Pode ler-se em dicionários com carácter de generalidades, como o dicionário da Língua Portuguesa contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa que humor

significa “comportamento ou modo de agir que provoca alegria, agrado ou riso nas outras pessoas” (Casteleiro, coord., 2001:2013). Também é sinónimo de “ironia, graça” (*ibidem*).

António de Moraes Silva (1992:217) considera o humor “uma disposição de espírito, um estado de alma”

É uma forma de comunicação entre os homens que se serve do ridículo, da ironia, do absurdo... Podemos considerá-lo como uma linguagem. Aliás, Stephen Potter refere que o humor é “algo que provoca uma diversión sosegadamente analítica” (in Juan Cervera:76).

De acordo com o *Dicionário Breve de Termos Literários* (Olegário Paz e António Moniz, 1987) “o humorismo designa hoje a tendência estético-literária para através da ironia, sarcasmo e cómico provocar no leitor a superação dos efeitos dolorosos da existência” (1997:110).

Isabel Ermida (2003:65) refere que “o humor não é o mesmo que o riso, já que pode existir sem ele (...) Muitas formas humorísticas visam atingir os usurpadores, os governantes” (Ibidem:59). Esta investigadora refere ainda que “o humor pode ser verbal ou não verbal; pode constituir uma experiência subjectiva ou cumprir propósitos comunicativos; versar a realidade ou reportar-se ao imaginário; pode cativar ou agredir” (Ibidem:26).

O humor constrói um modo de pensar e um modo de vida, é uma forma de liberdade e, através das narrativas, ele ajuda o leitor a crescer. Segundo Renée León (2004), o humor é uma realidade especificamente humana que passa, essencialmente, pela linguagem.

Na sua Teoria de la Literatura Infantil, Cervera (1992: 76-78) refere a importância da linguagem como jogo. O humor, na literatura infanto-juvenil, pode-se criar com situações que provocam o riso. Segundo este mesmo autor, o humor é um recurso comunicativo.

O humor presente nos textos para crianças revê-se em múltiplos dispositivos (a imagem, as personagens, a linguagem...) a que se acrescentam às principais competências universais do cómico humano.

O humor da imagem visual é o mais imediato. É acessível às crianças muito antes da leitura. Por exemplo, nos livros de Anthony Browne, encontramos este tipo de humor, que leva as crianças a manipular o livro e a “entrar” na história.

Uma das principais armas literárias utilizada pelos escritores é o humor com tonalidades de exagero e de ironia.

O humor tem aspectos benéficos ao indivíduo e à sociedade e é algo relevante enquanto fenômeno social.

O psicanalista Freud, num artigo sobre o humor, descreve esta sensação “comme moyen de défense contre la douleur” e conclui dizendo “l’humeur semble dire: Regarde! Voilà le monde qui te semble dangereux! Un jeu d’enfant! Le mieux est donc de plaisanter!” (Perrot, 1997:144).

Onde estará a razão de tanta lamentação e ódio, se frequentemente basta um riso ou um sorriso para a ultrapassar?

A lucidez é importante no humor porque é ela que nos permite rir de tudo com a condição de rir primeiro de nós próprios.

O humor combate, cura, liberta. O humor não está simplesmente ao serviço das outras virtudes, ele é também uma virtude porque transforma a tristeza em alegria, a desilusão em cómico, o desespero em alegria. Desfaz a seriedade da vida.

Uma das mais importantes características do humor é, com certeza, a desdramatização de uma situação difícil. É uma estratégia para libertar para libertar as angústias. O humor constitui, de certa forma, uma arma contra a angústia. “Mas vale rir do que chorar”, diz-nos o senso comum.

O humor é universal e intemporal. Acompanha a história da humanidade, transformando-se através do tempo e do espaço.

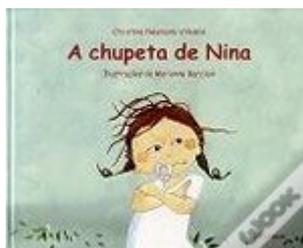
Mas rir está muito próximo da crítica, da ironia. Em algumas obras nota-se a explicitação de uma mensagem. Por vezes, o humor pode apoiar-se nas personagens e dar lugar a variações interessantes (*Pipi das meias altas, O pequeno Nicolau*).

No humor, as palavras têm um espaço privilegiado. Desde cedo, a criança desenvolve o sentido auditivo, logo está muito atenta às sonoridades e ao sentido a elas associado. Com frequência, usam-se os títulos e os nomes das personagens para brincar com as diversas possibilidades oferecidas pela versatilidade linguística.

O humor dá outra vida à língua escrita: escolha do vocabulário, comparações jocosas, registo familiar.

Em *A Chupeta de Nina* de Christine Naumann-Villemin (2005), por exemplo, podemos observar este humor. Trata-se de um álbum com certo teor pedagógico, escrito e ilustrado com muito humor e imaginação. A pequena Nina não deixa que a espezinham e responde a tudo e a todos. É o uso da chupeta na boca que acaba por deformar as suas mensagens, provocando um *feedback* engraçado. E mesmo quando se casar, usará chupeta! Eis uma imagem bem esclarecedora do temperamento de Nina...

### Imagem nº.5 - Capa da obra: *A chupeta de Nina*



Fonte: Ver nota<sup>24</sup>

Ao utilizar o humor na literatura infanto-juvenil, estamos a valorizar a criança, atribuindo-lhe capacidade para fruir, rir, interagir com o texto. Não esqueçamos que o humor é inseparável da inteligência humana, tanto por parte de quem o produz como de quem o consome.

Em muitas obras para crianças, o humor é visto como um instrumento desmistificador dos estereótipos veiculados pela literatura dita tradicional. “São de facto, numerosas as situações nas quais o humor nasce da presença ostensiva do absurdo e do nonsense” (Azevedo, 2003a:14).

Temos obrigação de cultivar o humor porque felizmente ele tempera a vida e é, em nosso entender, um acto de inteligência. Em diversas obras de recepção infantil, como, por exemplo, *Dezembro à porta*, de António Torrado (2005), *Uma vaca de estimação*, de Luísa Ducla Soares (2006), e outras encontramos narrativas divertidíssimas onde o humor reina.

## 2.4. - Estereótipos

“ Les livres pour enfants caricaturent trop les rôles attribués aux hommes et aux femmes, ils véhiculent énormément de stéréotypes. Dans les livres pour enfants, la représentation de la femme n’a pas changé depuis les années 50.”

(Anne Dafflon, in *Migros-Magazine*, 2007)

---

<sup>24</sup> A imagem nº 5 : Capa da obra: *A chupeta de Nina*, foi por nós digitalizada e reduzida do seu tamanho original.

Cada sociedade constrói as suas ideias sobre o que devem fazer as mulheres e os homens, a forma como devem organizar as suas vidas. No entanto, nem todas as sociedades atribuem as mesmas funções a um ou a outro sexo.

O que acontece é que praticamente em todas as sociedades as tarefas que realizam os homens gozam de maior prestígio social do que as realizadas pelas mulheres.

Delphine Bitton refere que: " le mot 'stéréotype' renvoie à cette idée de modèle que les petites filles et petits garçons mais aussi femmes et hommes doivent s'appliquer à reproduire dans leurs comportements, dans leurs convictions (...) il leur faut 'croire', 'adhérer' au modèle pour être considéré dans une norme. (2009)<sup>25</sup>"

Um estereótipo<sup>26</sup> é, de acordo com Robyn Quin (1997:137), "uma imagem convencional que se designa para um grupo de gente". Facilita a comunicação das nossas ideias acerca de determinados grupos, visto podermos supor que toda a gente está familiarizada com o estereótipo. Este actua como atalho e simplifica a nossa comunicação. No fundo, classificamos pessoas e etiquetamo-las.

Os estereótipos referem-se a expectativas e crenças partilhadas acerca de comportamentos apropriados e características de homens e mulheres numa dada sociedade.

São ideias preconcebidas, simples, que estão muito enraizadas e determinam as condutas, os comportamentos e as atitudes que se supõe que as pessoas devem ter em função do grupo de pertença.

Os estereótipos são generalizações abusivas que distorcem a realidade. Um exemplo de estereótipo muito comum é o de representar a mulher sempre como esposa e mãe, esquecendo (desconsiderando) as mulheres que trabalham fora de casa, as que não são casadas, as que têm uma vida social fora do lar. Os estereótipos de género são negativos para as mulheres e os homens já que impedem que ambos desenvolvam determinadas capacidades. Outro exemplo é o de representar frequentemente os homens como chefes de família, pouco capazes não só de transmitir afecto ou sentimentos (o homem nunca chora), como também de cuidar dos filhos.

Essas situações provêm do tipo de educação que recebemos e inconscientemente transmitimos na família, na escola, nos meios de comunicação.

Os estereótipos são adquiridos ao longo do processo de socialização.

---

<sup>25</sup> Mouvement français pour le Planning familial – Dordogne, 2009

<sup>26</sup> Um estereótipo poderá ser uma "ideia, preconceito, opinião...preconcebida e comum aceite por um grupo, mas que se impõe aos restantes membros de uma comunidade, colectividade" (Casteleiro, 2001:1571)

Alguns estudos apontam para a importância da família no reforço dos estereótipos de género, como por exemplo, através da selecção dos brinquedos que são oferecidos às crianças.

Os livros infanto-juvenis estão repletos de narrativas com personagens estereotipadas, como a mulher com um avental, nas suas tarefas domésticas (pôr roupa a secar, cozinhar, limpar...).

**Imagem nº.6**



Fonte: Ver nota<sup>27</sup>

**Imagem nº.7**



Fonte: Ver nota<sup>28</sup>

**Imagem nº. 8**



Fonte: Ver nota<sup>29</sup>

Na literatura, os estereótipos de género “são frequentemente definidos como o conjunto de crenças estruturadas acerca dos comportamentos e características particulares do homem e da mulher”, (Neto, A., Cid, M., Pomar, C., Chaleta, E., Folque, A., 1990:11).

Os estereótipos podem ser divididos em dois tipos: os estereótipos de papéis de género, que dizem respeito às crenças relativas às actividades adequadas a homens ou a mulheres e os estereótipos de traços de género, que remetem para as características psicológicas atribuídas a cada um dos géneros.

Em tempos não muito remotos, a mulher tinha quase exclusivamente o papel de parideira, cabia-lhe ignorar o desejo e banir o prazer. Era considerada a epicentro do lar. Era ela que punha a mesa ao marido, que o esperava para regular o ritmo e a actividade da casa, que lhe servia os alimentos, que lhe punha a cama pronta, que lhe dava muitos filhos, que lhe lavava os pés...

Durante a Inquisição, as mulheres rotuladas como “bruxas” foram perseguidas e torturadas até à morte na fogueira. Centenas de mulheres foram queimadas vivas<sup>30</sup>, sob a ordem da Santa Inquisição.

<sup>27</sup> Imagem retirada em [www.lab-elle.org](http://www.lab-elle.org) (2007)

<sup>28</sup> Imagem retirada de SANDS, John & CO.(2004), *O mundo maravilhoso de Sarah Kay*. Porto: Civilização.

<sup>29</sup> Imagem retirada de Alexis Tolstoi e Niamh Sharkey (2005), *O Nabo Gigante* (p. 13), 2ª ed., Lisboa: Livros Horizonte.

Em finais do século XVII, todas as mulheres “avaient été cataloguées (... ) comme porteuses potentielles d’une image de sorcière” (Zipes, 1986:53). Tratou-se de um verdadeiro combate às mulheres, na medida em que muitas foram injustamente acusadas, sacrificadas pela igreja pelo sexo oposto, cujo poder era supostamente ameaçado. Este último tinha de ser, obrigatoriamente, masculino (para lembrar a história de Joana D’Arc!). Sendo assim, podemos afirmar que a submissão era tida como parte da natureza feminina. A mulher foi vítima de uma educação imposta por uma dada cultura, uma sociedade, uma religião, uma família e, sobretudo, pelo próprio homem.

Criar estereótipos é uma forma de categorizar grupos segundo o seu aspecto, a sua conduta ou os seus costumes. Quando se utiliza um estereótipo, identifica-se alguns dos rasgos mais característicos desse mesmo grupo, logo tecemos um juízo de valor acerca dele, que pode ser ou não positivo. Ao usar uma imagem estereotipada, estamos a oferecer a dita imagem como representativa de um grupo.

Os estereótipos resultam de uma selecção de características que representam um determinado grupo ou personagem. A selecção dependerá dos valores que a comunidade possui sobre ele. O estereótipo será sempre o reflexo da opinião que se tem do grupo (Robyn, Quin, 1997: 140).

Existem várias classes de estereótipos, como os de nacionalidades, raças, sexos...

Os estereótipos fazem parte do nosso quotidiano. Aparecem nos periódicos, nos livros, na televisão, na publicidade...

Existem também estereótipos que se contradizem em certos grupos, como é o caso dos atribuídos às mulheres (intelectual, solteirona, ruiva tonta, sogra...). Nenhum estereótipo é imutável ou eterno! Ao longo dos anos, os estereótipos vão-se modificando pouco a pouco, devido à evolução da sociedade. Somos nós, sociedade, que criamos os estereótipos. Eles são portadores de valores que são aceites pelo grupo social.

Normalmente, cabem ao homem papéis relacionados com a esfera pública e o trabalho remunerado do casal, tomando em mãos as decisões mais importantes. Desempenha o papel produtivo, o que dá poder e prestígio. À mulher cabem papéis articulados com a esfera do privado, a família e o lar, sendo da sua responsabilidade a

---

<sup>30</sup> “Era necessário queimar seus corpos e lançar suas cinzas ao vento, para que, através das artes diabólicas, seus corpos não fosse capaz de se reconstruir” (Zordan, 2005:335).

organização da vida quotidiana da família, o cuidar dos filhos e dos aspectos ligados à saúde e à educação, a execução das tarefas domésticas, trabalho que não é remunerado.

Foi-se formando um conjunto ideológico, expressando-se através de uma atitude comportamental de superioridade masculina, especialmente na vida económica, na vida profissional e na relação pessoal e íntima, formando um arquétipo masculino, de força, domínio, autoridade, bravura, agressividade, paternalismo e auto-confiança. Em contrapartida, aparece o mito da feminilidade dócil baseado, essencialmente, na ideia da mulher socialmente dependente do homem. É apresentada como gentil, submissa, maternal, casadoira e obediente.

Frequentemente, na literatura tradicional da expressão oral, a mulher é marginalizada.

O estereótipo da mulher é definido como passivo. É ela que cuida do seu marido e dos seus filhos e raramente podemos vê-la em público. Enquanto que os homens estão fora a labutar, as mulheres encontram-se em casa a criar e a cuidar dos seus filhos.

Estes estereótipos permitem a cada um inserir-se e ser aceite na sociedade. Mesmo se a criança, dentro do seio familiar, é educada sem ter a noção vincada da diferença, um dia ela confrontar-se-á com o que está à sua volta e com vários tipos de subentendidos que a colocarão no “bom caminho”. Assim sendo, o sentimento de pertencer a um dos dois sexos é uma crença e, logo, a nossa identidade sexual está na cabeça dos nossos pais e de todos aqueles que nos rodeiam. A aprendizagem da identidade sexuada inicia-se com o nascimento no seio familiar, passando depois pela escola e pelos média.

O pai e depois o marido eram, legalmente, responsáveis por ela, devendo protegê-la do mundo exterior. Economicamente, era dependente do homem, do pai enquanto solteira, e do marido, quando casada. Este modelo aplicava-se nas classes sociais média e alta. Nas classes trabalhadoras, a mulher tinha que se sustentar a si própria, quer fosse solteira ou casada. A sociedade não concebia que as mulheres pudessem ou devessem viver com total independência. Uma mulher independente era olhada como antinatural e detestável.

A mulher permanece um enigma<sup>31</sup> para o homem, o seu poder torna-se, para ele, ameaçador e tal facto assusta-o.

---

<sup>31</sup> Nelly Novaes Coelho (1982:88) enfatiza que, desde sempre, a mulher teria representado, no universo, um enigma: “uma força primordial, necessária e, ao mesmo tempo, temida e por isso mesmo continuamente dominada pelo homem”.

Desde a Antiguidade até aos nossos dias, não se pode pôr de lado o papel da mulher como fonte de inspiração estética ou artística nas diferentes culturas. Contudo, não se pode falar desse papel sem ter em conta as crenças, os valores, os discursos e o imaginário presente em qualquer imagem.

Na sua educação, as raparigas desempenhavam trabalhos de agulha, bordados, rendas a que se chamava labores femininos.

Até uma época muito recente, a burguesia comprazia-se em ver as mulheres a preencher a sua inactividade, restringindo-se a tocar piano ou outra ocupação parecida, para o repouso e orgulho de seus pais e maridos.

É pelos salões que a cultura se difunde entre as mulheres. Para elas não existe ensino superior nem mesmo secundário (século XVIII). Era nestes locais que, muitas vezes, se trocavam impressões. Nestes salões, as mulheres desenvolviam várias actividades artísticas, como a música, o canto, o teatro...

A primeira mulher a ter um curso completo foi Julie Daubié em 1861.

Para muitos, a beleza ainda será um atributo feminino e é uma possibilidade táctica de intervenção social. A concepção de mulher que Charles Perrault registou continua a prevalecer:

*“Les héroïnes des contes sont très jolies, loyales, dévouées à leurs tâches ménagères, modestes et dociles et quelquefois un peu stupides, encore que ce défaut passe chez Perrault pour être presque une qualité quand il s’applique aux femmes. L’intelligence peut être dangereuse. Dans son esprit, comme pour beaucoup d’hommes et de femmes d’aujourd’hui, la beauté est un attribut féminin et l’intelligence reste le privilege des hommes.” (Zipes,1986:41)*

A mulher feia tem de utilizar outras técnicas. Ser bela é um argumento de convicção tanto mais eficaz quanto desprovido de sentido.

A mulher bela é também a verdadeira mulher, em constantes preparos, desnudada, perto da água, das flores, dos frutos, longe das contingências sociais e do trabalho diário.

Quando a mulher é apresentada como ideal é muito comum que ela seja de uma beleza extrema, o que é considerado como o melhor atributo que pode possuir o ser humano de sexo feminino. Podemos encontrar mulheres de pele branca (parecida com a neve) que serão de alta classe social porque, se forem mulheres do povo, que normalmente têm tarefas no campo, possuirão uma pele mais áspera devido ao sol. As

jovens de pele branca terão cabelos compridos e loiros, lábios vermelhos e olhos brilhantes.

Temos, como exemplo, a personagem do conto Branca de Neve, recolhido pelos irmãos Grimm. É branca como a neve e, como tal, representa um antigo estereótipo de beleza feminina. A beleza, para uma mulher, continua sendo um atributo muito valioso, que influencia a confiança, o bem-estar físico e também emocional. No que diz respeito ao homem, ser bonito ou belo não será o mais importante, porque socialmente se valorizam outras faculdades como a iniciativa ou a inteligência, ao contrário daquilo que acontece com a mulher.

A beleza perfeita é, também, suspeita de ser vazia ou vã, sem espírito, sem alma ou sem cultura. Essa beleza só é reconhecível quando inscrita numa definição estrita de feminidade. A mulher inteligente perde parte da sua beleza, carregando as sobrelhas nos seus momentos de reflexão.

As meninas de Sarah Kay são célebres pelos seus vestidos com rendas, pelos chapéus e as suas redondezas angelicais.

#### Imagens nº 9



Fonte: Ver nota <sup>32</sup>

A figura feminina está frequentemente ligada a pureza (verifica-se este aspecto na religião).

Na obra *Le deuxième sexe* (1976), Simone de Beauvoir descreve a mulher como sendo uma construção social, o resultado de uma educação determinada por uma cultura, uma família. Ela não nasce como um ser passivo, submisso e delicado, mas é ensinada a sê-lo.

---

<sup>32</sup> Imagens retiradas do livro de SANDS, John & CO.(2004), *O mundo maravilhoso de Sarah Kay*, Civilização Editora, Porto.

Nas reuniões sociais, os homens colocavam-se em círculo para beber e as mulheres juntavam-se num canto da sala para falarem dos seus filhos.

O rosa para as meninas e o azul para os meninos são ainda dominantes antes na selecção do vestuário, apesar de panóplia de cores oferecida.

Os pais criam um ambiente específico para cada um dos sexos. Tal verifica-se na preparação/decoração do futuro quarto do recém-nascido, onde encontramos: paredes, móveis pintados de rosa claro ou de amarelo, bonecas, peluches, brinquedos tipicamente femininos num quarto de menina. Num quarto de menino, tons de azul, com equipamentos de desporto, carrinhos, bolas, etc.

A nossa sociedade, sociedade ocidental, provavelmente estará ainda muito influenciada pelo mundo das aparências.

le vêtement constitue le domicile de notre corps. Il nous habille autant que nous l'habitons. Identité réelle ou d'emprunt, peu importe, nous sommes du genre, du sexe, que manifeste notre habit, jusque dans les fictions du moi qu'il exhibe. Les petits adolescents le savent, qui cherchent de plus en plus tôt à s'appartenir par le vêtement, à s'émanciper des conformismes parentaux et des diktats sociaux, à se singulariser en même temps qu'à se confondre avec la bande d'élection. (Garat, 2004 :107)

Os adultos motivam as brincadeiras “sexuadas”, seleccionando brinquedos de acordo com o sexo da criança.

A diferença observada nos objectos e brinquedos e, sobretudo, a sua funcionalidade, correspondem às particularidades encontradas nos comportamentos femininos e masculinos: emoção, doçura, compreensão e criatividade- atributos femininos; agressividade, competição, actividade, domínios se associam aos rapazes (Spencer & Helmerich, 1978, in Campenni, 1999).

O brinquedo é um dos meios privilegiados da criança para entrar em contacto com o mundo que a rodeia. O brinquedo irá permitir-lhe reproduzir alguns comportamentos que terá observado, mas também servirá para devolver ao adulto regras que terá aprendido.

Quando a criança chega à escola, já tem consciência de pertencer a um dos grupos.

Sendo as brincadeiras e as actividades em que as crianças se envolvem marcadas pelos estereótipos dos papéis de género, verifica-se que as raparigas oferecem mais disponibilidade para se envolverem em actividades socialmente consideradas como de

índole mais masculina do que o inverso. Contudo, as crianças gostam de se agrupar nas suas brincadeiras, de acordo com o género.

Em inúmeros livros da literatura infanto-juvenil, perpassam estereótipos, atribuindo aos rapazes e às raparigas, pais e mães, homens e mulheres, o papel tradicional que esperamos deles.

De um modo geral, os rapazes são, na maior parte do tempo, os heróis de séries de álbuns e estão, predominantemente, nos títulos das histórias, aparecendo frequentemente nas capas. Além disso, têm o papel principal ou um papel secundário, se bem que raramente, destacando-se nas ilustrações, em detrimento das raparigas.

Encontramos, frequentemente, representações bem definidas. As raparigas têm actividades normalmente viradas para o interior. A mãe cuida muito bem da casa e inclui a filha. Sai de casa para fazer compras. Os rapazes não têm preocupações domésticas, as suas brincadeiras empurram-nos para o exterior ou são enviados para experiências interessantes. O pai, mantendo o conforto da casa, usufrui de alguns momentos de descanso, por vezes, acompanhado de seu filho. É ainda frequentemente o único a tratar do carro e a conduzi-lo.

É ele que está diversas vezes posto em cena em actividades recreativas com a criança (jogos, desportos, ler um livro) enquanto que a mãe é representada em actividades que têm como objectivo os deveres parentais (dar banho, ajudar nos deveres) ou as tarefas domésticas.

Verificamos que existe uma grande desigualdade na repartição das profissões. Há pouco por onde escolher nas profissões ditas femininas, enquanto que nas profissões ditas masculinas são mais variadas as opções.

Por outro lado, o papel ocupado confere um valor diferente. O sexo masculino é ainda mais representado nos papéis centrais do que nos secundários. Enquanto que, nas personagens adultas, as mulheres aparecem, reiteradamente em papéis secundários, o mesmo não é tão frequente nas personagens masculinas.

Adéla Turin<sup>33</sup> realizou vários trabalhos sobre a imagem da mulher nos livros infantis e verificou que continuava a ser a mesma de há uns anos atrás, discriminatória e irreal. Isto é, a mulher cuida dos filhos e das tarefas domésticas, enquanto que o homem ganha dinheiro. No seu estudo, ela dá relevo à existência de imagens estereotipadas sobre o homem e a mulher e que sobressaem em inúmeros livros publicados para a infância, ou

---

<sup>33</sup> Adela Turín é co-fundadora da Associação Europeia “Du côté des filles”

seja, os óculos ou a pasta aparecem associados ao sexo masculino e o avental, flores ou janelas, aparecem associados ao sexo feminino. Deste modo, se os rapazes aparecem activos e atrevidos, as raparigas surgem ainda com alguma frequência medrosas e passivas. A nível comportamental, as raparigas são afectuosas e sensíveis e os rapazes violentos e ousado.

O estereótipo das personagens malvadas, como as bruxas e as madrastas, tende a desaparecer em prol da malvadez dos bandidos, traficantes, personagens corruptas...

Outro dos fenómenos relativamente recentes na literatura infanto-juvenil é a presença de protagonistas femininos extraordinários, nem que seja pela sua capacidade de encenação, de ternura, de destreza, num espaço que parecia reservado aos rapazes como a personagem criada por Astrid Lindgren em *Pipi das meias alts...*

De um modo geral, na literatura infanto-juvenil, as raparigas e as mulheres são, claramente, identificáveis em relação ao seu sexo. Usam roupas e atributos somente femininos (colares, acessórios para o cabelo ...).

O sexo feminino é mais passivo, voltado para o interior da sua casa e locais privados. Encontra-se na companhia de familiares, particularmente, irmãos mais novos, filhos, com os quais efectua actividades domésticas, as quais são também referenciadas pelo tipo de roupa que vestem.

A família de grande parte dos álbuns existe, efectivamente, na realidade.

As actividades desempenhadas pelas raparigas são viradas para o espaço interior. A mãe cuida do bem-estar da sua casa e faz participar a sua filha. Somente sai para ir às compras. A mãe prepara o jantar e trata das tarefas domésticas e dos filhos (na verdade, nenhum livro faz menção ao facto de esta mãe desempenhar ou não alguma actividade profissional fora de casa).

A mulher, enquanto mãe, deve educar os seus filhos segundo uma cultura religiosa. Frequentemente, a mulher era apresentada como um objecto, um receptáculo capaz de gerar e dar luz à uma criança, como se algo adquirido pelo homem.

A construção social do género atribui funções diferentes a homens e a mulheres. O espaço de actuação está delimitado. Queremos com isto dizer que o espaço público é destinado aos homens porque é nele que eles desenvolvem as suas funções, deixando o privado para as mulheres. Não podemos esquecer que o espaço público é um local de prestígio e de poder, diferente do outro espaço onde se desenvolvem as actividades ditas tradicionais e consideradas femininas, que são as menos valorizadas socialmente.

Por outro lado, as vestes das mulheres são adaptadas a papéis domésticos tradicionais, estando o “avental” muito presente na figura maternal. Em oposição, os rapazes são frequentemente representados de forma mais assexuada. Eles surgem representados com roupas de exterior e profissional. Não têm preocupações domésticas, as suas brincadeiras empurram-nos para o espaço exterior. O pai, embrenhado no trabalho, descansa quando chega à casa. Como sustenta o conforto sua casa (aquecimento, revestimento ...) tem direito a alguns momentos de lazer (lê o seu jornal ou um livro) na companhia do (s) seu (s) filho (s), não intervém e prefere mesmo, ver televisão. O trabalho é mais o atributo dos pais que têm sempre uma profissão e mesmo que esta profissão não esteja evocada nos textos, está simbolizada pelo sofá, local que pode usufruir depois um dia árduo de labuta. Observamos que existe uma grande desigualdade na repartição das profissões. Enquanto que, para os homens, há um leque variado de profissões, para as mulheres, tal não sucede.

#### Imagem nº.10



Fonte: Ver nota <sup>34</sup>

A diferença entre os sexos efectua-se de forma subtil através de imagens estereotipadas.

Um estudo de Adela Turin destacou a existência de um léxico simbólico de imagens que podemos encontrar nos livros infanto-juvenis. Salienta-se:

- No interior da casa, o avental é um utensílio que representa o papel feminino, nomeadamente, o de mãe, simbolizando a limpeza e o cuidar das crianças. No exterior, o carrinho do bebé ou a cesta das compras são temas recorrentes que reiteram o papel feminino.

- O sofá é o “trono” do pai, o símbolo do poder patriarcal e do repouso merecido depois de um dia de trabalho.

- Os óculos simbolizam quer a inteligência quer a velhice;

---

<sup>34</sup> Imagens retiradas em [www.lab-elle.org](http://www.lab-elle.org)

- O jornal aparece como sinónimo de veículo de informação e síntese do espaço exterior à casa: a política, o desporto, a cultura. O jornal também é símbolo do descanso do pai, do seu direito a não fazer nada, de estar tranquilo quando volta do emprego.

A ilustração é, quase sempre, portadora de mensagens sexistas e/ou discriminatórias, utiliza um léxico simbólico para ensinar rapazes e raparigas sobre os papéis sexuais na família e na sociedade.

Notámos, também, uma evolução na representação de géneros. Actualmente, já se observa raparigas a brincar com berlindes e frequentemente são elas que vencem corridas e jogam à bola. Já não estão tão ligadas ao universo doméstico. As mães continuam a cuidar muito bem do lar e de sua família, mas algumas vão trabalhar. Por outro lado os rapazes põem a mesa, vão às compras, entre outras funções

#### Imagens nº. 11



Fonte: Ver nota <sup>35</sup>

Os álbuns para crianças são os mais utilizados no universo escolar. Assim sendo, as desigualdades na forma de representar os dois sexos são igualmente veiculadas neste contexto. Com efeito, muitas vezes, pensamos que um livro com um herói vai agradar quer aos rapazes quer as raparigas, enquanto que um livro que fala da história de uma heroína somente agradará às raparigas. Do nosso ponto de vista, achamos que tal está errado, visto por experiência própria quer rapazes quer raparigas preferem histórias com protagonistas da sua idade.

Muitas representações propostas às crianças nas ilustrações e nos textos não correspondem à realidade vivida pela maioria das famílias e não contribuem para gerar uma visão progressista da nossa sociedade.

A falta de modelos para as raparigas condiciona os seus comportamentos e fere, de certa forma, a sua auto-estima. Os estereótipos da literatura infanto-juvenil contribuem

---

<sup>35</sup> Imagens retiradas em [www.lab-elle.org](http://www.lab-elle.org)

para restringir as suas escolhas profissionais. É-lhes difícil escolher uma profissão que nunca viram executada por mulheres. Todavia, ressalva-se que o mesmo se passará do lado masculino pois o facto de um homem se rever num papel, que até então era do âmbito da mulher, faz baixar o seu ego, recear atitudes trocistas por parte de outrem.

Por exemplo, quando um herói foge à regra estabelecida não se livra de ser alvo de críticas e/ou de condenação. A título de exemplo, referimos o caso do livro de Tomie de Paola *“Oliver Button es una nena”* (2002), no qual a personagem principal (um menino) tem um sonho, o de ser bailarino. É tímido, inseguro, frágil, sensível e pratica uma actividade de “menina”, dança. Não gosta de fazer coisas de “rapazes”, gosta de colher flores, saltar à corda, pintar, passear, ler livros... actividades consideradas completamente desajustadas ao seu sexo. Este estereótipo de género implica a atribuição de traços do género oposto a quem não obedece ao estereótipo de papéis, sendo por isso alvo de discriminação. Todos os seus companheiros troçam dele. Até o próprio pai discute com ele e aconselha-o a jogar futebol.

Nos livros infantis actuais, já foram extintas das histórias as lágrimas das mulheres, a tristeza, a nostalgia, a janela... Em contrapartida, ainda se encontra muito as pequenas domésticas, as pequenas enfermeiras...

Diversos estudos mostram que os estereótipos de género na escola são transmitidos de forma mais subtil e menos directa do que na família.

As marcas culturais de uma sociedade, tradicionalmente sexista e machista, estão presentes a todo o momento na escola, na interpretação de contextos escola/família/meios de comunicação.

Nas obras, ditas não sexistas, actualmente publicadas, verificámos que, por vezes, há uma inversão de papéis, uma troca de tarefas entre os sexos, ou seja, começamos a ver rapazes a desempenhar actividades ditas “tradicionalmente femininas” e vice-versa.

Verificamos que, ao contrário dos rapazes, a rapariga protagonista pode fazer todo o tipo de actividades consideradas tanto de índole masculina como feminina. Assim, Alice joga futebol (jogo associado aos rapazes) com o seu pai e os amigos deste.

**Imagem n.º 12:** Capa da obra: *O jogo de futebol da Alice*



Fonte: Ver nota<sup>36</sup>

É nos contos tradicionais que podemos encontrar mais estereótipos de género, sobretudo nos contos maravilhosos, onde uma bela princesa precisa da ajuda de um certo príncipe para salvá-la das mãos de sua madrasta. Aqui temos um príncipe com características que se atribuíam aos homens: inteligente, valente. Finalmente, os dois casam e são felizes para sempre. A mulher é vista como recompensa.

Em muitos contos, a mulher tem o desejo da maternidade e, quando dá a luz, o seu papel termina porque já não há razão de existir.

A partir da década de 70 as significativas transformações nas questões sociais referentes à mulher, o trabalho fora de casa influenciaram um novo olhar sobre o assunto. Tudo isto contribuiu para transformações no campo literário, ou seja, no campo da representação. A partir daí começa a crescer uma nova literatura para crianças, com temáticas contemporâneas.

As mensagens sexistas surgem através do conteúdo e da linguagem, como também e sobretudo das ilustrações portadoras de estereótipos de género.

Um livro pode sempre servir de ponto de partida para uma conversa sobre os estereótipos de género. Quem lava a loiça? Quem vai às compras? Quem cozinha? Quem vai trabalhar? A final, o que é trabalhar? Quem vê televisão? Será que é justo? Será que tudo isto corresponde à realidade?

---

<sup>36</sup> A imagem n.º 12: Capa da obra: *O jogo de futebol da Alice*(2007) foi por nós digitalizada e reduzida do seu tamanho original.

**Quadro I**  
**Alguns Estereótipos Femininos e Masculinos, que podemos encontrar nas histórias**

| <b>Feminino</b>                        | <b>Masculino</b>           |
|--|----------------------------|
| Gentil, meiga, terna                   | Rigoroso, violento         |
| Sossegada                              | Fogoso                     |
| Emotiva                                | Intelectual                |
| Submissa, dócil                        | Autoritário                |
| Tímida, débil                          | Forte                      |
| Frágil                                 | Agressivo, rude            |
| Dependente e protegida (choramingtona) | Independente (nunca chora) |
| Maternal                               | Paternal                   |
| Bonita                                 | Feio                       |
| Passiva                                | Activo                     |
| Invejosa                               | Generoso                   |
| Curiosa                                | Indiferente                |
| Lenta                                  | Rápido                     |
| Dependente                             | Independente               |
| Superficial                            | Profundo                   |
| Doméstica ...                          | Empreendedor...            |

Quadro 1 (Herman San Martin, In M<sup>a</sup> Ángela Briñón García , Una visión de Género... es de justiça, 2007:.58)

Tanto a literatura como a história criaram uma série de mitos sobre as mulheres que permaneceram durante muitos anos e que mostraram como eram as mulheres, as suas características, assim como o que as esperava no futuro. Estes mitos transmitem tais ideias de uma forma subjectiva, inconsciente e criam visões falsas da realidade.

Actualmente, mulheres e homens continuam a viver numa relação de poder que evidencia a desigualdade do valor social atribuído tanto às tarefas femininas como às tarefas masculinas. Com efeito, o sexo feminino, frequentemente conotado como sexo fraco, interferirá na educação e socialização das crianças, se bem que haja uma pequena evolução no que concerne aos estereótipos de género.

### **2.4.1. – O antropomorfismo**

As histórias antropomórficas representam a maioria dos livros para os mais jovens (0 aos 3 anos). As crianças atribuem muito claramente um sexo a estas personagens.

Os animais, frequentemente, antropomorfizados, personagens de inúmeros álbuns, partilham com as crianças a suposta ingenuidade da infância e, podem então ser vistos como tais.

Tradicionalmente, o uso de animais humanizados tem perpetuado mitos sexistas.

As histórias de animais constituem uma das primeiras vertentes da literatura maravilhosa para os mais jovens. Com frequência, representam personagens que encarnam simultaneamente características humanas e qualidades próprias à sua condição de animal (personificação e animalização).

O auge do estereótipo encontra-se nas histórias que põem em cena os animais vestidos como humanos.

Tradicionalmente, a personificação de animais tem perpetuado mitos sexistas, já que os ilustradores os submeteram ao mesmo estereótipo de género que as personagens humanas:

“A las hembras se las pinta como delicadas, pequeñas y passivas, com largas pestañas y expresiones de recato. Los machos son fuertes, agresivos, de mandíbula cuadrada y audaces. El estereotipo sexista términos de la indumentaria constituye también una característica de estos animales humanizados (...) las hembras aparecen casi siempre vestidas com faldas de volantes y cofias (...) los machos tienden a vestir pantalones, corbatas y chaquetas” (Browne y France, 1988:156 in Cristina Cañamares).<sup>37</sup>

Aí encontramos pais autoritários, mães submissas, meninas idiotas e sonsas e rapazes viris. Neste mundo antropomórfico existem também avós contando histórias aos mais pequenos.

Nas famílias dos animais, as representações de género são muito tradicionais, o pai está representado no trabalho ou a descansar e a mãe na lida doméstica. A tradição é menos visível nos humanos onde os pais, por vezes, participam nas tarefas de casa.

Além disso, as personagens femininas antropomórficas são, mais frequentemente, dotadas de características físicas humanas de que as personagens de

---

<sup>37</sup> Browne y France, 1988:156 in Cristina Cañamares in Yubero, Santiago, Larrañaga, Elisa e Cerrill, PedroC. “Valores y lectura. Estudios multidisciplinares”, p.94, colección Arcadia, Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, nº 12, Cuenca 2004.

sexo masculino (pestanas compridas, lábios vermelhos, peito, em vez de barba, bigode, músculos).

Cromer e Turin (1997:7) sublinham que as histórias onde as personagens são animais humanizados dão uma representação ainda mais estereotipada dos papéis associados a cada sexo.

Em muitos casos, os animais carregam todos os comportamentos humanos e fundem-se em situações e atitudes ditas tradicionais. Mas, segundo Renée Léon (2004:64), a escolha de um animal como personagem pode ter uma acção desmistificadora através do cómico. Ele permite sublinhar um defeito, um traço ridículo, uma mania...

Nas narrativas de animais, surgem também, como tema recorrente, assumindo feições muito diversificadas, as interacções sociais em temas como a amizade e a solidariedade (*O Zonzo, o Cabritinho*, 2003, de Lynne Chapman e Rix Jamie; *Adivinha quanto eu gosto de ti*, 2005, de Sam McBratney), a descoberta do mundo, os preconceitos, assumindo feições muito diversificadas.

Temos constatado um crescendo na utilização de animais masculinos, exercendo papéis tradicionalmente ditos “femininos”.

Os animais antropomórficos permitem aos autores libertarem-se e aplicarem símbolos sexistas como o avental, a vassoura, a sopa, o jornal, o sofá do pai assim como passar modelos de comportamentos e de relações que seriam chocantes nas mulheres e nos homens de hoje.

Os animais escolhidos para encarnar cada sexo, constituem igualmente um vector de valor diferencial (Dafflon Novelle, 2002b; Ferrez & Dafflon Novelle, 2003). Os heróis de sexo masculino são, frequentemente, imaginados na pele de animais poderosos, como, por exemplo, o urso e os animais da savana, o tigre ou o leão. Em contrapartida, as heroínas são, muitas vezes, representadas sob os traços de pequenos animais, como por exemplo, o rato ou a abelha. Claro que, não querendo generalizar, surgem excepções, a título de exemplo, uma mãe urso e um pai toupeira.

Estes animais são frequentemente portadores de mensagens de egoísmo, de sexismo, de racismo. São eles que ensinam as crianças a desconfiar daquilo que é “diferente”.

Tradicionalmente, nas fábulas, intervêm animais para retratar as experiências morais dos seres humanos e sua qualidade, positiva ou negativa. Deste modo, o leão representará a coragem, o lobo a ambição e a coruja a sabedoria.

Normalmente, as crianças afeiçoam-se com facilidade a este tipo de contos tradicionais, pela sua estrutura simples e predizível e carácter explicitamente exemplar. Além disso, a ilustração actualmente oferecida dá asas à sua imaginação, alimenta a sua fantasia. Contudo, importa ressaltar que as crianças não descartam do seu imaginário, o “tal” ursinho ou outro animal de peluche, fiel companheiro do seu desenvolvimento.

Os animais são bem aceites pelas crianças porque também são seres frágeis.

**Imagem n° 13**



Fonte: Ver nota<sup>38</sup>

## **2.4.2. - A imagem da família**

A família é uma das temáticas privilegiadas e está presente em muitos álbuns.

A história costuma apresentar-nos a evolução que surgiu no seio familiar e, dentro dele, a equitativa ou injusta distribuição de tarefas. Os factos históricos sugerem uma evolução social que passa do matriarcado ao patriarcado.

A visão que os álbuns de família apresentam às crianças não mostra quase nunca os pais em interacção afectiva ou amorosa, na conversação ou na brincadeira com os seus filhos. Aliás, raramente mostram a mãe e o pai como casal apaixonado.

---

<sup>38</sup> Imagem retirada em [www.lab-elle.org/label/arguments](http://www.lab-elle.org/label/arguments)

A casa que apresentam às crianças é um espaço silencioso onde paira a pouca ou nula comunicação. Encontramos nela um pai, encafudado no seu sofá, antes e após o jantar, absorvido pela televisão que lhe oferece alguns dos programas tipicamente masculinos, como o futebol. Enquanto se pinta este cenário, a mulher e fada do lar confecciona a refeição, põe a mesa e arruma a cozinha. O conflito silencioso que transmitem as imagens reflecte bem o problema real da antitética divisão das tarefas domésticas, que as crianças vivem na realidade e que voltam a encontrar nos livros.

Eis uma imagem típica e clássica que se repete em inúmeros lares: um pai apressado que sai de manhã cedo com a sua pasta na mão ou algo referente à sua actividade profissional e que só regressa ao fim do dia. Neste momento, ou lê o jornal ou vê a televisão, insistindo na necessidade do silêncio. O único momento em que se encontra, em partilha, com a família é a “sagrada” hora de jantar.

Este momento crucial e importante na vida familiar “obriga” a mãe, de pé perante o seu marido e os seus filhos, a apresentar os alimentos num gesto de oblação e sem ripostar.

Esta imagem parece pertencer a uma antiga cultura rural. O ritual é composto frequentemente por uma sopeira, que a mãe traz como símbolo de oferta à família. A sopeira é apenas uma imagem que simboliza a dedicação da mulher ao seu lar, oferecendo alimento, gesto que é entendido de imediato pelas crianças, significando união da família.

### **2.4.3. – A imagem da mãe**

Nas histórias que eram dirigidas às crianças nos jornais para adultos (antes do desenvolvimento da literatura infanto-juvenil, no início do século XX), a mãe pobre, essencialmente lavradora, morria em tenra idade, confiando à sua filha mais velha o cargo de cuidar e de tratar dos irmãos mais novos (Du Côté des filles:11). Desde muito cedo, ela fica responsável por tarefas com competências ligadas ao género: a mulher como mãe instintiva, com o papel de pequena mãe. Em muitas ilustrações, observamos a mãe no seu leito de morte a suplicar à filha que cuide bem dos irmãos e do pai.

Este facto era recorrente porque não havia condições higiénicas necessárias, a alimentação era pobre em nutrientes e vitaminas, havia sobrecarga de trabalho e engravidava-se recorrentemente. A junção destes factores levava à morte prematura da mulher.

O viúvo voltava a casar (situação tão frequente nos contos tradicionais e nas narrativas do início do século XX) e, apaixonado pela sua nova esposa que era muito mais jovem, descurava o seu papel de pai, perspectivando frequentemente os filhos do primeiro casamento de forma passiva, indiferente e sacrificando duplamente a mais velha, vítima da negligência (por vezes do abuso) do pai e da arrogância da madrasta (Gata Borralheira, Pele de Burro...).

As raparigas do meio rural aparecem antes de mais iniciadas num papel de doméstica modelo, que lhes é transmitido pela mãe e/ou pela avó.

A mãe é uma das personagens a imitar, é o primeiro modelo da menina ao qual esta tenta de assemelhar-se. A mãe faz parte da infância, ela assegura a capacidade do amor, da escuta, sobretudo nos primeiros anos de vida da criança.

Mas, mais do que mãe, é também mulher que transmite um saber. Constatamos que o papel da mãe tem sempre lugar nas tarefas domésticas. Vemo-la a colocar a roupa a secar, ir às compras, confeccionar as refeições, cuidar de toda a família.

A partir dos anos sessenta, esta figura de mulher é contornada. A emancipação feminina fá-la obter liberdade, poder decisório, logo, a oportunidade de obter um trabalho fora de casa. Infelizmente, o retorno dessa liberdade é a adopção de dois papéis. O de profissional e o de doméstica porque, quer queiramos quer não, na funções de mulher encontra-se enraizado o papel de “criada” da casa. Mudam-se os tempos mas não se mudam as vontades.

#### **2.4.4. – A imagem do pai**

Nos livros, a imagem do pai severo simboliza a autoridade, a ordem e a sabedoria. O seu papel na família limita-se ao apoio económico que ele traz para casa de forma a sustentar os seus. Raramente, vemos um pai presente nas histórias, o que significa que ele está fora, no seu local de trabalho. Quando o vemos, vêmo-lo sentado no seu sofá à espera do jantar, lendo o jornal ou devorando a televisão.

Inúmeras vezes, aparece associado ao uso de óculos, o que lhe configura um certo “ar” de inteligente

A partir dos anos oitenta, já podemos observar, de vez em quando, um homem a lavar a loiça, a tratar do jantar (colocando um avental). Mas foi no início do século XXI que este papel “do novo pai” apareceu com alguma força. Já começamos a ver um

homem que abraça e acarinha o seu filho e que ajuda nas tarefas domésticas e educacionais.

No entanto, os pais não intervêm na higiene de suas filhas, é uma tarefa reservada às mães.

## 2.5. – Profissões

Como mencionado anteriormente, a família implicava uma divisão sexual do trabalho.

Nesta definição de família, cabia ao homem a responsabilidade de alimentar a mulher e os filhos. A mulher é que ficava em casa a cuidar do lar, dos filhos, dos progenitores e a gerir recursos.

O trabalho para o qual rapazes e raparigas eram formados era considerado como uma vocação. Ao sexo feminino, era-lhe associado o trabalho doméstico e ao sexo oposto, uma profissão fora de casa.

Numa primeira fase, verificámos que, em alguns livros, as profissões mencionadas eram na maioria atribuídas aos homens. As poucas que se atribuíam às mulheres, ditas “femininas”, eram o de serventes, professoras, amas. Apesar do tão proliferado “direito à igualdade de oportunidades”, as mulheres dos anos 70 continuavam a desempenhar, na literatura, os mesmos papéis que as mulheres das décadas anteriores.

Por outro lado, a vida profissional da mulher está muito mal representada na literatura para os mais jovens, de modo que muitas crianças, carecendo / necessitando de referentes a nível dos modelos femininos, terão dificuldade em compreender que a mulher pode desempenhar outro papel sem ser aquele que a sua breve experiência de vida e os textos lhe atribuem.

Com efeito, nos livros propostos às crianças, a profissão de médico é um papel quase exclusivamente associado ao sexo masculino (Brugelies, Cromer & Cromer, 2002). O desporto também é apresentado às crianças como uma actividade prevalentemente de índole masculina.

Constatámos, por um lado, que o sexo feminino tem um leque reduzido a nível de escolha profissional, enquanto que, por outro o sexo masculino possui uma vasta panóplia de opções.

Os trabalhos executados pelas mulheres encontram-se muito concentrados e muito limitados.

As mulheres são, muitas vezes, designadas pelo papel familiar e são menos numerosas no acesso a papéis profissionais. Além disso, as ofertas são pouco variadas e muito tradicionais (professoras do 1º ciclo ou algo ligado às crianças), em favor dos homens, representados em papéis profissionais muito mais variados e mais valorizados.

As personagens raparigas surgem na maioria dos casos afastadas das profissões artísticas, deixando implícito que estas são destinadas aos rapazes (músico, arquitecto, desenhador).

A inserção das mulheres no sistema de emprego tem tido uma subida significativa, mas continuam a escutar-se relatos de desigualdades. O mercado de trabalho rege-se ainda por um padrão marcadamente masculino, pressupondo uma disponibilidade integral dos homens para a vida profissional, a que corresponderia a disponibilidade integral das mulheres para as tarefas inerentes aos cuidados da família e do espaço doméstico.

Assim sendo, o mercado, do trabalho continua a reger-se pela ficção de que as mulheres estão “ausentes” dele. Define-se um certo posto de trabalho como sendo de teor mais feminino ou mais masculino, o que implica uma estereotipificação deste.

As criadas constituíam o maior grupo trabalhador na sociedade urbana, chegando a cerca de doze por cento da população total de qualquer vila ou cidade, em finais dos séculos XVII e XVIII.

Nas zonas industriais, o trabalho feminino, tido como barato, foi um dos elementos chave no desenvolvimento das indústrias têxteis, no trabalho da seda e das rendas.

A repartição do trabalho, segundo os sexos, na época da Revolução Industrial, é “produzida” em todos os discursos: exigências dos patrões, reivindicações sindicais.

A entrada de adolescentes no mundo do trabalho, como trabalhadoras domésticas, está ligada à educação que as mães, as avós, as tias ou outras figuras femininas lhes deram durante a infância. À mulher era atribuída a responsabilidade de cuidar da casa e dos membros da família. Na ausência da dona de casa, actividades como tomar conta do lar (limpar, lavar, passar, cozinhar, etc...) e das crianças menores eram exercidas pelas meninas, essencialmente, a primeira de uma fratria de irmãos.

As profissões exercidas pelas mulheres nos livros infanto-juvenis servem de modelo às jovens leitoras. Já referimos, anteriormente, que a panóplia das profissões femininas não é muito vasta. Por outro lado, as histórias que representam as mulheres numa

profissão fora do lar encorajam as raparigas a escolher as suas futuras actividades profissionais num leque maior, sem ficarem limitadas a domínios tipificados como sendo próprios do seu sexo.

A cultura judaico-cristã coloca a mulher no espaço doméstico, atribuindo-lhe como função principal o papel de mãe e o de esposa (donde resulta o mito veiculado cultural e socialmente da mulher como “fada do lar”).

#### **Imagem n° 14**



Fonte: Ver nota<sup>39</sup>

Observámos que, num leque de cinquenta profissões para mulheres, a maioria está ligada ao mundo do comércio, do ensino e da saúde. Poucas são aquelas que são pilotos de avião, ourives...

Aos poucos, as mentalidades foram-se modificando. A melhoria da escolarização e das qualificações das mulheres, as modificações do seu estatuto jurídico-legal e a entrada massiva no mercado de trabalho, conferiram-lhes autonomia financeira, possibilidade de partilha de poderes, acesso ao espaço público e independência face ao restrito espaço doméstico. Porém, “as mulheres continuam a ser o principal garante do funcionamento da família, contribuindo com metade ou mais, do sustento económico” (Vicente, 1988:27).

No século XXI, vemos homens no comércio, na agricultura, nos transportes, na informática, na investigação e as mulheres no ensino e nos serviços administrativos (recepcionistas, secretárias, enfermeiras, hospedeiras...). A consequência deste androcentrismo é a falta de modelos com os quais as raparigas se possam identificar, porque tudo o que a cultura dominante valoriza (arte, ciência, poder económico...) é apresentado com traços masculinos, aparentemente reservado aos rapazes.

---

<sup>39</sup> Imagem retirada em <http://juizdeforaonline.wordpress.com/>

A mulher com vencimento é obrigada a assumir dois papéis (o de doméstica e o de funcionária), tendo que abranger entre estes dois pólos, sobrecarregando-se com trabalho.

Infelizmente, encontramos ainda profissões estereotipadas nos livros para crianças, que passaremos a elencar, a título de exemplo:

**Quadro II**

| <b>Masculinas</b> | <b>Femininas</b> |
|-------------------|------------------|
| Lavrador          | Lavradeira       |
| Pescador          | Professora       |
| Professor         | Cozinheira       |
| Juiz              | Cabeleireira     |
| Moleiro           | Florista         |
| Polícia           | Infermeira       |
| Advogado          | Peixeira         |
| Cientista         | Bailarina        |
| Negociante        | Ginasta          |
| Pinto             | Empregada...     |
| Barbeiro...       |                  |

(Quadro II, adaptado e retirado de Brandão, Eugénio, Estereótipos em Manuais escolares, Cadernos de Condição Feminina, 9, 1979)

**Imagens nº . 15**



Fonte: Ver nota<sup>40</sup>

<sup>40</sup> Imagem retirada em [www.lab-elle.org/label/arguments](http://www.lab-elle.org/label/arguments)

Conforme já anteriormente referido, alguns estudos põem em evidência o facto de que as raparigas se imaginam em profissões bastantes estereotipadas em vez de posições de poder. A dificuldade para que elas ultrapassem os modelos tradicionais provém em parte dos papéis tipificados e pouco variados associados às personagens femininas que se podem encontrar nas obras de recepção infantil e juvenil. São necessárias narrativas onde as personagens desempenhem papéis variados e em igualdade (homens e mulheres seguindo carreiras profissionais e partilhando tarefas domésticas). Tal poderá modificar a percepção que as crianças possuem acerca dos papéis ditos tradicionais.

Por outro lado, histórias que representem a mulher, sem ser em tarefas tradicionais, encorajam as raparigas a escolher a sua futura profissão num leque mais alargado do que o de outrora.

Aos poucos, o sexo feminino vai conquistando o seu espaço nesta área.



## **Capítulo 3**

---

### Metodología



### 3.1. - Introdução

Neste trabalho, realizado no âmbito da Literatura Infanto-juvenil, analisamos como as representações de género e os modos como são veiculados os valores de género em sete obras para crianças.

A escolha deste tema fez-se com base na convicção de que a literatura infanto-juvenil é um meio de comunicação que permite à criança estabelecer contacto com aquilo que se passa em seu redor, é um meio de construção pessoal e social. Todas as histórias analisadas são redigidas por escritores / adultos e nelas transparece o intuito de passar uma mensagem, valores, comportamentos, entre outros, ao jovem leitor.

Nos álbuns e nos livros ilustrados, é possível aceder às representações do masculino e do feminino, tais como elas são apresentadas ou sugeridas pelos seus autores e ilustradores.

As diferentes formas como as personagens são construídas, a sua caracterização (descrição, acção, reacção...), a sua contextualização, as linguagens actantes, são dimensões que nos permitem detectar que representações de género estarão presentes na literatura para os mais jovens.

Na escola, recorre-se particularmente aos álbuns, na iniciação e aprendizagem da leitura, privilegiando a sua potencialidade lúdica na apreensão e elaboração de sentidos. Naturalmente, existindo desigualdades na representação dos sexos, estas também são veiculadas neste contexto.

Normalmente, os professores têm o conceito de que um livro, ao narrar a história de um herói masculino, cativará simultaneamente rapazes e raparigas. Todavia, persiste a convicção de que se contar a aventura de uma heroína, só agradará particularmente às raparigas.

Em nosso entender, de facto, falacioso porque tanto raparigas como rapazes parecem gostar de histórias desde que as personagens tenham aproximadamente a sua idade.

Um livro pode servir de ponto de partida para uma conversa sobre os estereótipos de género.

O propósito deste estudo é demonstrar que, na actualidade, a estereotipia sexual da personagem literária em estudo se encontra em dissolução.

Todas as obras foram escolhidas em função de apresentarem questões <sup>41</sup>de género e de valores. Algumas personagens femininas estão ligadas às tarefas domésticas e as personagens masculinas são quem trabalha fora de casa, aparecendo normalmente, nas ilustrações, sentadas na poltrona, lendo o jornal, vendo televisão ou simplesmente repousando do seu dia de trabalho.

### 3.2- Considerações sobre o corpus e análise

Após uma longa reflexão sobre a temática deste estudo, concluímos que uma das áreas mais aliciantes é a da literatura infanto-juvenil. Em parte, tal deve-se ao facto de presentemente desempenharmos o cargo de Coordenadora de Bibliotecas Escolares, o que alimenta deveras este interesse.

Cientes de que a área pretendida era a da escrita para os mais novos, restava-nos seleccionar o tema a aprofundar. Como mulher, estabelecemos identificações e paralelismos com muitas personagens representadas nas várias obras de literatura para crianças e jovens. Seleccionadas várias e, após uma análise mais pormenorizada, o primeiro impacto foi o da representação da mulher ainda muito estereotipada, apresentando já alguma consciência de certas realidades pessoais e sociais com que o género feminino actualmente se depara.

Sendo a oferta de obras bastante extensa, efectuámos uma pré selecção que foi objecto de apreciação quanto ao tema a estudar. As obras que melhor se enquadraram no pretendido foram *O livro dos porquinhos*, de Anthony Browne (2006), *Un heureux malheur*, de Adela Turin (2000), *Será que Joaquinha tem pilinha?* de Thierry Lenain (2004), *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carroll (2003), *Danny, o campeão do mundo*, de Roald Dahl (2006), *A princesa espertalhona*, de Babette Cole (2004) *Anita mamã*, *Anita baby –sitter* e *Anita na cozinha*, de Gilbert Delaye.

No âmbito desta selecção, considerámos três para focar nestas considerações sobre o *corpus*, pois parecem-nos paradigmáticas para o nosso propósito.

No caso da colecção *Anita* (Gilbert Delaye), configura-se a menina ainda bastante limitada aos papeis que a sociedade pré-define para a futura mulher (a menina dona de casa, a menina irmã, a menina cozinheira, a menina futura mãe); a segunda opção recaiu

---

<sup>41</sup> Algumas fascinaram a nossa infância, outras suscitaram particular interesse e reacção nos nossos alunos.

sobre uma obra escrita por Adela Turin e reflecte a mulher actual (independente, trabalhadora, emancipada, culta); por último, *O livro dos porquinhos* (Anthony Browne) foi seleccionado por demonstrar a evolução da mentalidade humana pessoal e social, focando esse progresso no papel e valorização da mulher.

A análise das obras fez-se tendo em conta essencialmente a representação, no texto icónico, da menina / mulher e, no texto escrito, a linguagem, as acções, as emoções, os acontecimentos relativos aos vários intervenientes no conto.

Nas obras referidas, as personagens também foram analisadas na perspectiva do seu papel e construção (personagens principais, secundárias, personagens complexas, planas, assim como a sua presença/ausência no mundo ficcional, criando assim uma teia interactiva entre o tema e a forma como as personagens são reveladas. O construto tema é aqui empregue no âmbito da crítica literária tradicional como sendo a ideia central de uma obra (O. Paz & A. Moniz, 1997) e a forma como as personagens são reveladas. Os espaços e contextos de vida das personagens femininas também são objecto de particular atenção.

Enquanto leitora, investigadora e professora de língua e literatura não é fácil efectuar uma análise imparcial de obras em que o papel da mulher está em destaque ou em segundo plano. Tal, deve-se ao facto de a minha formação pessoal, familiar e social já se enquadrar numa época mais evoluída quanto ao papel da mulher.

Na primeira obra referida, *Anita*, o papel da menina, futura mulher parece “naif”, com ilustrações muito realistas, enquadrando situações e tarefas direccionadas quase exclusivamente para o sexo feminino. *Anita* (Colecção Anita) é a personagem principal em todos os acontecimentos que se passam à sua volta.

Na segunda opção, o papel feminino já surge numa fase da vida adulta, o de mãe. Esta surge num segundo plano familiar secundário, praticamente anulada com papel de serviçal. Após um facto marcante, “desabrocha” como uma heroína para o núcleo familiar e a sociedade em geral. Passa de um papel secundário a protagonista dotada de complexidade. Está lá na hora certa, no momento certo com o sentimento correcto. E pela sua atitude de mulher corajosa e desembaraçada obtém respeito e valorização.

Na última obra, o papel da mulher, inicialmente, também é apresentado como secundário, tornando-se principal após uma atitude de revolta e indignação personagem que faz dela o elemento fundamental do seu núcleo familiar e como tal é decididamente reconhecida.

Estudando estas três obras, em particular, facilmente se detecta o que socialmente se tem feito em relação à condição feminina. Apresenta-se a mulher como um ser sem grande relevo que tem de demonstrar, em situações de grande desgaste, tanto ou mais valor que o homem. A partir destas situações, a sociedade vai alterar a sua visão do sexo feminino, passando a respeitá-lo, a valorizá-lo e a admirá-lo.

Até há relativamente pouco tempo, os autores de literatura infanto-juvenil eram predominantemente homens, facto que se poderá reflectir na forma como representam o sexo feminino. Em parte, este factor deve-se à própria educação que a sociedade, de geração em geração, tem transmitido à mulher - um papel mais recolhido, sombra na retaguarda. Presentemente, já se nota uma certa evolução na representação do papel menina / mulher na literatura para a infância e juventude. Ela passa a estar em destaque ao longo da intriga, assumindo mesmo o papel principal, com um enquadramento de personalidade regida por regras que exige a mulher do presente/futuro. O facto de já haver tantas e relevantes escritas da autoria de mulheres poderá ter contribuído para que o papel do sexo feminino, a forma como tem vindo a ser representado na literatura tenha sofrido transformações, assumindo um papel mais valorizado, tanto como elemento da família, como de um meio social mais vasto, como também ser individual reconhecido e valorizado.

Pensa-se que esta evolução, que já aparece na literatura infanto-juvenil, é fundamental para que a aceitação da mulher, em situação de paridade com o sexo masculino, comece a ser interiorizada desde o “berço”. Assinala-se alguma abordagem na literatura infanto-juvenil de assuntos que até há bem pouco tempo eram considerados tabu, como a mulher solteira ou divorciada, seres independentes sem necessidade da figura masculina, como *Simão* (Leiz, Juliet Pomes, 2005), ou a relação entre pessoas de diferentes etnias, como em *Nasredim* (Weulersse, Odile, 2007), diferentes níveis sociais, como em *Pipi das Meias Altas* (Lindgren, Astrid, 2001).

Todas as temáticas, sobre as quais se possa debruçar a literatura para jovens, têm revelado evoluções significativas em todas as personagens intervenientes, quer sejam masculinas ou femininas, inclusive, nos temas tratados, como etnia, cor, diversidade em geral e variadíssimos outros assuntos. É necessário que esta constante actualização e riqueza de temáticas (que socialmente vão marcando os tempos actuais) seja cada vez mais presente na literatura infanto-juvenil para que, desde muito cedo, a criança interiorize atitudes de aceitação e de respeito para com o outro. As obras escritas e ilustradas para crianças, desde tenra idade, alicerçam e enriquecem a sua formação, a

sua personalidade, assim como o seu saber cultural, contribuindo sem dúvida para que se tornem seres humanos mais conscientes, mais informados, flexíveis, tolerantes e culturalmente desenvolvidos.

Estes aspectos serão retomados e modulados no capítulo que se segue. Neste, assumimos a análise de todas as obras de pré-selecção.



## **Capítulo 4**



Análise das Obras

Só pontualmente as personagens femininas são protagonistas actuautes e personagens com alguma densidade na literatura para crianças. Quando evocadas, as meninas são passivas e apagadas. “Contentam-se” em ser bonitas e brincar com as bonecas.

A imagem da menina sossegada impôs-se de há muito tempo, desde os contos tradicionais e populares até aos dias de hoje.

A Gata Borralheira, Branca de Neve ou a Bela Adormecida são alguns exemplos de raparigas dóceis, meigas e relativa e aparentemente submissas às suas condições. Muitos contos incluíam uma moral implícita ou mesmo explícita que demonstrava que as meninas e as mulheres deviam ser pacientes e submissas.

De muito jovens, elas entregam-se às tarefas domésticas e esperam a libertação.

#### **4.1. - Colecção Anita**

As Anitas reproduzem todas as características de uma identidade psicológica e de um papel social estereotipados na diversas situações da vida quotidiana onde elas estão presentes.

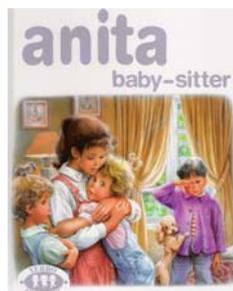
Trata-se de uma colecção de grande sucesso cujo título é o nome da protagonista.

Anita é uma menina muito simpática, bem-educada, prudente e frequentemente colocada no papel da perfeita mamã. Podemos considerá-la como figura emblemática contemporânea das meninas dóceis e prudentes. Anita cuida do seu irmão mais novo, vai às compras. Sabe fazer tudo, é competente em todas as tarefas que efectua, as quais são típicas do seu sexo.

Bela, limpa, combina as atitudes de uma jovem mulher com o olhar ingénuo de um bebé. Com efeito, os olhos de Anita, redondos, brilhantes, grandes recordam a ingenuidade infantil e são muito parecidos com os olhos de uma boneca.

##### ***a) Anita baby-sitter (Gilbert Delahaye)***

**Imagem nº. 16:** Capa da Obra *Anita baby-sitter*



Título: *Anita baby-sitter*

Autor: Gilbert Delahaye

Ilustrador: Marcel Marlier

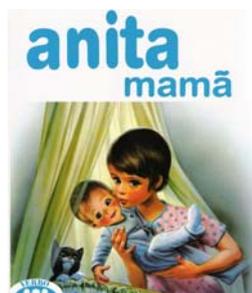
Em *Anita baby-sitter*, esta personagem é convidada por sua tia Cristina a tomar conta dos seus primos porque a tia tem uma saída.

De imediato, a protagonista cuida da casa e dos primos como se fosse a dona. Apoia um deles nos deveres e corrige-os, coloca os mais novos a montar um puzzle para entretê-los, ensina-os a fazer recortes e deixa uma das crianças a desenhar porque é a sua ocupação favorita. Após toda esta actividade, Anita prepara o jantar e dá-lhes de comer. De seguida, dá-lhes banho e deita-os com beijinhos, como se fossem os seus próprios filhos.

### **b) *Anita mamã***

Em *Anita mamã*, observamos novamente a personagem principal a substituir um adulto, desta vez, a própria mãe, que tem que sair .

**Imagem nº. 17 -** Capa da obra *Anita mamã*



Título: *Anita mamã*

Autor: Gilbert Delahaye

Ilustrador: Marcel Marlier

Anita cuida do seu irmão mais novo, dando-lhe banho, vestindo-o, prepara o biberão, seguindo os passos necessários para o efeito. Leva-o depois a passear ao parque, entre muitas outras tarefas domésticas que uma mãe desempenha.

Nas ilustrações, observamos como a menina é apresentada como uma adulta/mãe em miniatura, quer pelas atitudes quer pela postura. (pp.10; 20).

### c) *Anita na cozinha*

Imagem nº. 18 - Capa da obra *Anita na cozinha*



Título: *Anita na cozinha*  
Autor: Gilbert Delahaye  
Ilustrador: Marcel Marlier

Em *Anita na cozinha*, podemos encontrar traços concretos da menina futura dona de casa, através das acções (cuidar do irmão, cozinhar, entre outros) que nos são narradas e dos adereços da rapariga (avental, livro de receitas...) pp.1-2.

Tudo se passa durante as férias e Anita lembra-se do livro de receitas que sua madrinha lhe oferecera. Desejosa de experimentar aquelas receitas apetitosas, Anita resolve pedir à mãe que lhe explique certos passos na confecção de bolos, de bons pratos cozinhados. A mãe dá-lhe conselhos para o tempo de cozedura. Uma boa cozinheira precisa de muita imaginação, habilidade e paciência!

Toda a obra leva a que o leitor saiba o que fazer numa cozinha, desde a arrumação das caixas dos diferentes ingredientes nos locais certos, para não haver enganos, até à confecção de pratos, como, por exemplo, a maionese, a “mousse de chocolate”:

“-Só tens de seguir as indicações do teu livro: para seis pessoas é necessário: 200g de chocolate preto, seis ovos, seis colheres de sopa de açúcar, uma colher de sopa de manteiga.” (p.13).

As próprias imagens mostram perfeitamente o papel da menina dona de casa, complementando sem novidade estética o texto verbal.

Tal como nas obras desta colecção anteriormente analisadas, Anita, embora protagonista, é uma personagem plana, não evolui nem tem profundidade. O seu contexto de vida física e social é o lar, o parque onde leva o irmão, a casa dos primos, das amigas...

As ilustrações fascinam as crianças, porque são próximas da realidade. Os livros da Coleção *Anita* mostram-nos a inocência infantil e estimulam a projecção. O(a) leitor(a) vive intensamente o papel, como se estivesse dentro da própria narrativa.

São livros que vinculam demasiado o papel das raparigas à cozinha, à casa. Os espaços físicos e sociais são os típicos da condição de “fada do lar”.

O leitor vive intensamente o papel, como se estivesse dentro da própria narrativa.

## 4.2. - Un heureux malheur

**Imagem nº. 19** - Capa da obra : *Un heureux malheur*



Título: *Un heureux malheur*  
Título Original : *Uma fortunata catastrophe*  
Autor: Adela Turin

Fonte: Ver nota<sup>42</sup>

Esta narrativa mostra às crianças os antagonismos entre homem e mulher e, mais concretamente, a desigualdade nas tarefas e nas responsabilidades da vida quotidiana. Concretiza obstáculos ao acesso à paridade de homens e mulheres nos domínios profissional e político.

O grosso do trabalho doméstico continua a ser atribuído às mulheres.

O conto narra a história de uma família de ratinhos que têm uma vida sem imprevistos. Viviam num dos mais belos espaços da cidade.

O Sr. Radeville era presidente e director - geral de uma sociedade para a supervisão de armadilhas para ratos. Era um rato de boa aparência, orgulhoso dos seus grandes bigodes e da sua voz grave. A esposa era uma ratinha doce, modesta e submissa. Cuidava dos oito filhotes do casal com perfeição e passava o seu tempo a limpar, arrumar, passar a ferro, cozinhar, lavar.

---

<sup>42</sup> A imagem nº. 20 - Capa da obra : *Un heureux malheur* foi por nós digitalizada e reduzida do seu original.

### Imagem n.º. 20



Fonte: Ver nota.<sup>43</sup>

Os filhos admiravam a sociabilidade do pai. Adoravam, no fim de jantar, ouvi-lo contar as aventuras de juventude: “Après le dîner, Radeville racontait à ses enfants éblouis ses aventures de Jeunesse.” (p.15)

O mesmo se passava com a esposa, mas esta nunca tinha tempo para escutar porque a louça a esperava. Não podia deixar cair nada, pois se tal acontecesse o marido parava e os filhos resmungavam com ela: “Radeville, agacé, arrêtaït son histoire et les enfants grondaient:

-maman ... ! Tu vois bien que papa parle!” (p.17)

Quando o Sr. Radeville chegava a casa, exigia os seus chinelos, um silêncio absoluto e um jantar suculento para recompensar o dia de trabalho que tinha sido bem preenchido. A sua esposa, Sidonie, satisfazia todos os seus desejos e exigências (“- Sidonie, avec un peu plus de crème et deux brins d’estragon ajoutés à la dernière minute, ta blanquette serait parfaite”, p.13) ... até ao dia do incidente.

### Imagem n.º.21



Fonte: Ver nota<sup>44</sup>

Nesse dia, uma tempestade terrível abateu-se sobre a região.

A casa dos ratinhos ficou completamente devastada pelas cheias.

A mãe, com sangue frio e grande coragem, salvou os seus oito filhos e improvisou rapidamente uma casa nova para eles morarem, a gaveta de uma cómoda. Entretanto, o

<sup>43</sup> Imagem retirada da obra de Turin, Adela, *Un heureux malheur*, 2000, p.16 foi por nós digitalizada e reduzida do seu original.

<sup>44</sup> *Ibidem*, p.13

Sr. Radeville estava no seu trabalho, despreocupado. Quando chegou a casa viu tudo de pernas para o ar, sentiu nostalgia do conforto e tranquilidade perdidas e, sobretudo, das saborosas ementas confeccionadas pela esposa.

Sidonie, começou a apreciar os jogos, as caminhadas com os filhos e descobriu um talento que nunca imaginara ter, na área da música e do canto.

A partir de então, à noite, o Sr Radeville encontra os filhos tão alegres que deixa de exigir silêncio, chinelos (levados pela cheia) e até renuncia à televisão porque gosta de ouvir o som da viola e das canções. Mas não desiste dos bons petiscos e para isso põe mãos a obra. Cada receita conseguida é uma vitória e rapidamente as suas ementas começam a ser deliciosas e a ter tanto sucesso como as da esposa. Os filhos fazem questão de dar parabéns ao pai.

Neste conto podemos observar a inversão de papéis, quando as cheias devastaram a casa das personagens. O chefe de família entendeu que a esposa não podia realizar tudo em casa e que era necessário mudar alguns hábitos como dar mais apoio nas tarefas de casa.

Sidonie cresce, revela-se uma personagem interessante, interessada, descobre talentos que todos apreciam. É curioso assinalar que foi necessária uma mudança de espaço físico, exigida por um desastre natural, para que esta família se reinventasse e quem tal operou foi a protagonista mãe.

O novo espaço e condições de vida proporcionam ainda novos prazeres e emocionantes horizontes sociais e descobertas do mundo físico que parecem alargar-se cada vez mais.

### 4.3. - *O livro dos porquinhos* (Anthony Browne)

**Imagem nº. 22** - Capa da obra: *O livro dos porquinhos*



Título: O Livro dos Porquinhos  
Título Oriinal: Piggy book  
Autor: Anthony Browne  
Ilustração Portuguesa: Miguel Moure & Isabelle Buratti

Fonte: Ver nota <sup>45</sup>

---

<sup>45</sup> Imagem nº. 23 - Capa da obra: *O livro dos porquinhos* foi por nós digitalizada e reduzida do seu Original.

Esta obra narra uma aventura extraordinária que ocorre no universo da casa.

É a história da família do Sr. Porcino e dos seus dois filhos. Viviam numa boa casa com um belo jardim e tinham um bom carro.

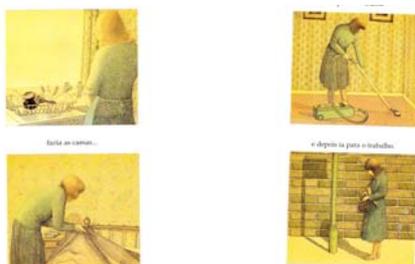
A esposa estava sempre dentro de casa e, todas as manhãs, o Sr. Porcino e os seus dois filhos, antes de saírem para o importantíssimo trabalho e para a escola repetiam:

“Despacha-te com o pequeno-almoço, querida!”

“Despacha-te com o pequeno-almoço, mãe!”, diziam Miguel e Pedro. (Browne, Anthony, 2006, pp.2-3)”

Depois de todos saírem de casa, Dona Porcino realizava as tradicionais tarefas domésticas, lavar a loiça, fazer as camas, aspirar o chão e depois é que ia para o trabalho.

### Imagens nº 23



Fonte: Ver nota<sup>46</sup>

Nesta obra, pode-se observar que Dona Porcino apresenta comportamentos tradicionalmente associados à mulher, como a maternidade, o cuidar da família, a ternura... Assume o papel de mulher/ mãe, submissa, e é o elemento da família que está ali para satisfazer os desejos dos restantes elementos.

Os ilustradores utilizam as imagens visuais como uma linguagem poderosa, explorando a representação da linguagem física de Dona Porcina, para sugerir a apatia, a tristeza, o sentimento de humilhação (p.9) da personagem, optando mesmo por não definir os seus traços faciais, ocultando praticamente o rosto da vista do leitor no início da narrativa, o que reforça o impacto dramático da mensagem e gera ruptura com o estatuto de vida desta família apresentado no texto verbal. Dona Porcino não tem identidade, é uma personagem anónima que só tem sentido pelo seu papel de mãe e esposa. Observamos que esta personagem repete constantemente as mesmas tarefas domésticas e não tem o estatuto dos demais membros da família.

No entanto, as actividades que a esposa desempenha necessitam ser valorizadas

---

<sup>46</sup> Ibidem, p.4-5

Algo de estranho acontece nas ilustrações que mostram dona Porcino: ela não tem identidade, é uma personagem anónima que só tem sentido pelo seu papel de mãe e esposa.

As diferentes etapas repetem-se ao longo da semana, quer ao almoço, quer na hora do lanche, quer ao jantar. Enquanto que Sr. Porcino e seus filhos ficam a ver televisão, descansam no sofá todos descontraídos (pp.10-11), Dona Porcino não pára.

Mas, certo dia, quando estes voltavam da escola e do importantíssimo trabalho, ninguém estava em casa. Dona Porcino só tinha deixado um recado onde se podia ler “Vocês são uns porcos” (Ibid.:5).

Cansada desta situação, não hesita em tornar-se independente e sai de casa, decidida e segura, abandonando a família.

Desde então, pai e filhos tinham de preparar a sua própria comida, que não era nada saborosa, o seu próprio pequeno-almoço. Era assim todos os dias. Tentaram tomar conta deles próprios mas não o conseguiam. Nunca lavavam a roupa, nem a louça. Aos poucos, a casa transformou-se numa “pocilga” e eles, progressivamente, transformaram-se em porcos.

Cansados de comer horríveis refeições, aperceberam-se finalmente da importância mãe / mulher nas suas vidas.

Algum tempo depois, quando pai e filhos procuravam restos em casa, Dona Porcino entra pela porta. Pai e filhos suplicaram, com ar de arrependimento e de submissão, que voltasse para o lar.

Podemos observar agora que, na ilustração, Dona Porcina já mostra de frente o rosto ao leitor e às personagens deste mundo ficcional e a sua linguagem corporal é bem diferente, desafiadora... gerando uma multiplicidade de significações e de inferências possíveis! Por exemplo: Por onde andou? Onde esteve? O que fez?

Por seu lado, a personagem marido é-nos mostrada de costas, rebaixada/humilhada em relação à esposa.

Nota-se que, somente a partir do regresso da mãe, é que a ilustração assume cores mais vivas e variadas. No conto, tudo conta.

### Imagem n.º. 24



Fonte: Ver nota<sup>47</sup>

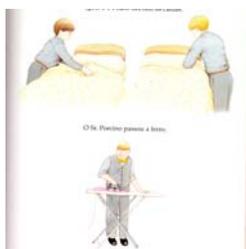
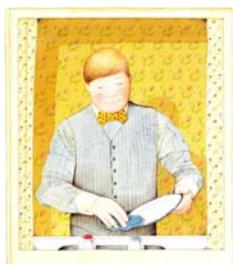
A partir deste momento, todos ajudam nas tarefas domésticas: O Sr. Porcino lava a loiça, passa a ferro, os filhos fazem as camas. Todos ajudam na cozinha.

A forma como o narrador apresenta os homens/ rapazes é bastante negativa: são egoístas, preguiçosos, sujos e inúteis dentro de casa, enquanto a mãe não está presente. O narrador não o conta mas deixa pistas ao leitor para que este possa inferir o espaço/contexto de vida da personagem feminina se alargou e enriqueceu enquanto esteve fora de casa.

As suas tarefas domésticas, agora, competem a todos e ela também se dedica a outras do seu interesse. O narrador, acerca deste assunto, deixa uma pista - “Ela consertou o carro” (p.28) Estas mudanças trouxeram felicidade a toda a família mas quem as determinou foi ela, com a sua atitude e convicção.

Esta obra é muito interessante, uma vez que alerta com humor os leitores, de ambos os sexos, para uma distribuição mais equilibrada das tarefas domésticas e para que se ensine aos rapazes/homens a colaborar mais nessas actividades que a todos competem.

### Imagens n.º. 25



Fonte: Ver nota.<sup>48</sup>

---

<sup>47</sup> Ibidem, p.22

<sup>48</sup> Ibidem., p. 24-28

#### 4.4. - *Será que Joaquina tem uma pilinha?* (Thierry Lenain)

**Imagem n.º. 26** - Capa da obra: *Será que Joaquina tem uma pilinha?*



***Será que Joaquina tem uma pilinha?***

Título Original : **Mademoiselle Zazie à t-elle un zizi?**

Autor: Thierry Lenain

Ilustradora : Delphine Durand

Tradução : Sofia Empis

Edição : 1ª

Dinalivro,2004

Fonte: Ver nota<sup>49</sup>

Em primeiro lugar, é necessário registar que a obra em questão tem evidentes intenções de subversão de estereótipos de género. O título não deixa margem para qualquer dúvida: *Será que a Joaquina tem uma pilinha?*

Trata-se de uma obra onde ilustração e texto se encontram bem articulados.

No que diz respeito às personagens e ao enredo, deparamo-nos com crianças que questionam as diferenças entre meninos e meninas.

**Imagem n.º 27**



Fonte: Ver nota<sup>50</sup>

Eis um breve resumo do conto:

Max, um rapazito com cerca de 8 anos, dividia o mundo humano em dois: os com pilinha e os sem pilinha. Mas quando conheceu a Joaquina tudo se complicou! Joaquina jogava futebol, andava numa bicicleta de rapaz, trepava às árvores, lutava...

<sup>49</sup> Imagem n.º. 27 - Capa da obra: *Será que Joaquina tem uma pilinha?* Foi por nós digitalizada e reduzida do seu tamanho original.

<sup>50</sup> Ibidem, (p.16).

O protagonista, Max, não é caracterizado directamente pelo narrador, é apresentado como uma personagem com convicções que vão ser postas em dúvida e vão evoluir ao longo da obra, com recurso sobretudo a estilo indirecto livre.

«Dantes para o Max, tudo era simples.

Primeiro: havia os Com-pilinha.

Segundo: havia os Sem-pilinha.

Terceiro: os Com-pilinha eram os mais fortes que os sem pilinha!

É óbvio, porque tinham pilinha!» (p.5)

Ficamos a saber, através de ilustrações, que Joanhina é uma criança que foge um pouco ao estereótipo tradicional.

### Imagem n.º 28



Fonte: Ver nota<sup>51</sup>

No primeiro grupo, estão os meninos definidos como fortes (p.8). Podemos observar que brincam com objectos atribuídos somente aos rapazes (carrinho, bola, avião de papel), brinquedos estes que simbolizam jogos de velocidade, desporto...

O segundo grupo, os Sem-pilinha, que corresponde às meninas, é descrito como “as que desenham flores” (p. 9). Usam brinquedos, como a corda de saltar, a boneca... que são objectos pacíficos, normalmente típicos da infância.

O desprezo do menino pelas Sem-pilinha surge no momento em que entra em acção a personagem perturbadora – Joanhina – que fica a pertencer à turma do Max: “Ao princípio, o Max nem quer saber da Joanhina. Ela é uma Sem-pilinha, ela que vá mas é brincar com as bonecas ou desenhar florzinhas patetas” (p.11).

No entanto, Max vai descobrir que ela é diferente. Ela é uma Sem-pilinha mas é forte. Ela sabe jogar à bola, desenhar mamutes, trepar às árvores, andar em bicicleta de

---

<sup>51</sup> Ibidem, p.14-15

rapaz e sabe lutar. São estes aspectos que levam Max a reflectir e, sobretudo, a investigar. Ele descobre que Joanhina, além de não ter pilinha também não é uma Sem-pilinha, é uma Com-pipi, é assim que a própria menina se classifica.

### Imagem n.º.29



Fonte: Ver nota<sup>52</sup>

A partir deste momento, Max conclui que “afinal não falta nada às meninas!” (p.29) e constrói uma nova definição, que é ilustrada através de duas casas: a dos Com-pilinha, (que inclui homens de todas as idades) e a das Com-pipi (que inclui mulheres de todas as idades).

Nesta obra, o autor trabalha com uma personagem feminina forte, que desafia o sexo masculino, provando que há certos aspectos que são inculcados culturalmente e que podem ser modificados. Max muda de opinião através do que descobriu. Não foram os adultos que lhe disseram mas sim a menina que, de certa forma, o ensinou.

Teresa Colomer, numa das suas obras, destaca o esforço produzido em relação ao feminismo e aponta para “uma aproximação das características atribuídas aos dois sexos, apresentando meninas com iniciativa e meninos sensíveis”(p.296).

É importante que pais, educadores, pedagogos, bibliotecários, autores/ilustradores estejam conscientes dos efeitos prejudiciais que a exposição a literatura sexista pode ter a longo prazo no desenvolvimento das crianças, tanto do sexo feminino como do masculino.

O narrador apresenta com muita simplicidade uma menina que sai da tradicional divisão de papéis sem ser uma “Maria rapaz”. Pertence a esta nova humanidade que não é composta somente pelo masculino mas sim por dois sexos identificáveis.

Quanto aos espaços e contextos de vida são os de qualquer criança, seja do sexo feminino ou do masculino – a escola, o recreio...

---

<sup>52</sup> Ibidem, p.27

## 4.5 Alice no País das Maravilhas (Lewis Carroll)

Imagem nº. 30 - Capa da obra: *Alice no País das Maravilhas*



Título: Alice no País das Maravilhas  
Título Original : Alice im Wunderland  
Autor: Lewis Carroll  
Ilustradora : Lisbeth Zwerger  
Tradução : Isabel Ramalhete  
2ª. Edição  
Ambar,2003  
Porto

Fonte: Ver nota<sup>53</sup>

A obra *Alice no País das Maravilhas* foi publicada em 1865 e tornou-se um clássico da literatura mundial.

É uma narrativa que propicia ao jovem leitor captar uma visão divertida e simultaneamente crítica das convenções do mundo adulto.

Aos sete anos, Alice está só perante as suas angústias e dúvidas. Com que estará a sonhar Alice? Faz a experiência da caída, dos desejos... Não satisfeita com as alterações de perspectiva, das modificações do seu corpo, busca a sua identidade ao longo de toda a obra. Conversa consigo própria, coloca-se perguntas, tenta compreender, recorrendo a novas atitudes e valores, como a curiosidade, a inteligência, o espírito crítico. O narrador mostra-nos uma Alice que procura tornar-se adulta.

Ela não é uma heroína como as jovens dos irmãos Grimm. Normalmente, é bem-educada, no quadro da cultura vitoriana. Mas nada tem de dócil e tímida, como seria próprio das meninas de família da sua época.

Esta obra é percorrida também pela lógica do absurdo que permite todas as possibilidades, o famoso *nonsense*. Segundo, Anne Marie Meudal (2002), este *nonsense* traduz, sem qualquer dúvida, a recusa do mundo pelo narrador que assim se pode exprimir com toda a liberdade, sem pedir licença a ninguém.

Pensa-se que, com esta obra, Lewis Carroll quer que o adulto reencontre a criança que está dentro de si, assim como, o poder da imaginação. Como refere

<sup>53</sup> A imagem nº. 31 - Capa da obra: *Alice no País das Maravilhas* foi por nós digitalizada e reduzida do seu original

Christian Renaut: “Rien n’avait vraiment de sens pour Alice, tous les personnages qu’elle rencontrait avaient des comportements étranges contre lesquels elle s’insurgeait”<sup>54</sup>

De facto, tudo o que parece absurdo e estranho a Alice constitui uma visão infantil do mundo dos adultos apresentada pelo narrador.

A importância das imagens para as crianças é grande. Antes mesmo de saber ler um texto e de o compreender, a criança é uma leitora de imagens. Um livro sem imagens aborrece o pequeno leitor, tal e qual o livro da irmã de Alice.

### Imagem nº. 31



Fonte: Ver nota<sup>55</sup>

Narra-se a aventura de uma menina curiosa chamada Alice, que sonha acordada, enquanto ouve a sua irmã a ler um “livro que não tinha ilustrações nem diálogos<sup>56</sup>”. De repente, passa um coelho branco a correr e a repetir “Valha-me Deus! Valha-me Deus! Vou chegar atrasado!”<sup>57</sup> Alice levanta-se e segue-o cheia de curiosidade, porque nunca tinha visto um coelho vestido e com relógio. Em sua perseguição, entra numa grande toca escura que mais parecia um túnel, onde cai. Enquanto cai, Alice vê inúmeros objectos, louceiros, portas fechadas... Quando finalmente chega ao solo, encontra um país encantado, era o País das Maravilhas. Lá depara-se com criaturas completamente estranhas: o gato de Chesshire que aparece e desaparece constantemente, a lagarta, o rato, a rainha de Copas, entre outros.

---

<sup>54</sup> De Blanche-Neige à Hercule, 28 long métrages d’animation des Studios Disney, de Christian Renaut, Paris, Dreamland, 1997.

<sup>55</sup> Alice no País das Maravilhas, Âmbar, p.6, capítulo I

<sup>56</sup> Ibidem p.6, Capítulo I

<sup>57</sup> Ibidem, p.6, capítulo I

### Imagem nº. 32



Fonte: Ver nota<sup>58</sup>

Também encontra comida e bebida que a fazem crescer ou encolher.

É-nos sugerida uma personagem que perdeu as suas referências identificativas, que está transtornada, nada se parece com a que ela conhece, já não se reconhece a si própria. A diferença perturba-a. Deste modo, chegamos à famosa pergunta: *Quem sou eu?*, No capítulo quinto, verificamos exactamente esta angústia num diálogo que Alice mantém com uma lagarta:

- “- Quem és tu? perguntou a lagarta
- Eu...eu nem sei bem, minha senhora, disse Alice, porque eu não sou eu, está a ver?
- Que queres dizer com isso? Perguntou a Lagarta asperamente. - Explica-te!
- Receio não saber explicar-me, minha senhora, disse Alice, muito educada, porque nem eu me compreendo, para começar; mudar tantas vezes de tamanho no mesmo dia é muito confuso.”<sup>59</sup>

O leitor está perante um diálogo filosófico profundo, durante o qual a menina constantemente se questiona.

*Alice no País das Maravilhas* trata da busca da personalidade e da instabilidade da identidade. Mas também traduz os medos da infância e sobretudo do crescimento, o que explicaria as múltiplas modificações de tamanho da menina.

Ela tem várias razões para não querer crescer, pois que o crescimento condu-la à contestação da integridade e da identidade corporal. E, ao mesmo tempo, ela manifesta, por várias vezes, um forte desejo de interioridade:

“ Agora estou a crescer como o maior telescópio que já se viu! Adeus pés!» (porque, quando

---

<sup>58</sup> Imagem retirada em: [http://fr.wikipedia.org/wiki/Alice\\_au\\_pays\\_des\\_merveilles](http://fr.wikipedia.org/wiki/Alice_au_pays_des_merveilles)

<sup>59</sup> Ibidem,p.36, capítulo V

olhou para os pés, eles pareciam quase fora de vista, de tão longe que estavam). «Oh, meus pobres pezinhos, quem será que vos há-de calçar os sapatos e as meias, meus queridos? Eu é que não, com certeza! Estarei longe de mais para me preocupar convosco; vão ter de se arranjar sozinhos...” (p. 13) <sup>60</sup>

### Imagem nº.33



Fonte; Ver nota <sup>61</sup>

A queda na toca do coelho é uma descida ao fundo de si própria, em busca da sua integridade. Numa idade, a da puberdade, em que o corpo está em constante mudança e o indivíduo está em constante questionamento, Alice deve fazer face a um pesado questionamento de identidade. Assim testemunha a seguinte reflexão de Alice quando está bloqueada perante a porta demasiada pequenina para o seu tamanho:

“Ora, ora! Como tudo está estranho hoje! E ainda ontem a vida decorreu normalmente. Será que mudei durante a noite? Deixa lá ver; estaria eu na mesma quando me levantei hoje de manhã? Acho que quase me consigo lembrar de me sentir um bocadinho diferente. Mas se não sou a mesma, a pergunta seguinte é: Quem diabo sou eu? Ah, aí é que está o busílis!” (pp.14-15). <sup>62</sup>

Estamos perante um país onde o que o adulto conhece como a razão deixa de fazer sentido, tudo parece estar invertido, de pernas para o ar, sem sentido.

São narradas várias aventuras, descrevendo os encontros que Alice vai tendo ao longo da história.

Nos dois últimos capítulos, Alice assiste ao julgamento de um valete que era acusado de ter roubado as tartes da Rainha de Copas. A protagonista é chamada a

---

<sup>60</sup> Ibidem, p.13, capítulo II

<sup>61</sup> Ibidem, p.41, capítulo V

<sup>62</sup> Ibidem, p.14-15, capítulo II

testemunhar pelo Coelho Branco. Aos poucos, Alice recupera o seu tamanho normal e é interrogada pelo rei. Após algum tempo, Alice enerva-se:

“Que grandíssimo disparate! Disse Alice muito alto. Onde já se viu dar primeiro a sentença!

- Cala essa boca! Disse a rainha, ficando muito vermelha.

- Isso é que não me calo! Respondeu Alice.

- Cortem-lhe a cabeça! Gritou a Rainha o mais alto que foi capaz.”<sup>63</sup>

Nesse momento, Alice já tinha encontrado o seu tamanho normal e disse:

-“Vocês não passam de um baralho de cartas!”<sup>64</sup>

Todo o baralho de cartas se elevou e voou para cima dela. Alice soltou um gritinho de medo...

e acordou de repente com a cabeça pousada no colo da irmã. Compreendeu então que tudo não passara de um sonho.

O problema da identidade no País das Maravilhas não coincide somente com a pergunta “quem sou eu?” mas também “que pessoa faço acreditar que eu sou?”

Alice é um ser em transformação, está num estado psicológico transitório, porque já não é criança mas ao mesmo tempo não é ainda uma adulta. Eis toda a dificuldade da adolescência, com todas as suas dúvidas e mudanças.

Alice é uma personagem importante na literatura para crianças, antes dela, eram raros os livros escritos para as crianças sem finalidade moralizadora. No mundo ficcional da literatura para os mais jovens são representadas crianças libertas do controlo social, os pais nunca são mencionados.

Ao longo da obra vamos conhecer cada vez melhor Alice.

Personagem feminina que se vai revelando na sua complexidade, Alice questiona-se a si e aos outros, contesta e critica certas instituições, como a escola. Move-se num espaço que não é o das personagens femininas da literatura para os mais jovens. Note-se que esta personagem se move e actua com liberdade própria no espaço do poder político da Rainha de Copas. É aí que ela se liberta do receio, da perturbação e... acorda.

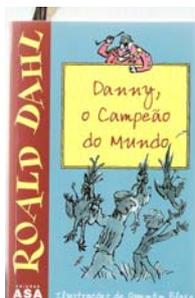
---

<sup>63</sup> Ibid., p. 98, capítulo XII

<sup>64</sup> Ibid., p.100, capítulo XII

#### 4.6. - *Danny, o campeão do mundo* ( Roald Dahl)

Imagem nº. 34 - Capa da obra *Danny, o campeão do Mundo*



Título: *Danny, o campeão do Mundo*  
Título Original: **Danny, the champion of the world**  
Autor: **Roald Dahl**  
Ilustrador: Quentin Blake  
Tradução: Catarina Ferrer  
Edição: 1ª.  
ASA, 2006

Fonte: Ver nota<sup>65</sup>

Em *Danny, o Campeão do Mundo*, o protagonista é um menino chamado Danny e este tem uma excelente relação com seu pai.

Desde pequeno, Danny, órfão de mãe, foi criado pelo pai, que é mecânico. Ambos passam por uma situação económica difícil. Danny desfruta não só do local onde vivem, que é uma carroça típica dos ciganos, como também de cada momento que passa com o pai por quem sente uma grande admiração. Nos seus primeiros anos de vida, o pai ensina-lhe todos os requisitos para que se torne um bom mecânico. Aos sete anos, Danny vai para a escola onde conhece um professor, o capitão Lancaster, que utiliza métodos educativos repressivos e uma disciplina autoritária. É um homem injusto e que abusa da sua autoridade:

“Houve um silêncio aterrador na sala. O capitão Lancaster ergueu o queixo e fixou-me com os seus olhos de água. – Não só estavas a copiar, como também és um rapaz insolente (...) – anda aqui para cima. Venham os dois, aqui para cima (...) O capitão Lancaster estava de pé e dirigia-se à estante alta que estava encostada à parede (...) Estendeu o braço para chegar à prateleira de cima e retirar a odiada cana.  
Tu primeiro – disse ele, apontando para mim com a cana. – Estende a mão esquerda.”

( *Danny, Campeão do Mundo*, p.145)

---

<sup>65</sup> A imagem nº 39 Capa da obra: *Danny, o campeão do Mundo* foi por nós digitalizada e reduzida do seu original

Neste excerto, encontramos valores, em relação ao professor, sentimentos de injustiça, de antipatia, confusão...

As relações familiares aparecem na obra de uma forma muito específica. Danny usufrui de uma estreita e afectuosa relação paterno filial, com um pai preocupado com a educação do seu filho.

“O meu pai sem sombra de dúvidas, era o mais maravilhoso e empolgante pai que algum rapaz já teve. Aqui está um retrato dele. Poderiam pensar, se não o conhecessem, que ele era um homem severo e sério. Não era. O que lhe dava uma aparência tão séria era o facto de nunca sorrir com a boca” ( pp.15-16).

O pai do protagonista é um homem protector, carinhoso, trabalhador, divertido... Podemos afirmar que a felicidade de Danny se deve, em grande parte, à figura paterna, porque a história mostra-nos que a vida pode ser difícil mas a companhia do pai compensa os momentos menos bons. O nosso pequeno herói chega a referir que tem de ir à escola mas tal não é um fardo porque vai na companhia do pai. Em outro desabafo, Danny é consciente de que vive numa modesta e pequena habitação mas, desde que esteja com o pai, está tudo bem para ele. Tais testemunhos mostram bem a importância de determinadas pessoas na nossa vida, independentemente do local onde estejamos.

É um pai preocupado em cuidar e educar o seu filho, mas que não acha necessário que este esteja muito tempo no colégio:

“A lei dizia que os pais tinham de mandar os filhos para à escola aos cinco anos, e meu pai sabia disso (...) – Quero ensinar-te a ser um grande mecânico – disse ele. – E quando cresceres, espero que te tornes um famoso engenheiro de máquinas, um homem que desenha novos e melhores motores para carros e aviões. Para isso – disse ele - , terás de ter uma educação muito boa. Mas não te quero mandar já para a escola. Daqui a dois anos terás aprendido o suficiente aqui comigo (...) Depois disso, podes ir para a escola” (pp. 24-25)

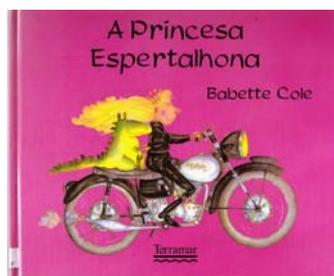
Nesta obra, também encontramos um pai visto como um narrador de contos: “Meu pai não poderia ser considerado um homem culto e duvido que ele tivesse lido vinte livros em toda a sua vida. No entanto, era um maravilhoso contador de histórias” (p16).

Esta narrativa leva-nos a pensar que as leituras têm uma importante carga de valores sociais, de crenças, pautando o comportamento das personagens que dão vida à história.

Estamos perante a figura de um pai que desempenha, e bem, dois papéis, o de pai e o de mãe. Já não encontramos as funções parentais desempenhadas apenas pela personagem feminina. Esta família, diferente das famílias típicas das histórias, é bastante comum no mundo actual. Desconstrói ideias de que cuidar e educar as crianças são ocupações exclusivas da mulher. Caberá ao leitor confrontar a sua vivência com a filosofia que perpassa no livro de forma a desenvolver uma atitude de análise crítica do conteúdo.

#### 4.7. - *A Princesa Espertalhona* (Babette Cole)

**Imagem nº. 35** Capa da obra *A princesa Espertalhona*



Título: *A princesa Espertalhona*

Autor: Babette Cole

Editora: Terramar

Lisboa, 2004

Fonte; Ver nota<sup>66</sup>

A princesa espertalhona é uma princesa muito especial que adora a sua liberdade e não a quer partilhar com ninguém. Ela gostaria de continuar a viver no castelo com os seus animais de estimação.

**Imagem nº. 36**



Fonte; Ver nota<sup>67</sup>

---

<sup>66</sup> A imagem nº 35 – Capa da obra; *A Princesa Espertalhona* (p.3), foi por nós digitalizada e reduzida do seu original.

<sup>67</sup> Ibidem, p.3

Mas, a sua mãe, a rainha, acha que ela deve casar-se com um lindo príncipe: “Já é tempo de cuidar do teu aspecto! Não andes mais com esses animais de um lado para o outro! Trata de arranjar um marido para ti!” (p.5).

Ao ver-se confrontada com os pretendentes, exige que estes executem tarefas impossíveis de realizar, como acabar com todas as lesmas que infestavam o jardim, dar de comer aos animais de estimação da princesa, realizar uma maratona de patinagem e rocolhada, andar de mota pelos campos, ir buscá-la ao alto da torre, cortar lenha na mata real, entre outras. Claro que todos falharam: “Os resultados foram um desastre: nenhum dos príncipes conseguiu executar, com êxito, as tarefas atribuídas pela Princesa Espertalhona” (p.19).

Mas, um belo dia, aparece um príncipe, o Príncipe Fanfarrão, que consegue ultrapassar todas tarefas propostas pela princesa.

### Imagens nº 37 -



Fonte: Ver nota <sup>68</sup>

Mas este não sabia quão espertalhona ela era... Foi então que a princesa lhe deu um beijo e o transformou em sapo gigante. De imediato, o príncipe-sapo deixou o castelo a grande velocidade.

### Imagens nº. 38



Fonte: Ver nota <sup>69</sup>

<sup>68</sup> Ibidem, p.21,22 e 23

<sup>69</sup> Ibidem, p.26-27

Desde então, mais nenhum se atreveu a pedir a princesa em casamento, perderam todos a vontade de o fazer. Quanto à Princesa Espertalhona, “viveu feliz para sempre” com os seus animais de estimação.

Todos estes terríveis acontecimentos fazem sorrir...

Constata-se que a história que nos é narrada é completamente oposta ao que, em tempos passados, ocorria - o sexo masculino procurava o sexo oposto para estabelecer uma relação, impondo-lhe condições. Neste caso concreto, nada disto acontece, o sexo feminino quer liberdade total, não se enquadrando nos aspectos predefinidos.

Esta obra está cheia de humor, o qual transparece no texto icónico, no texto escrito e na interacção que se gera entre ambos.



## **Capítulo 5**

---

Resultados e discussão final

A pesquisa por nós realizada para delimitação de um *corpus* na literatura escrita para crianças e jovens teve a intenção de nele analisar a presença e representação da personagem feminina.

Essa pesquisa inicial permitiu detectar que muitos contos para crianças ainda transmitem, de um modo geral, modelos sexuais estereotipados, em relação a esta personagem. Destes últimos, escolhemos debruçar-nos sobre a colecção *Anita* (três contos da colecção) por, não sendo propriamente recente, continuar a ter uma boa recepção junto das jovens leitoras, como a sua presença nas livrarias, as muitas reedições e persistência em bibliotecas infanto-juvenis, permite supor. A personagem Anita, que lembra fisicamente uma boneca, move-se nos espaços e contextos tradicionalmente atribuídos às mulheres. É uma personagem plana, sem complexidade nem evolução. As suas acções e reacções são as tipificadas para a mulher dita “fada do lar”.

Já em outras obras seleccionadas e analisadas, assinala-se uma emergente consciência do feminino, do seu valor e papel estruturante da sociedade.

Podemos começar por *Alice no País das Maravilhas* (uma verdadeira pedra no charco), cuja primeira edição remonta a fins do século XIX e que se tornou, não só um clássico da literatura infanto-juvenil, da boa literatura para todos sem limite de idade, e um desafio à capacidade interpretativa dos críticos literários.

A imagem da protagonista vai sendo construída pelo leitor. Alice é uma personagem complexa, move-se num ambiente onírico, num contexto de personagens e encontros simultaneamente estranhos e familiares. É nesse mundo que não só se questiona si própria, como critica as instituições e costumes da sua época, nomeadamente, a escola, a hipocrisia, as atitudes ditas politicamente correctas dos adultos... Estas ideias são expressas com recurso intenso ao *nonsense*. Os espaços são os do sonho, contudo, aí, Alice também se move e actua no que poderemos considerar o espaço da vida política, onde ocorre o seu encontro final e decisivo com a Rainha de Copas que enfrenta destemidamente. Tal tem o efeito de reduzir as personagens que temia à sua insignificância e de acordar para um outro mundo, também ele ficcional, mas a que poderemos eventualmente atribuir a designação de imitação do real.

Nos álbuns *Un heureux malheur* (Adela Turin) e *O livro dos porquinhos* (Anthony Browne) deparámo-nos com personagens antropomórficas. Em ambos, se assinala a evolução da personagem feminina de uma situação secundária, humilhante e com as características da representação tradicional da mulher na família e na sociedade

para uma nova personagem que reclama e vive em situação de paridade com os seus. Mais ainda, é valorizada pela sua atitude proactiva, descobre e faz descobrir valores, dons, cria uma convivência familiar e social que torna todos mais felizes. Curiosamente, tal como em Alice, nestes dois álbuns, a saída de casa ou do contexto familiar e do conhecido, a célebre “viagem” dos heróis da literatura tradicional, é o que faculta o renascer para uma forma nova e superior de ver, conviver e de viver. O humor é uma das estratégias bem conseguidas nestes dois álbuns.

Em *Será que Joaquinha tem Pilinha?* (Thierry Lenain) Max e Joaquinha movem-se nos espaços naturais da criança, a escola, o recreio. As convicções de Max, que se nos apresentam conformadas por uma visão sexista do género, são, com muito humor, forte e definitivamente abaladas pela sua convivência com Joaquinha. Este facto leva-o a redefinir o conceito de género.

No conto *Danny, o campeão do Mundo* (Roald Dahl) , temos a representação na literatura infantil e juvenil de novas formas de organização família, neste caso, a família monoparental, uma realidade bem frequente nos tempos que correm e conhecida por muitas crianças. O pai de Danny cumpre os papéis e tarefas de pai e de mãe e com excelente sucesso, pois o filho é “muito feliz”. Os espaços em que se movem estas duas personagens são os espaços naturais a qualquer família. Não se problematizam explicitamente questões de género, tudo se apresenta natural e genuíno, embora subjaza às personagens e acontecimentos também uma encantadora redefinição desta problemática, face aos imperativos que a vida lhes coloca.

Observamos que o desenvolvimento da literatura infanto-juvenil apresenta uma evolução dos modelos de personagens femininas que acompanha um pouco a evolução do papel da mulher na sociedade em geral.

Durante muito tempo, por vezes aparentemente, as personagens femininas foram predominantemente secundárias e menos representadas nas obras destinadas às crianças. Quando o eram, figuravam entidades passivas que se contentavam em ser bonitas e prendadas, em realizar os trabalhos domésticos e tratar da família. A rapariga/mulher apresentada na literatura destinada aos mais novos (seres em formação) preparava-se para desempenhar com primor os aspectos acima referidos. Era tímida e, frequentemente, insegura. O exemplo de rapariga “bem comportada” perdurará durante muito tempo. Em contrapartida, o rapaz era representado como um ser forte, destinado a sair de casa, a correr aventuras, realizar feitos...

Ao longo deste estudo, observou-se que, na literatura, as representações das figuras femininas foram inicial e predominantemente associadas à casa, ao cuidar dos filhos... e pouco mais. Mas também se verificou que, actualmente, sobretudo a partir de fins do século XIX, tais representações têm evoluído. Pensamos que tal mudança foi consequência da evolução do papel da mulher na sociedade e na família.

Tem-se observado crescentemente, como já referido, alguma alteração até de papéis na literatura infantil, a mãe brinca com os filhos, enquanto o pai, de avental, prepara o jantar ou ajuda nas tarefas domésticas. Segundo Cromer e Turin (1998:4), o pai, por momentos, “despe”o papel de chefe de família para ajudar numa tarefa que, tradicionalmente, não lhe competiria.

Pontualmente, na actualidade, alguns contos apresentam personagens do sexo masculino que são parodiadas com fino humor face a personagens do sexo oposto, que assumem papéis activos e libertadores. Exemplos disso, além dos dois álbuns *Un heureux malheur* (Adela Turin) e *O livro dos porquinhos* (Anthony Browne), são obras como *A princesa espertalhona* de Babette Cole (também analisada) ou, ainda, como a célebre *Pipi das meias altas* de Astrid Lindgren.

Na maioria dos álbuns, a imagem visual, seja ela feminina ou masculina, é a principal portadora de mensagens sexistas e não-sexistas.

Existe literatura para os mais jovens onde se tenta combater esses estereótipos. É necessário que haja paridade e que as crianças vão crescendo sabendo que, qualquer que seja o seu sexo, têm um mundo de oportunidades e possibilidades à sua espera.

É importante que se continue a criar histórias para os mais jovens onde a igualdade de direitos dos sexos seja patente.

Os heróis podem ser heroínas, as mães podem ser mulheres de hoje e os homens, pais modernos, as raparigas não são Belas Adormecidas e os rapazes não são os únicos a perseguir perigos, injustiças ou a tomar iniciativas reconhecidas pela sociedade.

Como já foi referido, houve uma evolução no papel da mulher ao longo do tempo. Cada vez mais homens vão aceitando e colaborando com a nova imagem da mulher. Tal é notório em *O livro dos Porquinhos* onde, desde o regresso de dona Porcina a casa, tudo mudou, todos ajudam nas diferentes tarefas domésticas. A mãe é respeitada, valorizada, torna-se explicitamente o centro da família e todos lucram com isso, são mais felizes.

No entanto, as diferenças ainda se mantêm, as mulheres, embora mais valorizadas, têm de ser super-mulheres para conciliar filhos, marido, trabalho e tarefas domésticas.

Na literatura para crianças de hoje, nem sempre é devidamente valorizado o feminino e ainda muitos estereótipos são veiculados: pai que vai para o trabalho, pasta debaixo do braço, enquanto a mãe fica na cozinha a preparar o almoço. Os rapazes fazem asneiras, são aventureiros, as raparigas parecem dóceis e passivas.

Du Côté des filles<sup>70</sup>, Lab-elle<sup>71</sup>... são associações/instituições que se debruçam sobre as questões da paridade ou inexistência dela entre homens e mulheres. Na actualidade, estes grupos continuam a divulgar obras e estudos com o intuito de valorizar as personagens do sexo feminino. Isto porque importa que as raparigas desde muito jovens tomem consciência de que têm iguais oportunidades em relação ao sexo oposto.

A infância é um dos momentos marcantes do desenvolvimento pessoal e social de qualquer criança, a assimilação de regras sociais contribui para a definição da sua personalidade. Ora já sabemos que boa parte dessas regras sociais estão inscritas na literatura, particularmente, na que destinamos aos mais jovens, seres em formação... pelo que é fundamental uma intervenção adequada no sentido de que futuramente estes seres humanos respeitem, valorizem os seus semelhantes – homens e mulheres.

Na literatura infanto-juvenil há reflexo do mundo empírico e histórico-factual e do contexto em que se cria e funciona, assim como dos valores que se transmitem.

Pensa-se que, a partir do momento em que os homens e mulheres interiorizem experiências não discriminatórias, tal poderá surgir com mais recorrência, na literatura, Já se deram alguns passos neste sentido, contudo há ainda muito caminho a percorrer.

Será primordial que tenhamos em pensamento que educar também é mostrar e transmitir valores que ajudarão as crianças a tornarem-se seres sensíveis, solidários, responsáveis, autónomos e independentes. Tarefa complexa numa sociedade que se encontra a braços com uma crise de valores e referências familiares e, a par destes, a falta de heróis e heroínas que sirvam de modelos.

Este estudo permite-nos desvendar bastantes “fragilidades” nas representações do género na literatura infanto-juvenil.

---

<sup>70</sup> A “Association Européenne Du Côté des Filles” foi criada em Maio de 1994 e tem como objectivo elaborar um programa de eliminação do sexismo, promover representações anti-sexistas na educação, produzir ferramentas de sensibilização destinadas a editoras e produtores...

<sup>71</sup> A “Associatin Lab-elle” foi criada em Novembro de 2006 e tem vários projectos em desenvolvimento. ([www.lab-elle.org](http://www.lab-elle.org))

Como se disse, na maioria das obras ditas para crianças, o género masculino é aquele que domina, desde de tenra idade. Este aspecto está gradualmente a minimizar-se, surgindo cada vez mais personagens femininas com comportamentos e acesso a lugares que eram tradicionalmente privilégio homens. Apesar de já se verificar algum equilíbrio de oportunidades para ambos os sexos, é importante continuar a fornecer modelos mais equilibrados que preparem os jovens para a superação das barreiras que se lhes possam deparar futuramente.

A instituição escola tem um papel fulcral na complementaridade da formação das identidades de género. Deverá reforçar ou reeducar hábitos. Pretende-se com isto dizer que a maneira de fazer, de dizer e de ver cada um consoante o seu sexo deverá ser explicitamente repensada.

Estes papéis e estas crenças, enraizados no mais profundo de nós próprios, transmitidos de geração em geração, vão-se dissipando com as novas exigências sociais a que a mulher se vê na necessidade de responder (emprego, situação financeira, independência familiar, entre outras).

Muitos aspectos das obras pré-seleccionadas e das posteriormente analisadas nos levam a concluir que a relação da mulher com a família, maternidade, trabalho, cultura e beleza tem sofrido alterações ao longo dos tempos.

Apesar de continuamente ser relegada a um segundo plano, analisando objectivamente várias situações ao longo dos tempos, a mulher tem sido, ao contrário do que se possa pensar, a peça fundamental para o funcionamento da engrenagem social. Quer-se com isto salientar que tudo ou quase tudo funciona em torno da mulher.

Alguns estudos de psicanálise feminina comprovam que, apesar de toda a evolução que se tem vindo a verificar, vários aspectos da representação social da mulher são próprios da feminidade, como a maternidade, a construção de uma família. O reverso da medalha é que, no mundo em que vivemos, a mulher tem que se desdobrar para conseguir conjugar todos estes factores, o que demonstra possuir uma força interior quase insuperável.

Têm sido assinaladas, nas últimas décadas, algumas alterações nos comportamentos masculinos e femininos, nomeadamente, na valorização da carreira e na participação cívica. No entanto, consciente ou inconscientemente, as famílias continuam a contribuir, na formação das crianças, para a perpetuação da desigualdade em função do género.

Também se pode observar que, ao longo do tempo, a literatura infanto-juvenil tem sido outro dos responsáveis para que tal continue a verificar-se.

Actualmente, esta literatura tem assumido um papel diferente, enfatizando a igualdade de direitos e de oportunidades para qualquer pessoa sem discriminação de sexo, de cor, de raça...

Os modelos familiares também se vão alterando, os casais divorciam-se, entregam os filhos a umas, os progenitores constituem outras famílias. As mulheres são mais independentes e trabalham fora de casa. Todos estes factores e novos modelos da família se reflectem na literatura para os mais jovens.

Constatamos que, nas publicações mais recentes, há alguns progressos na forma como são representados raparigas e rapazes, embora o mesmo não se verifique tão acentuadamente nos papéis atribuídos a personagens adultas. Ainda são um pouco estereotipados.

Mesmo assim e apesar da evolução, as mulheres continuam a ser apresentadas de forma tipificada e pouco variada, em comparação com os homens. Com efeito, estes últimos tendem a evoluir num sentido mais positivo: além de serem representados em múltiplos papéis profissionais, valorizados e variados, eles ocupam, também, o espaço privado. Os pais têm já um lugar importante na educação dos seus filhos.

Questionamo-nos quanto ao facto de, apesar de se notar evolução na educação e nos modos de educar, socializar e representar as raparigas, os demais aspectos que conformam este problema não se terão realmente alterado.

Ainda hoje, em muitos locais e culturas do nosso planeta, a mulher encontra-se desprovida dos direitos que a maioria das mulheres ocidentais possuem, tais como votar, sair às ruas com o rosto descoberto, escolher o seu vestuário, escolher o próprio marido, entre outros tantos direitos, para nós já tão naturais que a sua ausência nem é lembrada.

O facto de livros para crianças mostrarem representações estereotipadas da sociedade, sem ter em conta a sua evolução, pelo menos no que diz respeito à mulher, causa problema. Este será um longo e demorado caminho, como refere Nelly Novaes Coelho (1982:88), “longo, bem longo tem sido o caminho percorrido pela humanidade para compreender o binómio homem / mulher. Ou melhor, para dar à mulher, o lugar que lhe é devido dentro do mundo construído e sistematizado pelo poder do Homem”.

Para lutar contra o modelo da mulher “fada do lar”, os autores inventaram e reinventaram raparigas, por vezes, com características masculinas.

Na literatura, assinalam-se inúmeros processos de renovar a figura feminina, desde o humor, à personagem “maria rapaz”... lembremo-nos da *Princesa Espertalhona* e da célebre *Pipi das Meias Altas* (Lindgren), já antes citadas.

As ilustrações acrescentam, reforçam, complementam sentidos com o texto verbal, dialogam com ele, concordando, discordando... A representação de crianças nas ilustrações são de tipo figurativo ou invenções que convidam de forma criativa a uma evolução de mentalidades.

Este trabalho teve como principal objectivo mostrar e reiterar que as representações dos papéis que cada género deve assumir na sociedade começam a ser transmitidas desde de tenra idade às crianças e que a literatura para os mais novos é um poderoso veículo de educação também neste âmbito Além disso, o presente estudo também visa destacar a evolução do conceito e papel da mulher ao longo dos tempos, nomeadamente, na literatura.

Verificamos que, presentemente, após tanta mudança, a sociedade continua conservadora e o papel desempenhado pelas mulheres, apesar de ser importante e de elas representarem grande parte da mão-de-obra remunerada e de possuírem estudos mais avançados, continuam com postos de trabalho e salários inferiores aos dos homens. E o seu reconhecimento pela sociedade, apesar de todas as transformações, continua praticamente a ser quase o mesmo.

Concluimos cientes que ainda há muito por dizer. Estamos convictas de que a literatura para crianças e jovens pode trazer um contributo importante para o desenvolvimento dos mais jovens, que representam o nosso futuro, mostrando-lhes valores, proporcionando-lhes, via projecção nos mundos ficcionais, experiências, descobertas, ensinamentos úteis sobre a vida, sobre eles próprios e os outros e seus dilemas existenciais.

Para futuras investigações neste campo, além do desejo de futuramente o alargarmos a situações práticas, nomeadamente, integrando a “resposta” das crianças às obras em causa, sugerimos particularmente o estudo da presente temática na literatura de língua portuguesa para os mais jovens, assim como também nas ilustrações dos textos da literatura infanto-juvenil.

## Referências Bibliográficas

- ALMÉRAS**, Arnaud e **RODRIGUEZ**, Béatrice (2007). *O jogo de futebol da Alice*, Porto: Porto Editora.
- ARIÉS**, Philipe e **DUBY**, Georges (1991). *História da vida privada*, vol. 5, Porto: Edições Afrontamento.
- ARIÉS**, Philipe (1981). *História Social da Criança e da Família*, 2ª Edição, Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- BARRAGÁN**, Fernando (coord.) (Julho 2002), *Educación e Valores y Género*, Colección: Investigación y Enseñanza, série Práctica nº21, Sevilla: DÍADA Editora;
- BEAUMON**, Émile (2000). Dicionário por imagens das ilustrações (Título Original: *Límagerie dès métiers*), Tradução Maria do Rosário Paiva Boléo, 1ª Edição, Portugal: Fleurus.
- BRUGEILLES**, Carole, **CROMER**, Isabelle et **CROMER**, Sylvie (2002). *Les représentations du masculin et du féminin dans les albums illustrés ou comment la littérature enfantine contribue à élaborer le genre*, Vol. 57, nº2, Vandoeuvre Cedex.;
- BEAUVOIR**, Simone (1976a). *Le deuxième sexe*, Tome I, Paris: Editions Gallimard
- BEAUVOIR**, Simone (1976b). *Le deuxième sexe*, Tome II, Paris: Editions Gallimard (p.663).
- BETTELHEIM**, Bruno (2002). *Psicanálise dos contos de fadas*, 9ª. ed., Lisboa: Bertrand Editora.
- BOURDIEU**, Pierre e Outros (1973). *Le métier de sociologues*, Paris : Haia: Mouton;
- BOURDIEU**, Pierre (2003). *La domination masculine*, Paris : Haia; Mouton
- BRANDÃO** , Eugénio (1979). *Estereótipos em manuais escolares*, Cadernos condição feminina 9, Lisboa.
- BRIOSCHI**, Lucila Reis e **TRIGO**, Maria Helena Bueno (1989). *Família: representação e cotidiano. Reflexão sobre um trabalho de campo*, textos CERU 1, 2ª série;
- BURGUIÈRE**, André e **KLAPIISH-ZUBER**, Martine (1999). *História da Família*, Lisboa : Terramar Editores.
- CAMPENNI**, C.E (1999). Gender stereotyping of children's toys: a comparison of

parents and nonparents. *Sex Roles*, 40 (1-2), 121-138.

- CAÑAMARES**, Cristina: (2004) *Algunos roles sexistas en los álbumes ilustrados infantiles: Un nuevo sexismo?* “En CERRILLO, Pedro, YUBERO, s. y LARRAÑAGA, *Valores y lecturas: Estudios multidisciplinares*. Cuenca: UCLM/CEPLI PP 147-171.
- CASTELEIRO**, J.M. (coord) (2001). *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*, Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, Editorial Verbo;
- CERVERA**, Juan (1992). *Teoría de la Literatura Infantil*, 2ª. Edición, Bilbao: Ediciones Mensajero, Universidad de DEUSTO;
- CHEVALIER**, Jean e GHEERBRANT, Alain (1982). *Dicionário dos Símbolos*, Lisboa: Teorema;
- COELHO**, Nelly Novaes (1985). *Panorama histórico da literatura infantil / juvenil*, 3ª Edição refundida / ampliada, Edições Quíron, São Paulo, Brasil: Global Editora e distribuidora Ltda,
- COLOMER**, Teresa (1994). *A Favor de las niñas*, CLIJ 57, 7-24;
- COLOMER**, Teresa (1999). *Introducción a la literatura infantil y juvenil*. Madrid: Síntesis.
- COLOMER**, Teresa (2003). *A formação do leitor literário: narrativa Infantil e juvenil atual*, S.Paulo: Global;
- COLOMER**, Teresa (2003). *La selección de libros para las primeras edades*, in **García Padrino**, J. (dir.). *La comunicación literaria en las primeras edades*, Madrid, (pp.39-50);
- CROMER**, Sylvie & **TURIN**, Adela (1998). *Que racontent les albums illustrés aux enfants? Ou comment présente-t-on les rapports hommes-femmes aux plus jeunes?* Volume 11, nº1, *Revue Recherches féministes*. Laval (pp223-230) .
- DAFFLON**, Anne Novelle (2002). *La littérature enfantine francophone publiée en 1997. Inventaire des héros et heroines proposés aux enfants*, Genève : *Revue Suisse des Sciences de l'éducation*, 24 (2), p. 309-326;
- DAFFLON**, Anne Novelle (2002). *Les représentations multidimensionnelles du masculin et du féminin véhiculées par la presse enfantine francophone*, Genève : *Swiss Journal of psychology*, 61 (2), p. 85-103;
- DAFFLON**, Anne Novelle (2003). *Sexisme dans la littérature enfantine. Analyse des*

- albums avec animaux antropomorphiques, Genève : Cahiers internationaux de Psychologie Sociale, 57: 23-38;
- DAFFLON**, Anne Novelle (2006). *Filles-garçons – Socialisation différenciées*, “Vies Sociales”, Genève : presses Universitaires de Grenoble;
- DAFFLON**, Anne Novelle e **Ferrez**, Eliane (2003). *Sexisme dans la littérature enfantine. Analyse des albums avec animaux anthropomorphiques*, in Cahiers Internationaux de Psychologie Sociale, n° 57;
- DIOGO**, Américo Lindeza (1994). *Literatura Infantil: História, teoria; Interpretações*, coleção Mundo de Saberes 9, Porto: Porto Editora;
- DUBY**, Georges / **PERROT**, Michelle (1993). *História das Mulheres : A Idade Média*. Porto: Edições Afrantamento;
- DUBY**, Georges / **PERROT**, Michelle (1995). *As Mulheres e a História*. Lisboa: Publicações Dom Quixote;
- ECO**, Umberto (1993). *Leitura do texto literário: a cooperação interpretativa nos textos literários*. Lisboa: Presença. [1979, lector in fabula, Milano: Bompiani].
- ECO**, Umberto (1994). *Seis Passeios nos Bosques da Ficção*, Lisboa: DIFEL 82- Difusão Editorial,S.A;
- ERMIDA**, Isabel (2003) *Humor, linguagem e narrativa para uma análise do discurso literário cómico*, Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos, Braga: coleção Poliedro;
- FERNANDEZ**,B. (1990). *Literatura Infantil y education moral*, CLIJ 13, 8-14;
- FRANZ**, Marie Louise Von (1993). *La femme dans les contes de fées*. Paris: Albin Michel.
- GALICHET**, François (2002). *article L'éducation familiale et culturelle dans la constitution de l'identité sexuée*, Franche-Comté;
- GARAT**, A.-M. (2004). *Une faim de Loup: Lecture du Petit Chaperon Rouge* (p.107) Paris : Actes du Sud.
- GARATE**, Arantza (1997). *Niños e niñas y libros. La diferencias de género en la Lij*, CLIJ nº95, Año 10,7-17;
- GARCIA**, M<sup>a</sup>. Ángeles Brimón (2007) *Sistema sexo –genero*, capítulo III, in *Una visión degenero... es de justicia*, Espanha.
- GARRALÓN**, A. (1990) *Literatura com valores*, CLIJ 13, 26-31;
- GEORGES**, Jean (1976). *Pour une pédagogie de l'imaginaire*, Casterman
- GOGUIKIAN RATCLIFF**, B. (2002). *Le développement de l'identité sexuée :*

- du lien familial au lien social*. Berne : Peter Lang.
- GOMES**, José António (1998). *Para uma história da literatura portuguesa para a infância e a juventude*. Lisboa: Instituto Português do Livro e das Bibliotecas.
- GOMES**, José António (2008) *Malasartes: Cadernos de literatura para a infância e juventude*, nº 16 (II série) Outubro, Porto: Porto Editora.
- HELD**, Jacqueline (1987). *Los niños y la Literatura fantástica- función y poder de lo imaginario*, 3ª edición, Barcelona: Ediciones Paidós Educador Ibérica, S.A;
- LENAIN**, Thierry (2002). *Será que Joanhina tem pilinha?*, Lisboa: Dinalivro;
- LAMAS**, Estela Pinto Ribeiro (2000) (coord), *Dicionário de Metalinguagens da didáctica, dicionários temáticos*, Porto: Porto Editora;
- LEIZ**, Juliet Pomes (2005). *A mãe vai sair esta noite*, Lisboa: Caminho
- LEON**, Renée (2004). *La Littérature de jeunesse à lécole. Pourquoi? Comment?* Paris: Hachette Education.
- LINDGREN**, Astrid (2001). *Fifi brindacier*, collection Le livre de poche, France : Hachette Jeunesse.
- LLORENS GARCIA**, Ramon F. (2000). *Literatura infantil y valores, puertas a la lectura*, 9-10, Universidad de Extremadura, Vicerrectorado de Accion Cultural, Seminario Interfacultativo de Lectura, pp. 75-78;
- LLUCH**, Gemma (2003). *Análisis de narrativas infantiles y juveniles*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla- La Mancha;
- MICHEL**, Andrée (1986). *Non aux stereotypes! Vaincre le sexisme dans les livres pour enfants et les manuels scolaires*, Paris : Unesco
- MULLER**, R. & **GOLDBERG**, S. (1980). Why William doesn't want a doll : preschoolers' expectations of adult behavior toward girls and boys. *Merrill-Palmer Quarterly*, 26, 259-269 (in Anne Dafflon Novelle, 2006)
- NOBILE**, Ângelo (1992). *Literatura infantil y juvenil. La infância e sus libros en la civilización tecnológica.*, Ministério de Educación y Ciência; Madrid: Ediciones Morata, S:A
- NETO**, A., **Cid**, M., **Pomar**, C., **Chaleta**, E., **Folque**, A. (1999). *Estereótipos de género*. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres.
- ORQUIN**, F. (1989), *La nueva imagen de la mujer*, CLIJ, !3, 8-14;
- PAZ**, Olegário & **Moniz**, António (1997) *Dicionário breve de termos literários*, Lisboa:

Editorial Presença;

- PIRES**, Maria Laura Bettencourt (1981). *História da Literatura Portuguesa*, Lisboa: Editorial Vega e Maria Laura Bettencourt Pires,.
- RAS**, Marion E.P. (1996). “*Alice au p̄ys d̄es merveilles. Première conf̄erence internationale sur les filles et les jeunes filles. Transmissions et dilemmes*”, *clio*, nº 4, le temps des jeunes filles – [Http://clio.revues.org/document440.html](http://clio.revues.org/document440.html)
- Reis**, C. e **LOPES**, A.C.M. (1987). *Dicionário de narratologia*. Coimbra: Almedina;
- SILVA**, António de Moraes (1992). *Novo Dicionário Compacto Da Língua Portuguesa*, 7ª edição, Volume III, Portugal: Editorial Confluência, p.217;
- ROBYN**, Quin y **BARRIE**, McMahon (1997). *Histórias y estereotipos*, Madrid, Ediciones De La Torre;
- RODRIGUES, Paula (2003)**. *Questões de género na infância, Marcas de identidade*; Instituto Piaget: Horizonte Pedagógicos
- SILVA**, Vítor Manuel de Aguiar e (1981). **Teoria da Literatura**, Coimbra: Almedina;
- SILVA**, Vítor de Aguiar e (1981). *Nótula sobre o conceito de Literatura infantil* In **DOMINGOS G. de Sá**, *A Literartura Infantil em Portugal: Achegas para a sua história* (pp. 9-15), Braga: Franciscana;
- SHAVIT**, Zohar (2003). *Poética da literatura para crianças*, Caminho: Colecção Universitária;
- SORIANO**, Marc (1975) *Guide de littérature pour la jeunesse*, Paris : Flammarion
- TOLSTOI**, Alexis (2005). *O nabo Gigante*, Lisboa: Livros Horizonte
- TORREMOCHA**, Pedro C. Cerillo, **Torrijos**, Cristina Cañamares, **Ortiz**, César Sánchez (2007), *Literatura Infantil: Nuevas Lecturas y nuevos lectores. Actas del V seminário Internacional de “Lectura y Patrimonio”*, Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, Cuenca.
- URDIALES**, A. (1996). *La imagen de la Mujer en la ilustracion Infantil*, *CLIJ* 8, 7-13;
- VELOSO**, Rui Marques (2008, Março). *Numa Acção de Formação intitulada: Não se nasce leitor – Literatura para a infância e juventude*, Biblioteca Municipal: Ponte de Lima.
- VV.AA.** (1997). *Quels modèles pour les filles? Une recherché sur les albums illustrés*, Paris : Association Européenne. Du Côté des filles.
- VV.AA.** (1998). *Que voient les enfants dans les livres d’images? Des réponses sur les stéréotypes*, Paris: Association Européenne. Du Côté des filles.

- VV.AA.** (2004). *Stéréotypes sexistes DANS LES ALBUMS, HISTOIRE ET DÉCRYPTAGE: que voient les enfants dans les livres d'images?* Paris: Association Européenne. Du Côté des filles.
- Weulersse, Odile** (2007). *Nasredin*, V.N. de Gaia: Educação Nacional
- ZILBERMAN, Regina.** (1985) *A Literatura na Escola*, 4ª. Ed., S. Paulo: Global;
- ZIPES, J.** (1986). *Les contes de fées et l'art de la subversion*. Paris: Payot;
- ZORDAN, P.B.M.B.G.** (2005). *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 13(2): 331-341, Maio-Agosto/2005;
- <http://www.espacoacademico.com.br/039/39esilva.htm> - Agosto de 2004 – *O conto de fadas e a problemática do pertencimento social* (27-12-05);
- <http://www.unimep.br/fch/revcomunica/ano9n1/05artg.htm> (28/12/05);
- [http://www.fnlij.org.br/livros2/contosde\\_perrault.htm](http://www.fnlij.org.br/livros2/contosde_perrault.htm) (28/12/05);
- <http://www.ducotedesfilles.org/fr> (27/01/2006)
- <http://www.eco.ufrj.br/semiosfera/anteriores/semiosfer02/expresso/txtpens3htm> - *Histórias que alimentam a alma* (28/12/05);
- <http://pt.wikipedia.org/wiki/criança>

## **Corpus das obras analisadas**

- BROWNE, Anthony** (2006). *O livro dos Porquinhos*, 1ª ed., Lisboa: Kalandraka
- COLE, Babette** (2004), *A princesa espertalhona*, 1ª ed., Lisboa: Terramar
- DAHL, Roald** (2006), *Danny, o Campeão do Mundo*, 1ª ed., Novembro, Lisboa: ASA
- LENAIN, Thierry** (2004), *Será que Joanelinha tem pilinha?*, 1ª. ed., Lisboa: Dinalivro,
- TURIN, Adela** (1999), *Un heureux malheur*, collection Les grands Livres, 1ere Ed., France: Actes Sud Junior
- CAROLL, Lewis** (2003), *Alice no País das Maravilhas*, tradução **Ramalhete Isabel**, 2ª Edição, Porto: Ambar

## **Índice das Imagens**

**Imagem nº. 1:** *Pipi das meias Altas*. Imagem retirada

**Imagem nº. 2:** Capa da obra *Oliver es un nena*. Retirada em 25 de Fevereiro de 2007, de

**Imagem nº. 3:** A professora. Retirada em 18 de Dezembro de 2008

**Imagem nº. 4:** A Florista. Retirada em 18 de Dezembro de 2008

**Imagem nº. 5:** Capa da obra *A chupeta de Nina*. Retirada em 18 de Dezembro de 2008

**Imagem nº. 6:** *A menina a lavar o chão*. Retirada em Dezembro de 2008, de

**Imagem nº. 7:** *Meninas de Sarah Kay na limpeza*. Retirada em Janeiro de 2009

**Imagem nº. 8:** *Dona de casa nas suas tarefas domésticas*. Retirada em Março de 2008

**Imagem nº. 9:** *Meninas de Sarah Kay*. Retiradas em Maio de 2008 de

**Imagem nº. 10:** Médico. Retirada em Dezembro de 2008, de [www.labelle.org/label/arguments](http://www.labelle.org/label/arguments).

**Imagem nº. 11:** *Mãe no escritório e pai na cozinha*. Retiradas em 15 de Janeiro de 2008 de [www.labelle.org/](http://www.labelle.org/)

**Imagem nº. 12:** Capa da obra *O jogo de Futebol da Alice*. Retirada em 15 de Janeiro de 2008

**Imagem nº. 13:** *O divertimento*. Retirada em Dezembro de 2008, de

**Imagem nº. 14:** “*A fada do lar*”. Retirada em 15 de Dezembro de 2008, de <http://juizdeforaonline.wordpress.com>

**Imagem nº. 15:** *Médico e enfermeira*. Retiradas em Dezembro de 2008, de [www.labelle.org/label/arguments](http://www.labelle.org/label/arguments).

**Imagem nº. 16:** Capa da obra *Anita Baby-sitter*. Retirada em Maio de 2009

**Imagem nº. 17:** Capa da obra *Anita mamã*. Retirada em Maio de 2009

**Imagem nº. 18:** Capa da obra *Anita na cozinha*. Retirada em Maio de 2009

**Imagem nº. 19:** Capa da obra *Un Heureux Malheur*. Retirada em Maio de 2009

**Imagem nº. 20:** *Sidonie e as suas tarefas*. Retirada em Maio de 2009

**Imagem nº. 21:** *Mr. Radeville e as suas aventuras*. Retirada em Maio de 2009

**Imagem nº. 22:** Capa da obra *o livro dos porquinhos*. Retirada em Maio de 2009

**Imagem nº. 23:** *Sr.ª. Porcino nas suas tarefas*. Retirada em Maio de 2009

**Imagem nº. 24:** *O regresso de D. Porcino*. Retirada em Maio de 2009

**Imagem nº. 25:** *A reviravolta*. Retirada em Maio de 2009

**Imagem nº. 26:** Capa da obra *Alice no País das Maravilhas*. Retirada em Junho de 2009

**Imagem nº. 27:** *O Coelho Branco*. Retirada em Junho de 2009

**Imagem nº. 28:** *Alice e os animais*. Retirada em Junho de 2009

**Imagem nº. 29:** *O Telescópio*. Retirada em Junho de 2009

**Imagem nº. 30:** Capa da obra *Será que Joanelha tem pilinha?* Retirada em Novembro de 2007

**Imagem nº. 31:** *Max pensativo*: Retirada em Novembro de 2007

**Imagem nº. 32:** *As brincadeiras de Joanelha*. Retirada em Novembro de 2007

**Imagem nº. 33:** *A descoberta*. Retirada em Novembro de 2007

**Imagem nº.34:** Capa da obra *Danny, o campeão do Mundo*, Retirada em Dezembro de 2007

**Imagem nº. 35:** Capa da obra *A princesa Espertalhona*. Retirada em Março de 2008

**Imagem nº. 36:** *A Princesa e os seus animais de estimação*. Retirada em Março de 2008.

**Imagem nº. 37:** *Tarefas executadas com êxito*. Retirada em Março de 2008

**Imagem nº.38** *O Beijo*. Retirada em Março de 2008

---

**ANEXOS**



|   |              |
|---|--------------|
| <b>Anexo 1: DELAHAYE, Gilbert (2007). <i>Anita na cozinha</i>, 993<sup>a</sup> ed., Lisboa: Verbo.....</b>                      | <b>p.115</b> |
| <b>Anexo 2: DELAHAYE, Gilbert (Não tem data de edição). <i>Anita baby-sitter</i>, 2455<sup>a</sup> ed., Lisboa: Verbo .....</b> | <b>p.120</b> |
| <b>Anexo 3: DELAHAYE, Gilbert (Não tem data de edição). <i>Anita mamã</i>, 402<sup>a</sup> ed., Lisboa: Verbo .....</b>         | <b>p.124</b> |
| <b>Anexo 4: TURIN, Adela (1999). <i>Un heureux malheur</i>, France : Actes Sud Jnior...p.128</b>                                |              |
| <b>Anexo 5: BROWNE, Anthony (2006). <i>O livro dos porquinhos</i>, Lisboa: Kalandraka.....</b>                                  | <b>p.131</b> |
| <b>Anexo 6: LENAIN, Thierry (2004). <i>Será que Joaquinha tem uma pilinha?</i>, 1.<sup>a</sup> ed., Lisboa: Dinalivro. ....</b> | <b>p.133</b> |
| <b>Anexo 7: CARROL, Lewis (2003). <i>Alice no País das Maravilhas</i>, 2.<sup>a</sup> ed., Porto: Ambar.....</b>                | <b>p.136</b> |
| <b>Anexo 8: DAHL, Roald (2006), <i>Danny, o Campeão do Mundo</i>, 1<sup>a</sup> ed., Novembro, Lisboa: ASA .....</b>            | <b>p.162</b> |
| <b>Anexo 9: BABETTE, Cole (2004) <i>A princesa espertalhona</i>, Lisboa: Terramar.....</b>                                      | <b>p.181</b> |



## Colecção Anita – obras analisadas

**DELAHAYE, Gilbert (2007). *Anita na cozinha*, 993<sup>a</sup> ed., Lisboa: Verbo**

No dia dos anos, a madrinha da Anita deu-lhe um livro de cozinha cheio de receitas apetitosas.

Desejosa de experimentar as que lhe parecem mais fáceis e aproveitando estar em férias...

Mas, como não tem a certeza de ser bem sucedida nas primeiras tentativas, resolve pedir a ajuda da mãe,

- Para começar – explica a mãe à Anita -, é preciso respeitar as quantidades indicadas no livro. Para isso deves servir-te da balança, de um copo graduado, de uma colher de sopa e de uma colher de café,

A mãe escreve no caderno da Anita este pequeno esquema:

Um copo grande = 2 dl (decilitros) ou 20 cl (centilitros) ou 200g (gramas);

Uma colher de sopa = 25g;

Uma colher de café = 5g.

Para medires uma colher de sopa de farinha por exemplo, deves encher a colher; em seguida passas uma faca pela colher de modo a que toda a farinha que excede os bordos caia.

Para se fazerem bons cozinhados, o tempo tem muita importância.

Um OVO QUENTE, por exemplo, leva três minutos a cozer; nem mais nem menos. Quando o ovo está pronto, tira-se-lhe um bocadinho da casca, põe-se numa tacinha própria e com uma faca corta-se-lhe como que um chapelinho... A gema está mesmo boa! Saber fazer um ovo quente quando a mãe não está em casa e o mano mais pequenino chora com fome tem as suas vantagens, não achas?

A cozinheira ideal deve dar provas da sua imaginação, de habilidade... e simultaneamente de paciência! Vendo bem quanta paciência não é precisa para ajudar a mãe a descascar quilo e meio de ervilhas... para cinco pessoas: o pai, a mãe, a Anita, o Pedro e o primo Frederico!

- Eu, então acho tanta gracinha à ervilhas! – diz o Pom-Pom.

Aí está uma que salta para debaixo da mesa, outra que se esconde dentro de um sapato... Uma terceira que rebola para um canto...

- Olha Anita, deves ter cuidado e arrumar bem as caixas! Senão ainda acabas por deitar açúcar na sopa e sal no chocolate... E sobretudo não te distraias!

- Este empadão de coelho é para mim – declara o Pantufa.

- Não é nada, é para mim – replica o Pom-Pom já irritado.

- Mas que vida a minha! Estejam um bocadinho quietos – exclama Anita zangada.

Entretanto, o leite que estava ao lume, morto por fazer uma das suas partidas do costume, escapa-se do fervedor.

Mas que sorte, ainda ficou o suficiente para as fatias douradas...

- A receita das FATIAS DOURADAS – explica a mãe – é fácil e barata. Para cada pessoa são suficientes duas fatias de pão, um ovo, um pouco de leite num prato fundo, açúcar, baunilha e óleo.

1. Se o pão for duro, tira a côdea a cada uma das fatias. 2. Passa-as primeiro pelo leite, onde já deves ter deitado o açúcar e a baunilha e, em seguida, pelo ovo inteiro batido. 3. Põe o óleo a aquecer numa sertã. 4. Frita as fatias de ambos os lados até ficarem douradas. Serve-as quentes, polvilhadas de açúcar e canela.

«Hoje vamos ter peixe para o almoço». Pensa o Pom-Pom, «Com este cheirinho foi fácil adivinhar. Além disso, a Anita já preparou um ovo para a maionese.»

A Branquinha pôs um ovo mesmo a calhar e a Anita e o Pantufa foram buscá-lo à capoeira. Um belo ovo, muito fresco... tão liso como uma bola a brilhar.

- Como se faz a MAIONESE?

- Não é nada difícil – responde a mãe. – São necessários: uma gema de ovo, uma colher de café de mostarda, sal, pimenta, uma colher de sopa de vinagre e azeite.

1. Numa tigela grande, misturas bem a gema, a mostarda, um pouco de sal e de pimenta.

2. Batendo sempre, vais deitando a pouco e pouco o azeite. A maionese torna-se espessa.

3. Continuas até obter a quantidade necessária e juntas o vinagre.

O Pantufa e o Pom-Pom foram postos fora. Imaginem o que não seriam estes dois metidos na cozinha, sempre à espera de poderem roubar qualquer coisa!

- Se entrássemos pela janela? – sugere o Pantufa.

- Não penses nisso, é muito perigoso – responde o Pom-Pom. – Não ouviste o que disse a Anita? «Vou preparar uns cachorros...»

- Ouvi – disse o Pantufa, que também gosta de meter medo ao Pom-Pom. – Mas olha que a Anita acrescentou ainda que também faria umas línguas-de-gato...

- Bem, nesse caso vou raspar-me quanto antes... Sim, não estou disposto a fazer as despesas da sobremesa!

A Anita continua a folhear o seu livro de receitas.

- Oh, olha mamã, a receita da *MOUSSE* de CHOCOLATE! Se eu experimentasse...

É tão boa a *mousse* de chocolate!

- Só tens de seguir atentamente as indicações do teu livro: para seis pessoas é necessário: 200g de chocolate preto, seis ovos, seis colheres de sopa de açúcar, uma colher de sopa de manteiga.

1. Deixar que o chocolate derreta em banho-maria, em lume brando.
2. Separar as claras das gemas para duas tigelas.
3. Juntar às gemas o açúcar e bater até obter um creme.
4. Juntar o chocolate derretido, a manteiga amolecida e as claras batidas em castelo.
5. Deitar em tacinhas e servir muito fresca, acompanhada de uns biscoitos chamados línguas-de-gato.

Hoje de manhã a mãe comprou um quilo de maçãs reinetas, que são as melhores para fazer maçãs *glacées*. A primeira coisa a fazer é pôr o açúcar ao lume. A Anita entrega-se à sua tarefa. Mas, de repente...

- Olha o que encontrei agora no sótão! – exclama o Pedro, que entra como um furacão pela cozinha.

- Oh, um palhaço, tão engraçado! Dás-mo?

E o açúcar esquecido no fogão, começa a ferver, a ferver... Se a mãe não tivesse chegado entretanto, ter-se-ia queimado.

Eis a receita das *MAÇÃS GLACÈES* (para quatro pessoas):

4 maçãs (reinetas, de preferência), 10 a 15 colheres de açúcar branco,

1. Dissolver o açúcar em 2dl de água.
2. Deixar ferver. Logo que principie a formar pequenas bolhas, deitar para dentro do tacho as maçãs descascadas e sem caroços. Tapar com a tampa e deixar cozer, vigiando sempre a cozedura, para que as maçãs se conservem inteiras.
3. Colocá-las uma a uma num prato.
4. Esperar que o molho engrosse e deitá-lo em seguida por cima das maçãs.
5. Pôr em seguida a gelar no frigorífico.

Chegou o dia que destinávamos para fazer as compotas. Colhemos todos os morangos do jardim e a tia Alice veio propositadamente a nossa casa para nos dar umas indicações. Ninguém na família consegue fazer as compotas melhor do que a tia Alice.

COMPOTA DE MORANGOS (receita da tia Alice):

1Kg de morangos (frescos e bem maduros), 1Kg de açúcar.

1. Lavar os morangos rapidamente (não devem ficar de molho). Deixar escorrer. Tirar os pés e cortar em bocadinhos pequenos.
2. Misturar o açúcar e levar ao lume até levantarem fervura.
3. Deixar cozer durante 4 minutos.
4. Deitar em frascos.
5. Tapar os frascos com papel celofane preso com um elástico.

A Anita faz os CREPES melhor que ninguém, se bem que...enfim... a mãe lhe vá dando uma ajudazita! Preparar a massa dos crepes não é tão fácil como se pensa. Ora experimentem.

Para quatro pessoas são necessários: 250g de farins, 4 ovos, uma pitada de sal, 50g de manteiga amolecida, meio litro de leite, uma noz de levedura.

- a) *Preparação da massa:* 1. Deitar a farinha num prato fundo. 2. Fazer uma pocinha no meio da farinha e colocar dentro dela as gemas, o sal e a manteiga. 3. Misturar tudo e bater à medida que se vai deitando o leite morno. 4. Juntar a levedura (previamente dissolvida num pouco de água ou de leite, ligeiramente aquecido) e as claras batidas em castelo. 5. Deixar levedar a massa semilíquida perto de uma fonte de calor.
- b) *Como cozinhá-la:* 1. Untar uma frigideira e aquecê-la em lume forte. 2. Retirar um momento do lume e deitar dentro dela uma camada fina de massa. 3. Deixar alourar. 4. Voltar o crepe com uma espátula ou, se forem tão habilidosas como a Anita, fazendo-a virar no ar e cair de novo na frigideira. 5. Servir quente, polvilhado de açúcar. Podem apresentar-se também enrolados, depois de recheados com compota.

Hoje é domingo. Os avós da Anita foram convidados para jantar em casa dela, com toda a família. E como estavam desejosos de experimentar os bons petiscos que a Anita já faz tão bem, parece-me que... Adivinhei, a Anita fez uma sopa de ervilhas que o avô adora.

- Mmm...Bravo, Anita, está uma delícia! – diz ele. – Vou mandar-te amanhã sem falta as tacinhas que te prometi para os ovos quentes.

E depois de alguns meses, a Anita já sabe cozinhar sozinha. É evidente que há ainda pratos muito complicados que necessitam de uma grande prática e que, naturalmente são feitos pela mãe. Mas apesar disso, a Anita pode já considerar-se uma ótima cozinheira.

Se tiverem um pouco de paciência e souberem escutar os conselhos das vossas mães, também vocês conseguirão fazer cozinhadinhos simples. Toda a família aplaudirá os vossos progressos... e comerá com muito agrado os vossos petiscos.

**DELAHAYE, Gilbert** (Não tem data de edição). *Anita baby-sitter*, 2455<sup>a</sup> ed., Lisboa: Verbo

Na quinta-feira, a tia Cristina telefonou à Anita.

- Vamos sair esta noite. Podes tomar conta dos teus primos?

A Anita fica contentíssima. Ela adora os primos, as gémeas, Luísa e Inês, e o irmão Tomás.

Nessa noite a Anita chega a casa da tia Cristina.

- Boa noite a todos!

A cadelinha Buba corre a saudá-la.

- O Pantufa manda-te saudades segreda-lhe a Anita à orelha.

- Depressa, depressa que o carro já está à espera – diz a tia Cristina. – Nós voltamos tarde... O Tomás tem de acabar os trabalhos de casa. Depois do jantar, a Anita vai deitar-vos... Não se esqueçam de lavar os dentes. E portem-se bem, meninos!

- Sim claro. Adeus.

O pai e a mãe saíram, vai ser uma festa!

- Esperam! Onde é que vocês vão?

- Jogar às escondidas para os quartos – responde a Luísa.

- Vamos dar pulos em cima das camas – diz a Inês.

- Não, não! Não corram pelas escadas, desçam! – grita a Anita. – Vou ler-vos uma história muito bonita.

- Ouçam. É a história da lebre e da tartaruga. Enquanto a lebre se diverte, a tartaruga não perde nem um minuto pelo caminho.

- A lebre vai chegar primeiro. Ela corre mais depressa!

- Não. A tartaruga ganhou.

- Não serve de nada correr...

- Mais uma história, Anita!

- Prometo que conto mais tarde.

- Trouxe um *puzzle*. Vejam. Começamos pelos cantos que é mais fácil.

- E eu? Pergunta a Inês. – O que é que eu faço?

A Anita tem de estar em todo o lado ao mesmo tempo.

Agora ajuda o Tomás, que está quase a chorar, a fazer os deveres. Mas ele preferia ficar a brincar com a Buba.

As gémeas já acabaram o *puzzle* e é preciso arranjar outra coisa para as entreter. A Anita ensina-as a fazer recortes. Para tal é necessário uma tesoura de bicos redondos para não se magoarem. Ela corta rectângulos de papel dobrados em tiras e ...

- Eu desdobro... Vejam!

- Parece uma renda.

Só há uma tesoura. Felizmente a Luísa prefere fazer desenhos com canetas de feltro. Ela faz desenhos muito bonitos e oferece um à Anita. Os outros são para a Mãe!

O Tomás chama-a. Já acabou de fazer as contas e Anita corrige-as.

- Está muito bem! Tem poucos erros.

Durante esse tempo as gémeas divertem-se à grande.

- Como é divertido cortar com uma tesoura!

Pode brincar-se as Cabelereiras.

E a canetas de feltro...há-as de todas as cores. As paredes vão ficar bem giras. «A mãe vai ficar muito contente», pensa a Inês.

E se nos mascarássemos?

- Bom dia, minha senhora... Tem um chapéu muito bonito!

- Anita vem ver como estou linda!

- Vocês fizeram desenhos em todo o lado! – exclama a Anita.

«Como é que vou limpar isto tudo? Não podem ficar sozinhas um minuto!»

Felizmente a Anita consegue limpar tudo com sabão.

- Agora vamos acalmar! – pede a Anita.

Mas os disparates ainda não acabaram. A Luísa e a Inês brincam alegremente no sofá até que encontram o telefone portátil.

- E se telefonássemos à mãe? Eu sei o número: um, dois, três, quatro, cinco, oito – diz a Inês.

- *Hello?*

- Está? Quem fala?

- *Good evening.*

- *Good evening!* Mas é a voz de um inglês!

- Vocês são terríveis!

Desta vez a Anita está furiosa.

- Desculpe foi engano. Boa noite...

Durante este tempo o Tomás acabou os deveres. Só lhe falta rever a tabuada.

Dois vezes cinco são dez.

Dois vezes seis são doze.

- Eu também sei contar – diz a Inês.

- Luísa, quantos são dois vezes três?

- Dois vezes três são...não sei.

- Dois vezes três são cinco.

Mas eis que o telefone toca...

É a tia Cristina.

- Boa noite, Mãe, estamos a portar-nos muito bem - diz a Luísa. – Vamos ver televisão... Não, não nos vamos deitar muito tarde.

No ecrã, aparece um disco voador. Ele aterra no meio de um feixe de luzes vermelhas, azuis e verdes. Um extraterrestre desce do aparelho. Tem um capacete na cabeça. Não tem um ar simpático. Os olhos brilham como estrelas.

- Não gosto nada disto, E se mudássemos de canal?

- Vamos ver uma cassete de vídeo – diz a Anita. – O que querem ver?

- *Os 101 Dálmatas!*

- Não! Já a vimos tantas vezes! Prefiro filmes cómicos.

- Vamos ver um filme de Charlot!

- É mais engraçado.

Agora toda a gente ri às gargalhadas.

A Anita pede para a ajudarem a preparar o jantar. As gémeas disseram logo que faziam o molho para temperar a salada.

- Vejamos: é preciso muito azeite, vinagre, sal, pimenta... Depois mistura-se tudo.

- E se juntássemos açúcar?

- De certeza que ficava melhor.

- A Mãe as vezes também põe cebolas, mas picam e fazem arder os olhos.

- Para a mesa, meninos. Há frango, presunto...

- Eu cá prefiro gelado – diz a Luísa.

Está na hora do banho.

A banheira está cheia de espuma. O Tomás faz bolas de sabão.

Chovem salpicos e risos. Até a Buba se diverte.

Está na hora de enfiar os pijamas.

- Vistam-se sozinhas – diz Anita

- Este é meu?

- Não, é meu!

A casa de banho ficou num estado miserável. Há água por todo o lado!

«Quando é que elas vão parar?», suspira a Anita.

As gémeas começam a ficar cansadas, está na hora de irem para a cama.

A Inês adormece nos braços de Anita.

- Boa noite, minha querida. Bons sonhos. E não penses nos extraterrestres.

Felizmente tudo acalmou!

As gémeas estão a dormir. Finalmente a Anita vai poder descansar. Não é nada fácil substituir uma mãe!

- Cu-cu! Somo nós!

- Não, estou a sonhar! Elas voltaram!

- Anita, conta mais uma história.

- Por esta noite acabou. Toda a gente está cansada. Vamos mas é dormir. O pai e a mãe já estão quase a chegar.

**DELAHAYE, Gilbert (Não tem data de edição). *Anita mamã*, 402<sup>a</sup> ed., Lisboa: Verbo**

Esta manhã reina a calma na casa da Anita. O Pai e a Mãe saíram e só regressam à noite. O Bebé, o Pom-Pom e o Pantufa ainda dormem.

O despertador toca. Anita levanta-se logo, pois hoje tem de substituir a Mãe e tratar do Francisco, o seu irmãozinho, que deve estar a acordar.

Anita corre as cortinas e abre as janelas. O sol entra no quarto. Lá fora o galo canta e o jardim cheira bem.

É um lindo dia que começa.

Os sonhos da noite vão-se...O Bebé acorda e olha para o cuco que sai do relógio e canta «Cucu, cucu.» No papel da parede, os patos parece que vão lançar-se no charco. O Pom-Pom sobe a escada a correr para saber se o Bebé dormiu bem.

Quando o Francisco já está bem desperto, Anita pega nele ao colo. O Bebé, atrapalhado com o sol, faz uma careta e fecha os olhos.

- Bom dia, bom dia! – diz a Anita beijando-o para o tranquilizar.

O dia do Bebé começa com o banho. Atenção, que a água não esteja muito quente!

Dar banho ao Francisco não é fácil, pois ele chapinha com as mãos na água para ver baloiçar o peixe encarnado e o pato de celulóide.

Quer pôr-se de pé na banheira, salpica a cara e dita a língua de fora. Cuidado com o sabão nos olhos!

O banho terminou. Ora é muito importante que o Bebé não apanhe frio. Uma fricção com água-de-colónia vai fazer-lhe bem.

- Água-de-colónia – diz o Pantufa, desviando o focinho. – Os perfumes fazem-me dores de cabeça...

O Bebé bem gostaria de voltar para a banheira, mas não lhe vale de nada esbracejar. Não pode tomar banho outra vez.

Anita não sabe o que há-de fazer. Como vai ela vestir o Bebé? Se a mãe estivesse ali...Mas não faz mal; há-de conseguir desembaraçar-se.

Faz por ter todo o cuidado, para não picar o irmãozinho com o alfinete-de-ama. E agora? O Bebê fecha a mãozinha dentro da manga da camisola e não consegue tirá-la. Mas a Anita não se atrapalha.

E aqui está um laço nada fácil de fazer.

O Bebê chora, Anita sabe bem a razão da sua impaciência. É a hora do biberão. E quando o Bebê tem fome não se pode fazê-lo esperar.

Assim, Anita trata de aquecer a água na chaleira. Onde está o leite? E o açúcar? O biberão está lavado? Muito bem. Já só falta medir o leite, a água e o açúcar. A Mãe disse:

- Até este risco do biberão.

O leite está como deve ser: nem muito quente nem muito frio. O Bebê já não chora. Está ao colo da irmã e bebe sofregamente.

- Devagarinho diz ela, baixando o biberão -, senão daqui a pouco estás com soluços.

O irmãozinho da Anita observa o tecto. Nos seus olhos já não há sombras de tristeza. Agarra o biberão com as duas mãos e o Pom-Pom olha-o, esperando que ele lhe deixe um bocadinho de leite.

Antes de sair, a Mãe disse: «Se estiver bom tempo, podes levar o menino a passear ao parque.» É uma sorte o sol estar de acordo!

Anita vai buscar o carrinho do Bebê, e põe-lhe uma almofada e uns lindos lençóis, onde estão bordados as cores coelhos e passarinhos.

Não são precisos cobertores, porque está muito calor. O que é preciso é não esquecer a sombrinha.

Anita sente-se orgulhosa ao passear o irmão no lindo carrinho. Mal entra no parque, as crianças correm para ela.

- É teu irmão? – pergunta a Isabel

- Como se chama? – interroga a Cláudia.

- Chama-se Francisco.

- Que lindo que é! Que idade tem?

- Fez treze meses no dia quinze de Abril.

No parque, os meninos gritam muito alto, a jogar às escondidas. O Bebê não consegue adormecer. É melhor voltar para casa.

Em casa, no terraço, debaixo de um guarda-sol, o Bebê não tarda a fechar os olhos.

- Silêncio! – recomenda a Anita, pondo um dedo nos lábios. – Não acordem o Bebê.

E vai-se embora em bicos de pés. O Pom-Pom vigia, em cima de um banco. Tudo está calmo.

De repente, pela janela aberta, ouve-se um barulho de latas.

Anita vai logo ver o que aconteceu. Foi o Pom-Pom que descobriu um rato e começou a correr atrás dele.

Durante a perseguição, fez cair a vassoura sobre o balde e este rebolou para o meio do pátio. O Bebé acordou, assustou-se e pôs-se a chorar.

- Não foi nada! – diz a Anita pegando nele ao colo.

O Bebé acalma-se... e só pensa em brincar. O cavalinho de baloiço atrai-lhe a atenção.

O cavalinho tem guizos em volta do pescoço e fitas na crina. Espera que o Bebé esteja bem instalado e desata a galopar para trás e para a frente como um cavalo de verdade.

Cuidado com as patinhas do Pom-Pom!

O Bebé já não quer brincar com o cavalo. Agora quer andar.

É verdade que não tarda a ser um rapazinho crescido.

Mas ainda não anda muito bem. É preciso que a Anita o segure. Assim, conseguirá ir até ao fundo do jardim, onde está a pastar um carneirinho.

- Bom dia, carneirinho!

Claro que o Bebé ainda não fala. Mas o que o Bebé não diz toda a gente adivinha.

O carneirinho, esse, então, nunca chegará a falar. Mas dá saltos na relva e faz toda a espécie de cabriolas. Com isto ele quer dizer: «Vamos! Faz-me uma festa...»

Mas nada é tão difícil como fazer festas a um carneirinho que nunca está quieto.

A tarde está no fim. O ar livre abre o apetite e o Bebé reclama o jantar.

Anita senta o Francisco na cadeira, que tem um tabuleiro à frente e uma linda almofada. Depois traz uma colher e um prato e sopra para arrefecer a papa.

- Uma colher para o Pom-Pom. Outra pelo cavalinho de baloiço e mais outra pelo carneirinho!

- Não se esqueçam de mim! – parece dizer o Pantufa.

As estrelas aparecem no céu. São horas de deitar o Bebé. A Anita despe-o.

Já está de pijama, pronto para dormir com o urso de peluche e o coelho de orelhas compridas.

Pom-Pom pergunta a si próprio se o urso de peluche deixará o Bebé dormir e se o coelho matreiro não passará a noite a correr no quarto.

E o gato abana a cauda para dizer:

- Amanhã vamo-nos divertir a valer.

- Bons sonhos! – deseja a Anita ao Francisco.

Mal se deita no berço, o Bebé adormece. Anita gosta muito do irmãozinho... Mas está contente porque os Pais estão quase a chegar, e, está claro, não é fácil tratar do Bebé um dia inteiro!

**TURIN, Adela (1999). *Un heureux malheur*, France : Actes Sud Junior**

Avant le déluge, la famille Radeville vivait dans le modeste cagibi d'un appartement confortable des beaux quartiers.

Monsieur Radeville avait belle prestance, il était très fier de ses moustaches et de sa grosse voix de chef de famille.

Sidonie Radeville, elle, était douce, modeste et soumise.

Elle s'occupait à la perfection de ses fils Totor et tamerlan et de ses filles Mirabelle, Mouchette, Marseille, Meringue ; Mercuriale et Myline, et passait son temps à astiquer, ranger, laver, repasser, cuisiner...

Avant le déluge, chez les Radeville, les journées s'écoulaient, monotones, toutes couronnées par un événement important : le repas du soir, que Sidonie Radeville passait tout l'après-midi à préparer, car son mari était fin gourmet.

Les enfants admiraient sa subtilité et ses moustaches lorsque, l'air inspiré et les yeux au ciel, il déclarait :

- Sidonie, avec un peu plus de crème et deux brins d'estragon ajoutés à la dernière minute, ta blanquette serait parfaite.

Après le dîner, Radeville racontait à ses enfants éblouis ses aventures de jeunesse.

Les mystérieuses pyramides d'Égypte qui n'avaient plus de secrets pour lui, les cales des bateaux pirates dans lesquelles il avait tant de fois fait le tour de la terre et sa fameuse histoire, dans la mosquée d'Istanbul. Jusqu'à ses premiers pas sur la lune, caché dans la botte de Neil Armstrong...

Ces histoires passionnaient aussi Sidonie Radeville, d'autant plus qu'il en inventait toujours de nouvelles.

Elle n'avait pourtant jamais le temps de tout écouter, la vaisselle l'attendait.

Alors elle s'y mettait sans faire de bruit, car si par malheur un couvercle tombait, Radeville, agacé, arrêta son histoire et les enfants grondaient :

- Mamaan... ! Tu vois bien que papa parle !

Radeville était président directeur général honoraire de la Socopir (Société pour le contrôle des pièges à rats).

C'était une société déclarée d'utilité publique, qui ne vendait rien, n'achetait

rien, n'employait personne, ne faisait pas de bénéfiques et ne payait pas d'impôts. D'ailleurs, depuis les dernières découvertes scientifiques, les pièges à rats avaient complètement disparu et il était donc très difficile de les contrôler. Mais Radeville prétendait, bien sûr, qu'il était débordé.

Avant le déluge, Radeville, un peu énervé et légèrement en retard, partait chaque matin pour son bureau, un trou sous l'escalier du deuxième étage de l'immeuble d'en face. Et tous les soirs fatigué, perdu dans ses soucis, il rentrait à la maison.

Sidonie lui demandait invariablement :

- Comment va-ton travail mon chéri ? Tu veux me dire ce qui ne va pas ?

Invariablement, Radeville répondait par un grognement décourageant et prenait son air le plus épuisé. Ce qu'il voulait ?

La paix, son journal, ses pantoufles, les nouvelles de la télé , du calme, de l'ordre, des enfants muets, son apéritif, ses cigarettes...

Et, naturellement, son dîner.

Ainsi s'écoulait la vie chez les Radeville.

Le soir, dans leurs petits lits, les garçons rêvaient des prodigieuses aventures de leur père et s'endormaient, béats, en pensant « mon papa est un grand rat ».

Mais un jour, ce fut le déluge ! L'horreur : des vagues déchaînées dévastèrent le trou des Radeville. Le temps de réparer le tuyau crevé, le confortable foyer partit à la dérive.

Les petits lits, le buffet, la cuisinière et même le fauteuil de Radeville, tout fut emporté.

Ce fut la panique. Monsieur Radeville était à la Socopir et Sidonie dut organiser toute seule le sauvetage de ses huit enfants en les hissant sur une table renversée, qu'elle transforma en radeau improvisé.

Quelques heures après le déluge, ils étaient tous sains et saufs, bien au sec dans le tiroir d'une vieille commode abandonnée depuis longtemps au grenier.

En un tour de main, Sidonie installa huit petits lits de fortune, et se débrouilla pour cuire une bonne soupe.

Ce soir là, Radeville arriva fort tard. Il trouva sa maison dévastée. Les empreintes des petits pieds mouillés le conduisirent jusqu'à sa famille, profondément endormie dans le tiroir...

Encore gris de peur, il réchauffa ce qui restait de soupe et il la mangea en silence.

Ce soir là, il dut se passer de fauteuil, de pantoufles, de journal, d'apéritif, et de télé.

Et la vie s'organisa dans le tiroir.

Mais tout était différent. Fautes de casseroles et de poêles, de fait-tout et de moulinettes, de rouleau à pâtisserie et de chinois, de passoires et de moules à tarte, Sidonie avait du temps.

Avec ses enfants qui trouvaient cette nouvelle vie très amusante, elle prit l'habitude d'explorer le quartier, à la recherche d'un autre trou.

Après le déluge, voici venu le temps des découvertes ! Ils rencontrent des chiens, des chats et même des oiseaux. Ils courent d'une boîte à un panier, d'une chaussure à un vieux jouet, ils montent et descendent des escaliers, découvrent de vieilles cartes du monde et des vieilles lettres à midi, ils ne rentrent même plus déjeuner au tiroir... Et le soir, les enfants, très excités, racontent à Radeville les aventures de leur journée.

**BROWNE, Anthony (2006). *O livro dos porquinhos*, Lisboa:  
Kalandraka**

O Sr. Porcino vivia com os seus dois filhos, Miguel e Pedro, Numa boa casa com um belo jardim, e um bom carro numa boa garagem.

Dentro de casa estava a sua mulher.

“Despacha-te com pequeno-almoço, querida!”, repetia o Sr. Porcino todas as manhãs antes de sair para o seu importantíssimo trabalho.

“Despacha-te com o pequeno-almoço, mãe!”, diziam Miguel e Pedro antes de saírem para a sua importantíssima escola.

Depois de todos saírem de casa, a Sr<sup>a</sup>. Porcino lavava a loiça do pequeno-almoço...fazia as camas... aspirava o chão... e depois ia para o trabalho.

“Despacha-te com o lanche, mãe!” diziam os rapazes todas as tardes quando chegavam da sua importantíssima escola.

“Despacha-te com o lanche, querida!”, dizia o Sr. Porcino todas as tardes quando chegava do seu importantíssimo trabalho.

Assim que todos acabavam de lanchar, a Sr<sup>a</sup>. Porcino lavava a loiça... lavava a roupa... passava a ferro... e depois voltava a cozinhar.

Certa tarde, quando os rapazes chegaram da escola não havia ninguém para os receber.

“Onde está a mãe?”

Certa tarde, quando os rapazes chegaram da escola não havia ninguém para os receber.

“Onde está a mãe?” perguntou o Sr. Porcino assim que chegou do trabalho.

Ela não estava em lugar nenhum.

Em cima da prateleiras estava um envelope.

O Sr. Porcino abriu-o.

Dentro estava um pedaço de papel que dizia:

Vocês são uns porcos.

“Que havemos de fazer?” disse o Sr. Porcino.

Eles tinham que preparar a sua própria comida.

Demoraram horas. E ainda por cima, estava horrível.

Na manhã seguinte tiveram que preparar o seu próprio pequeno-almoço.

Demoraram horas. E também estava horrível.

No dia seguinte, na noite seguinte e no dia depois, a Sr<sup>a</sup>. Porcino ainda não estava em casa.

O Sr. porcino, o Miguel e o Pedro tentaram tomar conta de si próprios.

Eles nunca tinham lavado a loiça. Eles nunca tinham lavado as suas roupas. Não tardou até que a casa parecesse uma pocilga.

“Quando é que a mãe volta para a casa?” gritaram os rapazes depois de mais uma horrível refeição.

“Como é que eu vou saber?” grunhiu o Sr. Porcino.

Estavam todos cada vez mais rabugentos.

Certa noite, já não havia nada m casa para eles cozinharem.

“Vamos ter de dar uma volta e procurar alguns restos,” roncou o Sr. Porcino.

E nesse mesmo instante entrou a Sr<sup>a</sup>. Porcino pela porta.

“VOLTA, POR FAVOR VOLTA”, suplicaram eles.

E assim a Sr<sup>a</sup>. Porcino ficou. O Sr. Porcino lavou a loiça. O Miguel e o Pedro fizeram as camas. O Sr. Porcino passou a ferro.

Todos ajudaram a cozinhar. E até gostaram!

A mãe também estava feliz...

Ela concertou o carro.

**LENAIN, Thierry (2004). *Será que Joaquinha tem uma pilinha?*, 1.ª ed., Lisboa: Dinalivro**

Dantes para o Max tudo era simples.

Primeiro: Havia os Com-pilinha.

Segundo: havia os Sem-pilinha.

Terceiro: Os Com-pilinha eram mais fortes que os Sem-pilinha.

É óbvio, porque tinham pilinha!

Eh...! Nem vale a pena protestar. Era assim desde o princípio do mundo. Vejam, por exemplo, os mamutes.

No tempo dos mamutes, havia os mamutes com pilinha e os mamutes sem pilinha. E quais eram os mais fortes?

Por isso, o Max estava mesmo muito feliz por fazer parte dos Com-pilinha.

E quanto às meninas... paciência...

Se às meninas faltava qualquer coisa, a culpa também não era dele!

Mas tudo isto era dantes. Porque um dia, a Joaquinha entrou para a turma do Max.

- Meninos, apresento-vos a Joaquinha – diz a Senhora Professora.

Ao princípio, o Max nem quer saber da Joaquinha. Ela é uma Sem-pilinha, ela que vá mas é brincar com as bonecas ou desenhar florzinhas patetas.

Olha, até estamos na aula de desenho, e a Joaquinha está a desenhar.

- Mas tu tens muito jeito! – exclama a Senhora Professora, mostrando o trabalho da Joaquinha.

Na folha, não estão florzinhas patetas. O que lá está é um enorme mamute! «Mas que raio de miúda é esta?», pensa o Max para consigo.

Nos dias e nas semanas que se seguem, o Max pergunta-se muitas vezes: «Mas que raio de miúda é esta?»

Porque, além de desenhar mamutes, a Joaquinha também joga à bola. E tem uma bicicleta de rapaz. E não tem medo de subir às árvores (muito mais alto do que o Max). E quando a Joaquinha luta, está sempre a ganhar.

«Não, mas afinal, que raio de miúda é esta?», torna a perguntar-se o Max, pela milésima vez. Até que uma ideia se instala na sua cabeça: a Joaquina deve ser uma rapariga especial!

Ele acha que a Joaquina deve ter alguma coisa a mais do que as outras raparigas... sim, é isso. A Joaquina é uma rapariga que tem pilinha! Uma Sem-pilha com pilinha... Mas isso é batota!

O Max decide imediatamente abrir um inquérito para descobrir a verdade.

Assim que ele tiver a prova de que a Joaquina tem pilinha, irá denunciá-la a toda a gente. Nunca mais ninguém vai querer brincar com ela!

Dito e feito. O Max nunca mais larga a Joaquina. Vai atrás dela para todo o lado para a espiar. Por debaixo da porta da casa de banho, por exemplo, ele vê que ela faz chichi sentada e não de pé. Bom, mas isso também não prova nada. Toda a gente pode fazer chichi sentada.

De outra vez, o Max vai dormir a casa da Joaquina. Mas... azar... ela despe-se na casa de banho e sai com um grande pijama cheio de mamutes. Nessa noite, o Max não consegue ver mais nada. Na verdade, nas outras noites e nos outros dias também não. É que este tipo de inquérito não é assim tão fácil... Dezenas de noites e dezenas de dias se passam assim, sem que nada se veja.

Até que chega o Verão.

A Joaquina e o Max encontram-se num parque de campismo. Enquanto os pais deles estão a montar as tendas eles gritam:

- Nós vamos tomar banho!

De impacientes que estão por mergulhar nas ondas, esquecem-se de levar os fatos de bano. E só se apercebem disso quando chegam à praia.

- Que grande chatice! – Resmunga a Joaquina. Temos de voltar para trás...

«Nem pensar!», lembra-se o Max.

«É agora ou nunca!» e diz:

- E se tomássemos banho nus...?

Ele está mesmo à espera de que a Joaquina diga que não. Mas nada disso. Ela responde:

- Está bem!

E começa a despir-se. A princípio, a única coisa que o Max consegue ver é o rabo da Joaquina. Mas isso não chega. Só pelo rabo não se pode saber. Então, a Joaquina vira-se. E o Max fica de boca aberta e com os olhos esbugalhados.

O Max balbucia:

- Mas tu... tu... tu não tens pilinha?

Admirada, a Joanelha olha para baixo da sua barriga e responde:

Eu? Não... eu tenho pipi!

E plof, mergulha numa onda.

Desde então, o mundo nunca mais voltou a ser o mesmo para Max.

Dantes, havia os Com-pilha e os Sem-pilha. Agora, há os Com-pilha e os Com-pipi. Pois é...afinal não falta nada às meninas!

**CARROL, Lewis (2003). *Alice no País das Maravilhas*, 2.<sup>a</sup> ed., Porto: Ambar.**

## **Capítulos analisados**

### **Capítulo 1**

#### **Na toca do Coelho (pp.6-12)**

Alice estava a começar a ficar farta de estar sentada ao lado da irmã, na margem do rio, e de não ter nada que fazer: uma vez por outra tinha espreitado para o livro que a irmã estava a ler, mas este não tinha nem ilustrações nem diálogos, “e para que serve um livro”, pensou Alice, “sem ilustrações nem diálogos?”

Começou a pensar (o melhor que podia, porque o calor do dia fazia-a sentir-se sonolenta e estúpida) se o prazer de fazer um colar de margaridas merecia o esforço de se levantar para as colher, quando, de repente, um coelho branco com olhos cor-de-rosa passou a correr junto dela.

Não havia nada de *muito* extraordinário nisso; nem Alice achou muito extraordinário ouvir o coelho dizer com os seus botões: “valha-me Deus! Valha-me Deus! Vou chegar atrasado!” (quando pensou naquilo mais tarde, ocorreu-lhe que se devia ter espantado, mas na altura tudo lhe pareceu bastante natural); porém, quando o Coelho tirou um relógio do bolso do colete, olhou para ele e se apressou, Alice, pôs-se em pé de um salto, porque de repente lhe veio à ideia que nunca antes vira um coelho com um bolso de colete do qual tirasse um relógio e ardendo de curiosidade, correu pelo campo fora, atrás dele, mesmo a tempo de o ver esgueirar-se por uma grande toca debaixo de uma sebe.

Logo de seguida, Alice foi também por ali abaixo atrás dele, sem sequer pensar como havia de ser para sair outra vez.

A toca seguia em frente, como um túnel, durante um bocado e, depois, mergulhava a pique tão inesperadamente, que Alice não teve tempo para pensar em parar antes de se sentir cair por aquilo que parecia ser um poço muito fundo.

Ou o poço era muito fundo ou ela ia muito devagar, visto que teve muito tempo para olhar em volta enquanto descia e para pensar no que iria acontecer em seguida.

Primeiro, tentou olhar para baixo, procurando perceber o que a esperava; porém, estava muito escuro para ver fosse o que fosse.

Depois, olhou para as paredes do poço e reparou que estavam cheias de louceiros e estantes. Aqui e ali viu mapas e gravuras penduradas em pregos. À passagem, tirou um frasco de uma das prateleiras. O rótulo dizia; “COMPOTA DE LARANJA”; mas para sua grande desilusão, estava vazio. Não quis deixar cair o frasco com medo de matar alguém que estivesse em baixo, por isso, conseguiu metê-lo num dos louceiros enquanto caía pelo meio deles.

“Bem”, pensou Alice para consigo, “depois de um trambolhão destes, não me vou ralar nada de cair pelas escadas abaixo! Como todos me vão achar corajosa lá em casa! Ora, não me queixava nem que caísse do telhado da casa!” (o que provavelmente até era verdade).

Para baixo, para baixo, para baixo. Será que a queda *nunca* mais acabava? “Quantos quilómetros é que já terei caído?” perguntou em voz alta. “Já devo estar perto do centro da Terra. Deixa ver: devem ser para aí seis mil quilómetros, acho eu...” (porque, bem vêem, Alice aprendera muitas coisas como essa nas aulas e, embora aquela não fosse uma oportunidade *muito* boa para mostrar os seus conhecimentos, porque não havia ali mais ninguém, repetir só podia ser um bom treino) “...sim, deve ser mais ou menos isso... mas a que Latitude e Longitude estarei?” (Alice não fazia a mínima ideia do que era Latitude, e a Longitude também não, mas achava que eram palavras distintas e bonitas).

Daí a pouco recomeçou. “Gostava de saber se irei *atravessar* a terra. Vai ser engraçado sair entre as pessoas que caminham de cabeça para baixo! Os Antipatias, acho eu...” (desta vez ficou satisfeita por não *estar* ninguém a ouvi-la, já que a palavra não lhe parecia correcta, “mas terei de lhes perguntar o nome do país. Por favor, minha senhora, estamos na Nova Zelândia ou na Austrália?” (e tentou fazer uma vénia enquanto falava... Imaginem, fazer uma vénia enquanto caía! Acham que eram capazes de tal coisa?) “E ela vai achar-me uma menina muito ignorante por fazer tal pergunta! Não, é melhor não perguntar nada; talvez eu veja o nome escrito em qualquer sítio.”

Para baixo, para baixo, para baixo. Como não podia fazer mais nada, Alice recomeçou a falar: “Acho que a Dinah vai sentir muito a minha falta, hoje à noite!” (Dinah era a gata.) “Espero que se lembrem de lhe dar um pires de leite à hora do lanche. Dinah, meu amor, quem me dera que estivesse aqui em baixo comigo. Receio que aqui no ar não haja ratos, mas podes caçar um morcego que, fica sabendo, é muito

parecido com um rato. Será que os gatos comem morcegos?” Nessa altura Alice começou a ficar cheia de sono e desatou a repetir para si mesma, como num sonho: “Os gatos comem morcegos? Os gatos comem morcegos?” e, por vezes, “Os morcegos comem gatos?, porque, compreendem, se não sabia a resposta, a maneira como fazia a pergunta não tinha qualquer importância.

Sentiu que estava a dormir e tinha mesmo começado a sonhar que estava a passear de mão dada com Dinah e lhe dizia muito séria: “Vá lá, Dinah, diz lá a verdade: alguma vez comeste um morcego?”, quando, de repente, catrapum! Caiu sobre uma pilha de ramos e folhas secas e a queda chegou ao fim.

Alice não estava nada magoada e pôs-se de pé num instante: olhou para cima, mas estava tudo escuro: diante dela havia outro corredor comprido e o Coelho Branco ainda se via, caminhando por ele, apressado. Não havia um momento a perder: e lá foi Alice veloz como o vento, mesmo a tempo de o ouvir dizer, enquanto dobrava a esquina: “Oh, pelas minhas orelhas e pelos meus bigodes, que tarde que é!” Ela ia mesmo atrás dele quando ele virou a esquina, mas o Coelho Branco tinha desaparecido; Alice viu-se num grande átrio baixo, iluminado por uma fila de candeeiros que pendiam do tecto.

Havia portas em redor do átrio, porém estavam todas fechadas e, depois de Alice ter dado a volta por um lado e pelo outro e de ter experimentado todas as portas, caminhou tristemente para o centro, interrogando-se sobre como poderia vir a sair dali. De repente, viu-se junto a uma mesinha de três pernas, toda feita de vidro: sobre ela só havia uma pequena chave dourada e a primeira ideia de Alice foi que ela pudesse pertencer a uma das portas do átrio, mas, infelizmente, ou fosse porque as fechaduras eram demasiado grandes ou porque a chave era demasiado pequena, esta não abria nenhuma delas. Contudo, ao dar a volta pela segunda vez, encontrou uma cortina em que ainda não reparara, atrás da qual havia uma porta com cerca de quarenta centímetros de altura: experimentou a chave dourada na fechadura e, para sua grande alegria, servia!

Alice abriu a porta e descobriu que ela conduzia a uma pequena passagem, pouco maior que a toca de um rato: ajoelhou-se e, ao fundo do corredor, viu o mais belo jardim que se possa imaginar. Ansiava por sair daquele átrio escuro e passear por entre os canteiros de flores coloridas e fontes frescas; porém, nem a cabeça lhe passava pela porta; “e, mesmo que a cabeça passasse”, pensou a pobre Alice, “não me serviria para nada sem os ombros. Ah, quem me dera fechar como um telescópio! E até acho que conseguia, se soubesse como começar.” Porque, bem vêem, tinham acontecido já tantas

coisas extraordinárias que Alice começava a achar que havia muito poucas coisas realmente impossíveis.

Como não servia de nada continuar ali parada à entrada da porta, Alice voltou até junto da mesa, na esperança de encontrar outra chave ou, pelo menos, um livro de instruções para ensinar as pessoas a fecharem como um telescópio: desta vez, encontrou sobre ela um frasquinho (“que com certeza não estava ali antes”, disse Alice) e, presa ao gargalo, havia uma etiqueta de papel com as palavras “BEBE-ME” muito bem impressas em letras grandes.

Ficava muito bem dizer “Bebe-me”, mas Alice, que era uma menina ajuizada, não ia fazer isso a correr. “Não, primeiro vou ver com atenção”, disse ela, “se diz ‘veneno’ ou não”, porque ela tinha lido muitas histórias interessantes sobre crianças que se tinham queimado ou sido devoradas por animais selvagens e outras coisas desagradáveis, só por não *se terem lembrado* de algumas regras simples que as pessoas amigas lhes tinham ensinado: tais como, que uma tenaz em brasa queima, se segurarmos nela durante muito tempo; e que, se fizermos um golpe muito fundo num dedo, é costume sangrar; e e nunca esquecer que, se bebermos muito de um frasco que diga “veneno”, é mais que certo que, mais cedo ou mais tarde, nos vai cair mal.

Contudo, este frasco *não* tinha indicação de “veneno”; por isso, Alice aventurou-se a experimentá-lo e, tendo-o achado muito saboroso (na verdade, sabia a uma mistura de tarte de cereja, leite-creme, ananás, peru assado, caramelo e torradas com manteiga), acabou com ele num instante.

“Que sensação estranha!”, disse Alice, “Devo estar a fechar-me como um telescópio!”

E assim era efectivamente: já só tinha vinte e cinco centímetros de altura e o rosto iluminou-se-lhe com a lembrança de que tinha agora a altura ideal para passar pela porta que dava para aquele jardim maravilhoso. Mas primeiro esperou uns minutos para ver se ainda ia encolher mais. Estava um pouco nervosa com a ideia: “porque pode acontecer, compreendem”, disse Alice com os seus botões, “que eu me apague como uma vela. Gostava de saber o que seria eu então?” E tentou imaginar o que seria da chama de uma vela, depois de esta se apagar, porque não se recordava de alguma vez ter visto tal coisa.

Passado um instante, vendo que não acontecia mais nada, decidiu ir imediatamente para o jardim; mas, coitada da pobre Alice!, quando chegou perto da porta, descobriu que se esquecera da chavezinha dourada e, quando voltou à mesa para ir buscá-la, descobriu que não lhe chegava: via-a nitidamente através do vidro e fez o que pôde para

trepar por uma das pernas da mesa, mas esta era muito escorregadia; e, de tão estafada que estava com as tentativas que fizera, a pobrezinha sentou-se no chão e chorou.

“Ora, não adianta nada estar a chorar assim!” disse Alice a si mesma, com rispidez. “Aconselho-te a parar imediatamente!” Geralmente dava muito bons conselhos a si mesma (embora raramente os seguisse), e chegava a ralhar tanto consigo própria que as lágrimas lhe vinham aos olhos; lembrava-se até de uma vez em que tentara esmurrar as suas próprias orelhas por estar a fazer batota num jogo de críquete que estava a jogar contra a si mesma, porque esta estranha criança gostava muito de fingir que era duas pessoas. “Mas agora não adianta nada”, pensou a pobre Alice, “fingir que sou duas pessoas! Pois se já quase não sobra o suficiente de mim nem para fazer *uma* pessoa em condições!”

Pouco tardou que os seus olhos caíssem sobre uma caixinha de vidro que estava debaixo da mesa: abriu-a e encontrou um bolinho muito pequenino, na qual as palavras “COME-ME” estavam muito bem escritas, com passas. “Muito bem vou comê-lo” disse Alice, “e, se ele me fizer crescer, já chego à chave; se me fizer mingar, posso passar por debaixo da porta: assim, seja como for, posso entrar no jardim e não me importo com o que acontecer!” Comeu um bocadinho e disse ansiosamente a si própria: “Para onde? Para onde?” com a mão bem apoiada na cabeça a ver se percebia para que lado estava a ir; e ficou muito espantada por ver que ficava do mesmo tamanho. Claro que é isso que geralmente acontece quando se come um bolo; mas Alice estava já tão habituada a não esperar nada que não fosse fora do vulgar, que lhe parecia muito aborrecido e estúpido que a vida decorresse normalmente.

Por isso aplicou-se e daí a pouco acabou o bolo.

## Capítulo 2.

### O lago das lágrimas (pp.13-20)

“Muito estranhíssimo, muito estranhíssimo!”, exclamou Alice (estava tão espantada que, por momentos, até se esqueceu de falar correctamente). “Agora estou a crescer como o maior telescópio que já se viu! Adeus, pés!” (porque, quando olhou para os pés, eles pareciam quase fora de vista, de tão longe que estavam). “Oh, meus pobres

pezinhos, quem será que vos há-de calçar os sapatos e as meias, meus queridos? *Eu é* que não, com certeza! Estarei longe de mais para me preocupar convosco; vão ter de se arranjar sozinhos – embora eu deva ser simpática com eles”, pensou Alice, “ou talvez eles não queiram caminhar para onde eu quiser ir! Vamos lá a ver. Dou-lhes um par de botas novas todos os Natais.” E continuou a pensar como havia de resolver o problema. “Tenho de as mandar por portador”, pensou; “e que engraçado que é, mandar presentes aos próprios pés! E como o endereço vai parecer estranho!

*Pé Direito de Alice*

*Tapete da lareira,*

*Perto do Guarda-Fogo.*

*(Com amor da Alice)*

Valha-me Deus, que disparates estou a dizer!”

Nesse mesmo instante, a cabeça bateu no tecto do átrio: de facto, agora tinha três metros de altura. Pegou imediatamente na chave dourada e correu para a porta do jardim.

Pobre Alice! Não podia fazer mais nada do que deitar-se de lado e olhar para o jardim com um só olho; quanto a entrar lá, era mais impossível do que nunca: sentou-se e começou de novo a chorar.

“Devias ter vergonha”, disse Alice, “uma menina crescida como tu” (bem podia dizê-lo) “a chorar desta maneira! Pára imediatamente, estás a ouvir?” Apesar disso, continuou a derramar litros de lágrimas, até se ter formado um grande lago à sua volta, com cerca de dez centímetros de profundidade e que chegava até meio do átrio.

Daí a pouco, ouviu o som de uns pezinhos à distância e limpou apressadamente as lágrimas para ver quem lá viria. Era o Coelho Branco, de regresso, esplendidamente vestido, com um par de luvas de pelica branca numa das mãos e um grande leque na outra. Vinha trotando muito apressado, murmurando para consigo, à medida que se aproximava: “Oh, a Duquesa, a Duquesa! Oh, como vai ficar furiosa se a fiz esperar!” Alice sentia-se tão desesperada que estava disposta a pedir ajuda a qualquer um; por isso, quando o Coelho chegou junto dela, começou numa voz baixa e tímida: “Por favor, senhor...” O Coelho sobressaltou-se muito, deixou cair as luvas brancas de pelica e o leque e escapuliu-se na escuridão o mais depressa que pôde.

Alice pegou no leque e nas luvas e, como o átrio estava muito quente, ela esteve sempre a abanar-se, enquanto falava. “ora, ora! Como tudo está estranho hoje! E ainda ontem a vida decorreu normalmente. Será que mudei durante a noite? Deixa lá ver: estaria eu na mesma quando me levantei hoje de manhã? Acho que quase me consigo lembrar de me sentir um bocadinho diferente. Mas, se não sou a mesma, a pergunta seguinte é: Quem diabo sou eu? Ah, aí é que está o busílis!” E começou a pensar em todas as crianças da sua idade que conhecia, para ver se se teria transformado em alguma delas.

“Tenho a certeza de que não sou a Ada”, disse, “ porque o cabelo dela é todo aos caracóis e o meu não tem caracóis de espécie nenhuma; e tenho a certeza de que não sou a Mabel, porque eu sei imensas coisas e ela, oh, ela sabe muito pouco! Além disso, *ela* é ela, e *eu sou* eu, e... valha-me Deus, que confuso que tudo isto é! Vou ver se ainda me lembro de tudo o que sabia. Vamos lá a ver: quatro vezes cinco são doze, e quatro vezes seis são treze e quatro vezes sete são... Meu Deus! Está-se mesmo a ver que não chego aos vinte! Seja como for, a tabuada não interessa nada. Vamos lá a ver a Geografia, Londres é a capital de Paris, e Paris é a capital de Roma, e Roma... não, está tudo errado. Tenho a certeza! Devo ter-me transformado na Mabel! Vou tentar recitar “Que bem que o pequeno...” e cruzou as mãos sobre o colo, como se estivesse a dizer as suas lições, começando a recitar, mas a voz estava rouca e estranha e as palavras não lhe saíam como costume:

*“Que bem que o pequeno crocodilo*

*Valoriza a sua cauda brilhante,*

*E derrama as águas do Nilo*

*Em cada escama flamejante!*

*Como parece rir e estar contente,*

*Como estende as garras, confiado,*

*E os peixes engole num repente*

*Sem deixar de sorrir de consolado!”*

“Aposto que não são estas as palavras certas”, disse a pobre Alice e os olhos encheram-se de novo de lágrimas enquanto continuava: “Afinal devo ser Mabel e vou ter de ir viver para aquela casa pequenina e insignificante e quase sem brinquedos para

brincar e, oh, com imensas lições para estudar! Não, já decidi: se eu sou a Mabel, fico aqui em baixo! Não lhes adianta nada meterem a cabeça pelo buraco e dizerem: “Sobe, querida!” Vou limitar-me a olhar para cima e a dizer: Então, quem sou eu? Digam-me isso primeiro e, depois, se eu gostar de ser essa pessoa, subo; se não, fico aqui em baixo até ser outra pessoa qualquer... mas, meu Deus!”, exclamou Alice, desatando a chorar, “Quem me dera que *metessem* a cabeça pelo buraco! Estou *tão* farta de estar aqui sozinha!”

Quando disse isto, olhou para as mãos e ficou espantada ao ver que tinha calçado uma das pequenas luvas do Coelho, enquanto falava. “Como é que *consegui* fazer isto?”, pensou. “Devo estar outra vez a mingar.” Levantou-se e foi até à mesa para se medir por ela e descobriu que, tanto quanto podia ver, tinha agora cerca de sessenta centímetros de altura e continuava a encolher rapidamente. Depressa descobriu que a causa daquilo era o leque que continuava a abanar e deixou-o cair num instante, mesmo a tempo de evitar encolher até desaparecer de vez.

“Foi por um triz!”, disse Alice, bastante assustada com a mudança brusca, mas muito satisfeita por ainda existir. “E, agora, para o jardim!” Correu o mais depressa que podia para a porta; mas, infelizmente, a porta estava outra vez fechada e a chave estava mais uma vez em cima da mesa de vidro, “e as coisas estão pior do que nunca”, pensou a pobre criança, “porque eu nunca fui assim tão pequena, nunca! E afirmo que é muito mau que assim seja!”

Ao proferir estas palavras, o pé escorregou-lhe e logo, trás! Ficou mergulhada em água salgada até ao pescoço. A sua primeira ideia foi de que devia ter caído ao mar “e, nesse caso, posso voltar de comboio”, disse consigo mesma. (Alice tinha ido à praia uma vez na vida e tinha chegado à conclusão generalizada de que, fosse onde fosse, na costa inglesa, se encontravam sempre algumas barracas de banho, no mar, crianças a fazer covas na areia com pás de madeira, uma fila de pensões e atrás delas a estação de caminho de ferro.) Porém, depressa compreendeu que estava no lago de lágrimas que tinha chorado quando media três metros.

“Quem me dera não ter chorado tanto!”, disse Alice, enquanto nadava, tentando encontrar maneira de sair dali. “Agora vou ser castigada, acho eu, por me ter afogado nas minhas próprias lágrimas! *Vai* ser bem esquisito, lá isso vai! Mas, de qualquer maneira, hoje é tudo esquisito.”

Nesse momento ouviu alguma coisa a chapinhar um pouco mais longe no lago e nadou para mais perto para ver do que se tratava. Primeiro pensou que fosse uma morsa

ou um hipopótamo, mas, depois, lembrou-se de como agora estava pequena e depressa concluiu que era apenas um rato que, como ela, também tinha escorregado.

“Servir-me-ia de alguma coisa agora”, pensou Alice, “falar com este rato? Aqui em baixo é tudo tão invulgar, que é muito provável que ele saiba falar; de qualquer modo, não faz mal nenhum experimentar.” Por isso, começou: “Ó Rato, sabes o caminho para fora deste lago? Estou muito cansada de nadar de um lado para o outro, ó Rato!” (Alice achava que era esta a maneira correcta de se dirigir a um rato; nunca tal tinha feito antes, mas recordava-se de ter visto na Gramática de Latim do irmão: “Um rato – de um rato – a um rato – um rato – ó rato!” o rato olhou inquisitivamente para ela e pareceu-lhe que ele lhe piscara um dos olhinhos, mas não deu resposta.

“Talvez não saiba inglês”, pensou Alice. “Se calhar é um rato francês que veio com Guilherme, o Conquistador.” (Porque, com todos os seus conhecimentos de História, Alice não tinha noção de há quanto tempo as coisas tinham acontecido). Assim, recomeçou: “Où est ma chatte?” Que era a primeira frase do seu livro de francês. O Rato deu um salto na água e pareceu estremecer com o susto. “Oh, peço imensa desculpa!”, exclamou Alice muito depressa, com receio de ter ferido os sentimentos do pobre animal.

“Esqueci-me de que não gostas de gatos.” “Não gostar de gatos!” exclamou o Rato num tom de voz agudo e exaltado. “E *tu*, gostarias de gatos se fosses eu?”

“Bom, se calhar, não”, respondeu Alice tentando acalmá-lo: “não te aborreças por causa disso. Apesar de tudo, gostava de te apresentar a minha gata, Dinah. Acho que eras capazes de começar a gostar de gatos, se a conhecesses. É tão querida e sossegada!”, continuou Alice, meio para si mesma, enquanto continuava a nadar preguiçosamente no lago, “e ronrona tão docemente à lareira, a lambar as patas e a lavar a cara...e é tão macia para acarinhar... e é tão boa a caçar ratos – oh, desculpa, por favor!”, exclamou Alice outra vez, porque agora o rato tinha o pelo todo eriçado e ela tinha a certeza de que ele estava realmente ofendido. “Não falamos mais dela, se preferes assim.”

“Não falamos, esta é muito boa!” exclamou o Rato que tremia até à ponta da cauda. “Como se *eu* pudesse falar de semelhante assunto! A nossa família sempre detestou gatos: criaturas reles, vis, ordinárias! Que eu não te ouça mais dizer tal palavra!”

“Não digo mais!”, disse Alice, cheia de pressa para mudar de assunto. “Tu...gostas... de... de... cães?” Como o Rato não respondeu, Alice prosseguiu

ansiosa: “Há um cãozinho tão engraçado perto da nossa casa, que gostava de to mostrar! É um *terrier* de olhos brilhantes e tem o pêlo castanho, comprido e encaracolado! E vai buscar as coisas que atiramos para longe e põe-se sobre as patinhas de trás a pedir comida e muitas outras coisas – já não me lembro nem de metade – e pertence a um lavrador que diz que ele é muito útil, que vale cem libras! Diz que ele mata as ratazanas todas e... oh, meu Deus!” exclamou Alice consternada. “Receio tê-lo ofendido outra vez!” É que o Rato nadava o mais depressa que podia para longe dela, agitando as águas do lago à medida que se afastava.

Por isso, ela chamou-o com meiguice: “Querido Rato! Volta outra vez e não vamos falar de gatos nem de cães, uma vez que não gostas deles!”

Quando tal ouviu, o Rato voltou atrás e nadou devagar até ela: o seu rosto estava pálido (de raiva pensou ela) e disse numa voz baixa e trémula: “Vamos até à margem e vou-te contar a minha história e tu vais perceber porque é que eu detesto gatos e cães.”

Era boa altura para partir, porque o lago estava a ficar muito cheio de pássaros e animais que lá tinham caído: havia um Pato, um Dodó, uma Arara e uma pequena Águia e outras criaturas engraçadas. Alice guiou-os e dirigiram-se todos para a terra firme.

### Capítulo 3.

#### Uma Corrida Eleitoral e uma História Comprida (pp.21-26)

Era na verdade um grupo estranho que se reuniu na margem – os pássaros com as penas desalinhadas, os animais com o pêlo colado ao corpo e todos a pingar, aborrecidos e desconfortáveis.

A primeira pergunta, evidentemente, era saber como haviam de fazer para ficarem secos outra vez; consultaram-se acerca do assunto e, daí a uns minutos, Alice achava já muito natural estar ali a falar tão familiarmente com todos eles, como se já os conhecesse há muito tempo. Até teve um alonga discussão com a Arara, que acabou por amuar e só dizia: “Sou mais velha do que tu, por isso, sei mais.” Mas Alice não podia

aceitar tal coisa, sem saber a idade dela e, como a Arara se recusava peremptoriamente a dizer-lhe que idade tinha, não havia mais nada a dizer.

Por fim, o Rato, que parecia ser aceite por todos como uma autoridade, exclamou: “Sentem-se todos e escutem-me! *Vou pô-los secos num instante!*” Sentaram-se todos imediatamente, em círculo, com o Rato no centro. Alice manteve os olhos ansiosamente fixos nele, porque tinha a certeza de que apanharia uma grande constipação, se não se secasse depressa. “Uhhh!”, disse o Rato com ares de importância. “Estão prontos?” Esta é a coisa mais secante que eu conheço. Todos calados, se fazem favor!

Guilherme, o Conquistador, cuja causa foi apoiada pelo papa, cedo submeteu os ingleses, que ansiavam um líder, e estavam demasiado habituados à usurpação e às conquistas. Edwin e Morcar, os condes de Mercia e Northumbria...”

“Uff”, disse a Arara com um arrepio.

“Desculpa!”, disse o Rato educadamente, apesar de ter franzido o sobrolho.

“Disseste alguma coisa?”

“Eu cá não!”, disse a Arara muito depressa.

“Pensei que tinhas dito”, disse o Rato. “Prossigo. Edwin e Morca, condes de Mercia e Northumbria, juraram-lhe fidelidade; e até Stigand, o arcebispo patriota da Cantuária, achou isso conveniente...”

“Achou o *quê?*”, disse o Pato.

“Achou *isso*”, respondeu o Rato um bocado irritado: “deves saber o que significa ‘isso’.”

“Sei muito bem o que significa ‘isso’, quando eu acho uma coisa”, disse o Pato, “geralmente é uma rã ou uma minhoca. O que eu queria saber é o que é que o arcebispo achou.”

O Rato não ligou a esta pergunta e continuou rapidamente: “...achou isso conveniente e foi com Edgar Atheling ter com Guilherme e ofereceu-lhe a coroa. A conduta de Guilherme, de início, foi moderada. Contudo, a insolência dos seus Normandos... Como te sentes, minha querida?”, continuou, dirigindo-se a Alice enquanto falava.

“Tão molhada como estava”, disse Alice com tristeza, “Não me estás a secar nada com o assunto.”

“Nesse caso”, disse o Dodó solenemente, pondo-se em pé: “proponho que a sessão seja adiada, para adopção imediata de medidas mais enérgicas...”

“Deixa-te de falar ‘caro’!”, disse a pequena Águia. “Não sei o que metade dessas palavras compridas querem dizer e, ainda por cima, também não acredito que tu saibas!” E a pequena Águia baixou a cabeça para esconder um sorriso; alguns dos outros pássaros riram disfarçadamente.

“O que eu ia dizer”, explicou o Dodó em tom ofendido, “era que a melhor coisa a fazer para nos secarmos é uma Corrida Eleitoral.”

“O que é uma Corrida Eleitoral?”, perguntou Alice; não estava lá muito interessada em saber, mas o Dodó tinha feito uma pausa, como se achasse que *alguém* devia dizer alguma coisa e mais ninguém parecia ter vontade de dizer fosse o que fosse.

“Bem”, disse o Dodó, “a melhor maneira de explicar o que é, é fazendo.” (E como vocês podem querer experimentar numa tarde de Inverno qualquer, eu vou explicar-lhes como o Dodó fazia.)

Primeiro, assinalou o percurso com a forma de um círculo (“a forma exacta não tem muito importância”, disse ele,) e depois todo o grupo se espalhou pelo percurso aqui e ali. Ninguém dizia: “Um, dois, três... Partida!”, mas começaram a correr quando lhes apeteceu e partiram quando lhes deu vontade; por isso, não se sabia ao certo quando é que a corrida acabava.

Contudo, depois de já estarem a correr mais ou menos há meia hora e de já estarem quase secos, o Dodó exclamou de repente: “a corrida acabou!” e todos se juntaram ofegantes à sua volta, perguntando: “Mas quem é que ganhou?”

A esta pergunta o Dodó só podia responder depois de muito pensar e ficou ali muito tempo, com um dedo apoiado na testa (na posição em que normalmente vemos Shakespeare, nos retratos), enquanto todos esperavam em silêncio. Por fim, o Dodó disse: “Todos ganharam e todos devem receber um prémio.”

“Mas quem é que nos dá os prémios?”, perguntou um coro de vozes.

“Ora, ela, é claro”, disse o Dodó, apontando para Alice com um dedo; e logo todo o grupo se juntou à volta dela, gritando numa grande confusão: “Prémios! Prémios!”

Alice não sabia o que havia de fazer e, em desespero, meteu a mão ao bolso e tirou uma caixa de doces (felizmente a água salgada não tinha entrado na caixa) e distribuiu-os pelos participantes. Havia exactamente um para cada um.

“Mas ela também tem de receber um prémio”, disse o Rato.

“Claro que sim”, respondeu o Dodó muito sério. “Que mais tens tu no bolso?”, perguntou, dirigindo-se a Alice.

“Só um dedal”, respondeu Alice entristecida.

“Passa-o para cá”, disse o Dodó.

Então, todos se juntaram novamente em seu redor, enquanto Dodó a presenteava solenemente com o dedal, dizendo: “Peço-te que aceites este elegante dedal”; e, depois de ter terminado este curto discurso, todos aplaudiram.

Alice achou aquilo muito absurdo, mas tinham todos um ar tão sério que ela não se atreveu a rir; e, como não se lembrava de nada para dizer, limitou-se a fazer uma vénia, aceitando o dedal com toda a solenidade de que foi capaz.

A seguir, faltava comer os doces; isso provocou algum barulho e agitação, porque os pássaros grandes diziam que não conseguiam saboreá-los e os pequenos engasgaram-se, pelo que foi necessário dar-lhes umas palmadinhas nas costas. Quando, por fim, tudo terminou, sentaram-se mais uma vez em círculo e pediram ao Rato que lhes contassem mais qualquer coisa.

“Lembras-te de que me prometeste que me contavas a tua história, não lembras?”, disse Alice, “e me explicavas porque é que não gostas de – G e C”, acrescentou num murmúrio com medo que ele se ofendesse novamente.

“É longa e triste!”, disse o Rato, voltando-se para Alice e suspirando.

“Lá que é longa, lá isso é”, disse Alice olhando espantada para a cauda do Rato; “mas porque é que dizes que é triste?” E ali ficou a olhar para o Rato, perdida em pensamentos, enquanto ele falava, pelo que a ideia que tinha da história era mais ou menos esta:

“A Fúria disse ao Rato que encontrou na casa onde entrou: ‘Vamos ao juiz. Vou-te processar... Não aceito que te venhas desculpar; teremos julgamento, custe o que custar, porque esta manhã não tenho nada para fazer. ‘ Disse o Rato ao cachorro: ‘Um julgamento assim, sem júri nem juiz, não terá começo nem terá um fim! ‘

‘Eu serei juiz, tu serás o júri. Eu vou-te julgar e à morte te vou condenar. ‘”

“Tu não estás a prestar atenção!”, disse o Rato a Alice, muito zangado. “Em que é que estás a pensar?”

“Desculpa”, disse Alice com humildade: “ias na quinta curva, acho eu.”

“Não ia, *não!* Que embrulhada!”, exclamou o Rato brusco e furioso.

“Tens a cauda embrulhada?”, disse Alice pronta a tornar-se útil e olhando ansiosamente em redor. “Oh, deixa-me ajudar-te a desembrulhá-la.”

“Nem penses nisso”, disse o Rato levantando-se e indo-se embora. “Tu insultas-me com tantos disparates que dizes!”

“Não fiz por mal!”, protestou a pobre Alice. “Mas fica sabendo que também te ofendes com muita facilidade.”

O Rato limitou-se a resmungar.

“Volta, por favor, e termina a tua história!”, chamou Alice. E todos os outros disseram em coro: “Isso, conta, por favor!” Mas o Rato limitou-se a abanar a cabeça e a andar mais depressa.

“Que pena ele não ter ficado!”, disse a Arara, mal ele ficou fora de vista. E uma velha Carangueja aproveitou a oportunidade para dizer à filha: “Ah, minha querida! Que te sirva de lição, para nunca perderes a *tua* paciência!”

“Cala a boca, mãe!”, disse a filha impertinente. “Dás cabo da paciência a uma ostra!”

“Como eu gostava que a Dinah estivesse aqui, gostava mesmo!”, disse Alice em voz alta, sem se dirigir em ninguém em especial. “Trazia-o de volta num instante!”

“E quem é essa tal Dinah, se me permites a pergunta?”, disse a Arara.

Alice respondeu pressurosa, porque estava sempre morta por falar do seu animal de estimação: “Dinah é a nossa gata. È o máximo a caçar ratos, nem imaginam. E, oh, gostava que a vissem atrás dos pássaros! Come um passarinho num abrir e fechar de olhos!”

O seu discurso provocou uma grande comoção no grupo. Alguns dos pássaros foram-se logo embora: uma velha Pega embrulhou-se cuidadosamente nas asas, explicando: “Tenho mesmo de ir andando: o ar da noite faz-me mal a garganta” e uma Canária chamou os filhos com voz trémula: “Vamos lá, meninos! São mais que horas de se meterem na cama!”

Com pretextos diferentes, todos se foram embora e depressa Alice ficou sozinha.

“Quem me dera não ter falado na Dinah!”, disse a si mesma, triste. “Aqui em baixo parece que ninguém gosta dela e, no entanto, é a melhor gata do mundo! Oh, querida Dinah! Voltarei alguma vez a ver-te?” E, neste ponto, Alice começou mais uma vez a chorar, porque se sentia só e em baixo. Daí a pouco, contudo, começou de novo a ouvir uns passinhos à distância e levantou os olhos muito depressa, na esperança de que o Rato tivesse mudado de ideias e estivesse de volta para terminar a sua história.

## Capítulo 5.

### Os Conselhos de uma Lagarta (pp. 36-43)

A Lagarta e Alice ficaram bastante tempo a olhar uma para a outra em silêncio; por fim, a lagarta tirou o cachimbo da boca e dirigiu-se-lhe numa voz lânguida e sonolenta.

“Quem és *tu*?”, perguntou a Lagarta.

Esta não era a maneira mais encorajadora de começar uma conversa. Alice respondeu, timidamente: “Eu... eu nem sei bem, minha senhora, pelo menos por agora... pelo menos sei quem *era* quando acordei esta manhã, mas acho que já mudei várias vezes de então para cá.”

“Que queres dizer com isso?”, perguntou a Lagarta asperamente. “Explica-te!”

“Receio não saber explicar-me, minha Senhora”, disse Alice, “porque eu não sou eu, está a ver?”.

“Não vejo nada”, respondeu a Lagarta.

“Lamento não saber explicar melhor”, replicou Alice, muito educada, “porque nem eu compreendo, para começar, mudar tantas vezes de tamanho no mesmo dia é muito confuso.”

“Não é”, disse a Lagarta.

“Talvez ainda não se tenha apercebido”, disse Alice, “mas quando se transformar em crisálida – e isso vai acontecer um dia, não duvide – e, depois disso, em borboleta, aposto que vai achar um pouco estranho, não concorda?”

“Nem um pouco”, disse a Lagarta.

“Bem, talvez os *seus* sentimentos sejam diferentes”, disse Alice. “O que sei é que *eu* acharia isso estranho.”

“Tu!”, exclamou a Lagarta desdenhosa. “Quem és tu?”

O que as levou de novo ao início da conversa. Alice sentia-se irritada com as respostas secas da lagarta e empertigou-se, dizendo muito séria: “Acho que o melhor é dizer-me primeiro quem a *Senhora* é.”

“Porquê?”, perguntou a Lagarta.

Era mais uma pergunta enigmática e, como Alice não se lembrava de nenhuma boa razão, e a Lagarta não parecia estar de muito bom humor, Alice virou-lhe as costas.

“ Volta cá!”, chamou a Lagarta. “Tenho uma coisa importante a dizer!”

Como aquilo lhe pareceu mais prometedo, Alice voltou-se e aproximou-se.

“Não percas a paciência”, disse a Lagarta.

“Só isso?”, disse Alice engolindo a irritação o melhor que pôde.

“Não”, disse a lagarta.

Alice achou que bem podia esperar, porque não tinha nada que fazer e talvez a Lagarta lhe dissesse alguma coisa que valesse a pena. Durante alguns minutos a Lagarta soprou o fumo sem falar; mas, por fim, descruzou os braços, tirou o cachimbo da boca outra vez e disse: “Então achas que mudaste, não achas?”

“Acho que sim, minha Senhora”, disse Alice. “Não me lembro das coisas como antes – e não consigo ter o mesmo tamanho durante mais de dez minutos!”

“Não te lembras de *que* coisas?” perguntou a Lagarta.

“Bem, tentei recitar ‘Que bem trabalha a abelhinha’, mas saiu-me tudo diferente!”, respondeu Alice num tom de voz melancólico.

“Diz ‘Estás velho, Pai Guilherme’” aconselhou a Lagarta.

Alice entrelaçou as mãos e começou:

*“Tu estás velho, pai Guilherme, disse o moço,  
E o teu cabelo tem vindo a branquear,  
Mesmo assim, sem nenhum esforço  
Fazes o pino de pernas p’ró ar.”*

*“Na minha juventude, o meu empenho  
Era conservar o juízo no lugar,  
Mas agora que sei que não o tenho,  
Já não receio que o possa escangalhar.”*

*“Pode ser que eu seja um idiota,  
Mas, apesar de gordo e pesado,  
Quando chegaste deste uma cambalhota  
Sem necessidade, sem qualquer razão.”*

*“Na minha juventude, com facilidade  
À custa de pomada, a tostão a caixa,  
Conservei a minha agilidade  
À força de exercício e muita graxa.”*

*“Estás velho, quase não tens dentes,  
Mas comeste um ganso com bico e osso.  
Diz-me a verdade, eu sei que tu não mentes,  
Preciso de saber”, pediu o moço*

*“Na minha juventude, respeitei sempre a norma,  
Discutia cada caso com minha mulher,  
Isso exercitou meus queixos de tal forma,  
Que posso comer tudo o que quiser.”*

*“Estás velho, mas sentes-te feliz.  
Tens olhos vivos, apesar de idoso,  
Equilibras uma enguia na ponta do nariz.  
Como ficaste tão habilidoso?”*

*“Já respondi mais do que consigo  
Deixemos as perguntas afastadas,  
Ou te calas já, como te digo,  
Ou te atiro abaixo das escadas.”*

“Não disseste bem”, comentou a Lagarta.

“Não  *muito* bem, não, acho eu”, disse Alice timidamente; “algumas palavras modificaram-se.”

“Estava tudo mal do princípio até ao fim”, disse a Lagarta peremptória; e depois fez-se silêncio durante um bocado.

A Lagarta foi a primeira a falar. “De que tamanho queres ser?”

“Oh, eu não sou esquisita quanto ao tamanho”, respondeu Alice rapidamente: “é só que não gosto de mudar tantas vezes, percebe?”

“Não percebo nada”, disse a Lagarta.

Alice não lhe deu resposta; nunca ninguém a contradissera tanto na vida e achava que estava prestes a perder a paciência.

“Já estás satisfeita?”, perguntou a Lagarta.

“Bem, gostaria de ser um bocadinho maior, se a Senhora não se importa”, disse Alice, “é tão desagradável ter dez centímetros de altura.”

“É uma bela altura!”, disse a Lagarta zangada, endireitando-se enquanto falava (tinha exactamente dez centímetros de altura).

“Mas eu não estou habituada!”, protestou a pobre Alice num tom de fazer dó. E pensou: “Quem me dera que estas criaturas não se ofendessem com tanta facilidade!”

“Vai habituar-te com o tempo”, disse a Lagarta; e pondo o cachimbo na boca, recomeçou a fumar.

“Desta vez Alice esperou pacientemente que ela voltasse a falar. Daí a um minuto ou dois, a Lagarta tirou o cachimbo da boca, bocejou uma ou duas vezes e espreguiçou-se. Em seguida, desceu do cogumelo e rastejou para a erva, limitando-se a informar, enquanto se afastava: “um dos lados faz-te crescer, e o outro faz-te mingar.”

“Um lado de quê? O outro lado de quê?”, interrogou Alice.

“Do cogumelo”, disse a Lagarta, como se Alice tivesse feito a pergunta em voz alta; e logo depois desapareceu de vista.

Alice ficou ali, pensativa, a olhar para o cogumelo durante um bocado, a tentar perceber quais seriam os dois lados dele; e, como ele era perfeitamente circular, achou a resposta muito difícil. Contudo, por fim, esticou os braços à volta do cogumelo até onde foi capaz e partiu um bocado com cada uma das mãos.

“E agora, qual é qual?”, perguntou-se, mordendo um pouco do bocado da mão direita para ver o efeito. Imediatamente sentiu uma pancada no queixo; este tinha batido no pé! Ficou muito assustada com esta mudança brusca, mas sentiu que não havia tempo a perder, visto que estava a encolher a toda a velocidade. Por isso, tratou logo de comer um pedaço do outro bocado. O queixo estava de tal maneira encostado ao pé, que ela quase não tinha espaço para abrir a boca mas, por fim, lá conseguiu e engoliu um pedaço do bocado da mão esquerda.

“Ora bem, a minha cabeça ficou finalmente livre!”, disse Alice num tom de satisfação, que logo se transformou em susto quando reparou que os ombros tinham desaparecido; tudo o que via, olhando para baixo, era um pescoço de um comprimento

incrível, que parecia erguer-se como um caule no meio de um mar de folhas verdes que estavam muito lá em baixo.

“Que *será* aquela verdura toda?” , disse Alice. “E para onde *foram* os meus ombros? E, oh, as minhas pobres mãos, onde estão que não as vejo?” Ela mexia-as enquanto falava, mas isso não produzia qualquer efeito, excluindo uma ligeira agitação entre a folhagem verde lá em baixo. Como não havia maneira de chegar com as mãos à cabeça, tentou levar a cabeça até elas e ficou encantada ao ver que o pescoço se inclinava com facilidade em todas as direcções, como uma serpente. Tinha acabado de o curvar num ziguezague gracioso e estava quase a mergulhar nas folhas, que descobriu não serem senão as copas das árvores sob as quais andara a deambular, quando um silvo agudo a fez recuar a toda a velocidade: Uma grande pomba voava-lhe diante da cara e estava a bater-lhe furiosamente com as asas.

“Serpente!”, gritou a Pomba.

“Não sou nenhuma serpente!”, exclamou Alice indignada. “Deixa-me em paz!”

“Serpente, volto a dizê-lo!”, repetiu a Pomba, embora num tom mais calmo, e acrescentou, num soluço: “Tentei de todas as maneiras, mas nada lhes agrada!”

“Não faço a mínima ideia do que é que estás a falar”, disse Alice.

“Tentei as raízes das árvores e tentei as margens dos rios e tentei as sebes”, continuou a Pomba, sem lhe prestar atenção; “mas aquelas serpentes! Não há nada que as satisfaça!”

Alice estava cada vez mais confusa, mas achou que não valia a pena dizer mais nada enquanto a Pomba não tivesse terminado.

“Como se já não bastasse ter de chocar os ovos”, disse a Pomba, “ainda tenho de estar a vigiar as serpentes, dia e noite! Não preguei olho nestas três últimas semanas!”

“Tenho muita pena que tenhas tido problemas”, disse Alice, que começava a perceber o significado daquilo.

“E agora que eu me tinha instalado na árvore mais alta do bosque” continuou a Pomba, esganiçando-se, “logo agora que eu pensava que estava a ficar livre delas, caem-me do céu! Porcaria de serpentes!”

“Mas eu *não* sou uma serpente, estou a dizer-te!”, disse Alice. “Sou ... sou...”

“Muito bem! O que és tu”, disse a Pomba. “Bem vejo que estás a ver se inventas alguma coisa!”

“Sou... sou uma menina”, disse Alice um pouco na dúvida, lembrando-se das transformações por que passara durante todo o dia.

“Está-se mesmo a ver, não há dúvida!”, disse a Pomba num tom carregado de desdém. “Já vi muitas meninas em toda a minha vida, mas nunca vi *nenhuma* que tivesse um pescoço como esse! De maneira nenhuma! És uma serpente: e nem vale a pena negares. Aposto que não tardas a dizer-me que nunca comeste um ovo!”

“Já comi ovos, claro”, disse Alice, que era uma menina muito honesta, “mas as meninas comem tantos ovos como as serpentes, não sei se sabes.”

“Não acredito nisso”, disse a Pomba, “mas se comem, então não passam de umas serpentes; é tudo o que tenho a dizer.”

A ideia era tão nova que Alice ficou calada por momentos, o que deu à Pomba oportunidade para acrescentar: “Andas à procura de ovos, sei muito bem; e que diferença me faz que sejas uma menina ou uma serpente?”

“Faz-me muita diferença a *mim*”, disse Alice rapidamente; “mas, por acaso, não ando à procura de ovos e, mesmo que andasse, não havia de querer os *teus*: não gosto deles crus.”

“Muito bem, vai-te embora, então”, disse a Pomba em tom amuado, enquanto se instalava de novo no ninho. Alice meteu-se pelo meio das árvores o melhor que podia, porque o pescoço estava sempre a ensarilhar-se nos ramos e, de vez em quando, ela tinha de parar para o soltar. Passado um instante, lembrou-se de que ainda tinha os pedaços de cogumelo na mão e começou, com muito jeitinho, a morder ora um ora o outro, crescendo por vezes e diminuindo por outras, até ter chegado ao seu tamanho normal.

Já tinha passado tanto tempo desde a última vez em que tivera o seu tamanho normal que, a princípio, se sentiu um bocado esquisita; porém, depressa se habituou e começou a falar sozinha como tinha o costume de fazer; “Ora bem, metade do meu plano já se concretizou! Como estas mudanças me confundem! Nunca sei quem vou ser no minuto seguinte! Seja como for, voltei ao meu tamanho normal; o que tenho a fazer a seguir é entrar naquele jardim maravilhosos... gostava de saber como hei-de fazer isso.” Tinha acabado de falar, quando chegou a uma clareira que tinha uma casinha com cerca de um metro e vinte de altura. “Seja quem for que ali viva”, pensou Alice, “não me serve de nada chegar lá com essa altura; havia de lhes pregar um susto de todo o tamanho!” Por isso, começou a morder o pedaço de cogumelo da mão direita e não se atreveu a dirigir-se para a casa, enquanto não ficou com vinte e cinco centímetros.

## Capítulo 12.

### O Depoimento de Alice (pp. 94-101)

“Estou aqui”, exclamou Alice e, esquecendo-se, no entusiasmo do momento, de que crescera muito nos últimos minutos, saltou com tanta pressa que embarrou com a ponta da saia na bancada do júri, virando os jurados de pernas para o ar em cima da multidão que assistia e ali ficaram eles espalhados, fazendo lembrar muito os peixes dourados do aquário que ela virara na semana anterior.

“Oh, peço desculpa!”, exclamou Alice consternada, começando a apanhá-los o mais depressa que podia, porque o acidente com o aquário ainda a afligia e ela tinha a ideia vaga de que era preciso apanhá-los imediatamente do chão e pô-los na bancada para eles não morrerem.

“O julgamento não pode prosseguir”, disse o Rei em voz grave, “enquanto os membros do júri não estiverem no seu lugar – *todos*”, venceu com grande ênfase, olhando severamente para Alice, enquanto falava.

Alice olhou para a bancada do júri e verificou que, com a pressa, tinha posto o Lagarto de pernas para o ar e que desgraçado estava a abanar a cauda melancolicamente, incapaz de mudar de posição. Agarrou nele rapidamente e pô-lo direito: “Não é que sirva de muito”, disse a si mesma; “ele é tão útil ao julgamento numa posição como na outra.”

Logo que os jurados se restabeleceram da queda, e as suas lousas e lápis, recuperados, lhes foram devolvidos, puseram-se imediatamente a trabalhar escrevendo diligentemente a história do acidente. Todo menos o Lagarto que parecia demasiado abalado para outra coisa que não fosse ficar ali de boca aberta a olhar para o tecto da sala de audiências.

“Que sabes acerca deste assunto?”, perguntou o Rei a Alice.

“Nada”, respondeu Alice.

“Mesmo *nada*?”, insistiu o Rei.

“Nada de nada”, disse Alice.

“Isto é muito relevante”, disse o Rei voltando-se para os jurados. Eles estavam a começar a tomar nota do facto nas suas lousas, quando o Coelho Branco interrompeu:

“Irrelevante, é o que Vossa Majestade quer, certamente, dizer”, disse ele muito respeitosa e, embora franzisse o sobrolho e fizesse caretas ao Rei enquanto falava.

“Irrelevante, claro, era o que eu queria dizer”, apressou-se o Rei a confirmar prosseguindo em voz baixa: “relevante... irrelevante... irrelevante... relevante...”, como se estivesse a verse percebia qual a palavra que melhor lhe soava.

Alguns dos jurados escreveram “relevante” e outros “irrelevante”. Alice viu que era assim, porque se encontrava em posição de poder espreitar para as lousas; “Também não interessa nada”, pensou.

Nesse momento, o Rei que tinha estado atarefado a escrever qualquer coisa num bloco, berrou: “Silêncio!” e leu de um livro:

“Artigo quadragésimo-segundo. *Todas as pessoas com mais de um quilómetro e meio de altura devem abandonar a sala.*”

Todos olharam para Alice.

“Eu não tenho um quilómetro e meio”, protestou Alice.

“Isso é que tens”, disse o Rei.

“Quase dois quilómetros”, acrescentou a Rainha.

“Bom, seja lá como for, Não me vou embora”, disse Alice, “Além disso, esse Artigo não exista. Foi inventado agora mesmo.”

“É o Artigo mais antigo de todos”, disse o Rei.

“Nesse caso devia ser o Artigo Primeiro”, disse Alice.

O Rei ficou pálido e fechou rapidamente o caderno. “Dêem o veredicto”, ordenou ele aos jurados em voz baixa e trémula.

“Ainda há mais provas, se Vossa Majestade mo permite”, disse rapidamente o Coelho Branco, “este papel foi apanhado agora mesmo.”

“O que diz aí?”, perguntou a Rainha.

“Ainda não o abri”, explicou o Coelho branco, “mas parece ser uma carta do prisioneiro para... para alguém.”

“Sim, deve ser isso”, confirmou o Rei, “a não ser que tenha sido escrita para ninguém, o que, como sabes, não é normal.”

“A quem está dirigida?”, perguntou um dos jurados.

“Não está dirigida a ninguém”, respondeu o Coelho Branco, “na verdade nem tem nada escrito por fora.” Desdobrou o papel, enquanto falava, e acrescentou: “Afim não é uma carta, é um poema.”

“Está escrita com a letra do prisioneiro?”, perguntou outro jurado.

“Não, não está”, disse o Coelho Branco”, e isso é o mais espantoso de tudo.” (Os jurados ficaram muito confusos.)

“Deve ter imitado a letra de alguém”, disse o Rei. (Os jurados animaram-se de novo.)

“Com licença de Vossa Majestade”, disse o Valete, “eu não escrevi isso e não podem provar que escrevi: não há assinatura no fim.”

“Se não assinaste”, disse o Rei, “isso só vem piorar as coisas. *Devias* ter alguma na ideia ou terias assinado como qualquer homem honesto.”

Houve um aplauso geral quando o Rei disse aquilo. Era a primeira coisa inteligente que dizia naquele dia.

“*Isso* prova a sua culpa”, disse a Rainha.

“Nada prova nada disso”, disse Alice. “Vocês nem sequer sabem de que é que o poema trata!”

“Lê-o”, ordenou o Rei.

“O Coelho Branco pôs os óculos. “Por onde deseja Vossa majestade que eu comece?”

“Começa pelo princípio”, disse o Rei severamente, “e continua até ao fim; depois, pára.”

São estes os versos que o Coelho Branco leu:

*Parece que tu foste ter com ela  
E que falaste com ele por fim  
Ela disse que eu tinha uma alma bela  
Mas que nadar, não era para mim.*

*Ele disse que eu estava para fora  
E nós sabemos que disse a verdade.  
Se ela teimar, que se vá embora  
E que se deixe de tanta maldade.*

*Dei-lhe uma a ela, a ele dei duas  
Tu deste-me aquelas que a mim calharam  
E voltaram todas pelas mesmas ruas  
Ter às mesmas mãos que as cobiçaram.*

*Se ele ou eu fôssemos julgados  
E condenados nalgum tribunal  
Seríamos ambos logo libertados  
Porque, de certeza, não agimos mal.*

*Eu tinha a ideia que tu tinhas sido  
(Antes do ataque que ela sofreu)  
O obstáculo que se tinha metido  
De certa maneira entre ela e eu.*

*Não deixes saber que ela gostava  
Muito mais delas que de todos nós.  
Isso era um segredo que ela guardava  
E nada faremos para lhe dar voz.*

“Esse é o testemunho mais importante que ouvimos até agora”, disse o rei, esfregando as mãos; “por isso, os jurados têm de...”

“Se alguém for capaz de explicar aquilo”, disse Alice (ela tinha crescido tanto nos últimos minutos que não tinha medo nenhum de interromper o Rei), “dou-lhe seis dinheiros. Acho que aquilo não tem um átomo de sentido.”

Os jurados escreveram todos, nas lousas: *Ela* acha que não há um átomo de sentido naquilo”; porém nenhum fez qualquer tentativa para explicar o conteúdo do papel.

“Se não faz sentido”, disse o Rei, “tanto melhor; sabes, isso poupa-nos a maçada de ter de encontrar um. E, no entanto, não sei”, continuou ele, estendendo o papel sobre os joelhos e olhando para os versos com um só olho; “parece-me que lhes vejo um sentido, afinal. ‘...mas que nadar não era para mim...’ não sabes nadar pois não?”, perguntou ao Valete.

O Valete abanou a cabeça com tristeza. “Tenho cara de saber?”, perguntou ele. (O que evidentemente não tinha, visto que era todo feito de cartão.)

“Até aqui tudo bem”, disse o Rei e continuou a matutar para si mesmo sobre os versos: “ ‘ e nós sabemos que disse a verdade’ ... isso é o júri, claro... ‘Se ela teimar... ‘ isso deve ser a Rainha... ‘Dei-lhe uma a ela, a ele dei duas...’ ora pois, isso deve ser o que ele fez com as tartes, está visto...”

“Mas a verdade é que continua ‘voltaram todas... ter às mãos que as cobiçaram’”, disse Alice.

“Pois claro, ali estão elas!”, disse o Rei apontando triunfante para as tartes que estavam em cima da mesa. “Não pode haver nada mais claro do que *isso*. Por outro lado... ‘antes do ataque que ela sofreu...’ tu nunca sofreste nenhum ataque, pois não, minha querida?”, perguntou ele à Rainha.

“Nunca!”, respondeu a Rainha furiosa, atirando um tinteiro à cabeça do Lagarto, enquanto falava. (O desgraçado do Bill tinha deixado de escrever na lousa com o dedo, quando percebeu que não ficava nada marcado; porém, naquele momento, começou rapidamente a utilizar a tinta que lhe escorria pela cara, antes que ela secasse.)

“Então estas palavras não te *atacam*”, disse o rei olhando para a sala do tribunal com um sorriso. Fez-se um silêncio de morte.

“É um trocadilho”, acrescentou o Rei furioso e toda a gente se riu.

“Que o júri dê o seu veredicto”, disse o Rei pela vigéssima vez naquele dia.

“Não, não!”, disse a Rainha. “Primeiro a sentença... depois o veredicto.”

“Que grandíssimo disparate!”, disse Alice muito alto.

“Onde já se viu dar primeiro a sentença!”

“Cala essa boca!”, disse a Rainha, ficando muito vermelha.

“Isso é que não calo!”, respondeu Alice.

“Cortem-lhe a cabeça!”, gritou a Rainha o mais alto de que foi capaz. Ninguém se mexeu.

“Quem é que lhe liga?”, disse Alice (por esta altura ela já tinha atingido a sua altura normal). “Vocês não passam de um baralho de cartas!”

Nesse momento, todo o baralho se elevou no ar e veio a voar para cima dela; ela deu um gritinho meio de medo e meio de irritação, tentou enxotá-lo e deu por si deitada na margem do rio com a cabeça pousada no colo da irmã que afastava gentilmente algumas folhas secas que lhe tinham caído no rosto.

“Acorda, Alice!”, disse a irmã. “Fartaste-te de dormir!”

“Oh, tive um sonho tão engraçado!”, disse Alice e contou à irmã, o melhor que pôde, as suas estranhas Aventuras que vocês acabaram de ler; e, assim que chegou ao fim, a irmã deu-lhe um beijo e disse: “Foi um sonho invulgar, querida, mas agora corre e vai lanchar, já é tarde.” Assim, Alice levantou-se e correu, pensando, enquanto corria, no sonho maravilhoso que tivera. A irmã continuou onde estava quando Alice a deixou, com a cabeça pousada na mão, a olhar o sol que se punha e a pensar na pequena Alice e

nas suas extraordinárias Aventuras, até que também ela começou a sonhar à sua maneira e este foi o seu sonho:

Primeiro sonhou com Alice; tinha mais uma vez as mãozinhas aprender os joelhos e os seus olhos vivos fitavam os da irmã – conseguia até ouvir os cambiantes da sua voz e ver a inclinação que Alice Dava à cabeça para afastar uns cabelos rebeldes que teimavam em cair-lhe para os olhos – e, enquanto escutava ou julgava escutar, tudo à sua volta se povoou das estranhas criaturas do sonho da irmã.

A relva alta restolhava sob os seus pés enquanto o Coelho Branco passava apressado – o Rato assustado nadava no lago -, ouvia o chocalhar das chávenas que a Lebre de Marco e os amigos partilhavam na sua refeição sem fim e a voz aguda da rainha condenando os seus infelizes convidados à morte – mais uma vez o porquinho espirrava no colo da Duquesa, enquanto os pratos e as travessas se estilhaçavam à sua volta -, mais uma vez, os gritos do Grifo, o ranger do lápis do Lagarto e os gritos abafados dos porquinhos-da-índia a serem reprimidos enchiam o ar, à mistura com os soluços da tristonha Tartaruga Fingida.

Por isso, ele ficou ali, de olhos fechados e quase acreditou que também ela estava no País das Maravilhas, embora sabendo que lhe bastaria abrir os olhos, para que a realidade monótona regressasse de novo – a relva restolhava por causa do vento, a água agitava-se por causa dos juncos, as chávenas a chocalhar eram os badalos das ovelhas, e os gritos agudos da Rainha eram os gritos do pastor – e os espirros do bebé, os gritos do Grifo e todos os outros estranhos barulhos eram somente (como ela sabia) os barulhos normais de uma quinta – enquanto que os sons do gado ao longe tomariam o lugar dos soluços pesados da Tartaruga Fingida.

Por fim, pensou que a sua irmã pequenina havia também ela de vir a ser uma senhora; e em como ela guardaria para sempre o coração simples e doce de infância; e em como ela reuniria crianças em seu redor e, por sua vez, lhe faria os olhos brilhar com histórias que lhes contaria, talvez até mesmo o sonho do País das Maravilhas; como ela compreenderia os seus pequenos problemas e as suas pequenas alegrias, recordando a sua própria infância e os dias felizes de Verão.

**DAHL, Roald (2006). *Danny, o Campeão do Mundo*, 1.<sup>a</sup> ed., Porto: ASA.**

## **Capítulos analisados**

### **Capítulo 2.**

#### **O Grande Amigo Gigante (pp.15-22)**

O meu pai, sem sombra de dúvidas, era o mais maravilhoso e empolgante pai que algum rapaz já teve. Aqui está um retrato dele.

Poderiam pensar, se não o conhecessem, que ele era um homem severo e sério. Não era. O que lhe dava uma aparência tão séria era o facto de nunca sorrir com a boca. Ele sorria só com os olhos. Tinha uns olhos azuis brilhantes e, quando se lembrava de uma coisa engraçada, os olhos faiscavam, e, se observassem bem, veriam realmente uma pequenina centelha dourada a dançar na pupila de cada olho. Mas a boca nunca se mexia.

Eu gostava que o meu pai sorrisse com os olhos. Isso queria dizer que ele nunca me fazia um sorriso falso, pois é impossível fazer os olhos cintilar se não estamos a sentir-nos cintilantes. Um sorriso com a boca é diferente. Podes fingir um sorriso com a boca sempre que quiseres, basta-te mexer os lábios. Também aprendi que um verdadeiro sorriso com a boca é sempre acompanhado de um sorriso com os olhos, por isso, tenham cuidado, digo-vos eu, quando alguém vos sorrir com a boca, verifiquem se os olhos ficam na mesma. Se isso acontecer, é um sorriso falso.

O meu pai não não poderia ser considerado um homem culto e duvido que ele tivesse lido vinte livros em toda a sua vida. No entanto, era um maravilhoso contador de história à hora de deitar todas as noites e as melhores transformavam-se em série que continuavam durante muitas noites seguidas.

Uma delas, que deve ter durado pelo menos cinquenta noites, era sobre um homem enorme chamado O Grande Amigo Gigante, ou GAG, abreviado. O GAG era três vezes

mais alto do que um homem comum e as suas mãos eram tão grandes como um carrinho de mão. Vivia numa grande gruta subterrânea não muito longe da nossa estação de serviço e só saía quando estava escuro. Dentro da gruta tinha uma fábrica de pós, onde fabricava mais de cem tipos diferentes de pós mágicos.

Às vezes, enquanto me contava as suas histórias, o meu pai andava de um lado para o outro, agitando os braços e os dedos. Mas, normalmente, sentava-se ao pé de mim na beira da minha cama e falava muito baixinho.

- O Grande Amigo Gigante fabrica os seus pós mágicos com os sonhos que as crianças sonham quando dormem – disse ele.

- Como? – perguntei eu. – Conte-me como é, pai!

- Os sonhos, meu querido, são uma coisa muito misteriosa. Andam para aí a flutuar à noite como se fossem pequenas nuvens, à procura de pessoas adormecidas.

- Podemos vê-los? – perguntei.

- Ninguém consegue vê-los.

- Então como é que o Grande Amigo Gigante os apanha?

- Ah! – disse o meu pai. – Essa é que é a parte interessante. Um sonho, sabes, quando vagueia pelo ar da noite, faz um pequeno zumbido, um som tão suave e baixo que as pessoas comuns não conseguem ouvi-lo. Mas O GAG ouve-o facilmente. A sua audição é absolutamente fantástica.

Eu adorava o ar distante que o meu pai aparentava quando estava a contar uma história. O seu rosto ficava pálido, imóvel e ausente e esquecia-se de tudo o que o rodeava.

- O GAG – disse ele – é capaz de ouvir uma joaninha a caminhar em cima de uma folha. É capaz de ouvir os sussurros das formigas que andam no solo a falar umas com as outras. É capaz de ouvir o súbito grito de dor que uma árvore dá quando um lenhador a corta com um machado. Ah, sim, meu querido, existe todo um mundo de sons à nossa volta que não conseguimos ouvir, apenas porque os nossos ouvidos não são suficientemente sensíveis.

- E o que é que acontece quando ele apanha os sonhos? – perguntei eu.

Aprisiona-os em frascos de vidro e veda-os muito bem – disse o pai. – Tem milhares de frascos desses na sua gruta.

- E apanha sonhos bons e sonhos maus?

- Sim – disse o meu pai. – Apanha ambos. Mas só usa os bons nos seus pós.

- E o que é que faz aos maus?

- Fá-los explodir.

É impossível dizer-vos quanto eu gostava do meu pai. Quando ele estava sentado ao pé de mim na minha cama, eu estendia o braço, dava-lhe a mão e em seguida ele apertava os seus dedos compridos em volta do meu pulso e agarrava-o com força.

- E que é que o GAG faz com os pós depois de os fabricar? – perguntei.

- No silêncio da noite – disse o meu pai -, calcorreia as aldeias à procura de casas onde haja crianças a dormir. Devido à sua grande altura, consegue alcançar janelas do primeiro e até mesmo do segundo andar, e quando encontra um quarto em que haja uma criança a dormir, abre a mala...

- A mala? – perguntei.

- O GAG traz sempre uma mala e uma trombeta – disse o meu pai. – A trombeta é comprida como um poste de electricidade. A mala é para os pós. Então ele abre a mala e escolhe o pó exacto... e coloca-o dentro da trombeta... e desliza a trombeta pela janela aberta... e puuf...! Sopra o pó... e o pó flutua pelo quarto... e a criança respira-o...

- E depois? – perguntei eu.

- E depois, Danny, a criança começa a sonhar um sonho maravilhoso e fantástico... e quando o sonho chega ao momento mais maravilhoso e fantástico... então é aí que o pó mágico actua realmente e o sonho deixa de ser um sonho e torna-se num acontecimento real... e a criança não está a dormir na cama... está totalmente acordada e está no lugar do sonho a participar em tudo... mesmo a participar... na vida real. Amanhã conto-te mais . Está a ficar tarde. Boa-noite, Danny. Dorme.

O meu pai deu-me um beijo e desceu o pavio do pequeno candeeiro de parafina até a chama se apagar. Sentou-se em frente do fogão de lenha que agora dava um belo brilho vermelho à divisão escura.

- Pai – murmurei.

- O que é?

- Alguma vez viu mesmo O Grande Gigante?

- Uma vez – disse o meu pai – Só uma vez.

- O pai viu-o! Onde?

- Eu estava lá fora atrás da carroça – disse o meu pai -, estava uma noite clara de luar, por acaso levantei os olhos e de repente vi uma pessoa tremendamente alta a correr no cimo do monte. Corria com longas passadas e a capa negra adejava atrás dele como as asas de um pássaro. Tinha uma grande mala numa das mãos e uma trombeta na outra

e quando chegou à sebe alta no fundo campo, galgou-a com um só passo como se ela não estivesse lá.

- Teve medo, pai?

- Não - disse o meu pai. – Foi emocionante vê-lo, e um pouco fantasmagórico, mas não tive medo. Agora dorme. Boa noite.

### **Capítulo 3.**

#### **Carros, papagaios e Balões de Fogo (pp.23-34)**

O meu pai era um bom mecânico. Pessoas que viviam a quilómetros de distância traziam-lhe os carros para ele arranjar em vez de os levarem à garagem mais próxima. Ele adorava motores.

- Um motor a gasolina é pura magia – disse-me ele um dia. – Imagina só seres capaz de pegar em mil pedaços de metal diferentes... encaixá-los de determinada maneira... e depois se os alimentares com um pouco de óleo e gasolina... e se pressionares um botão... de repente esses pedaços de metal ganham vida... e começam a ronronar e a rugir... e fazem as rodas de um carro a motor começar a rodar a velocidades fantásticas...

Era inevitável que eu, também, me apaixonasse por motores e carros. Não se esqueça de que, mesmo antes de eu começar a andar, a oficina era a minha sala de brincar, porque onde é que o meu pai havia de me pôr para conseguir olhar por mim durante todo o dia? Os meus brinquedos eram engrenagens gordurosas e molas e pistões que estavam por todo o lado, e estes brinquedos, podem acreditar, eram muito mais divertidos do que a maior parte dos brinquedos de plástico que as crianças recebem hoje em dia.

Por isso, quase desde que nasci, comecei a preparar-me para ser mecânico.

Mas agora que tinha cinco anos, havia o problema da escola a considerar. A lei dizia que os pais tinham de mandar os filhos para à escola aos cinco anos, e o meu sabia disso.

Estávamos na oficina, recordo-me, no meu quinto aniversário, quando começámos a falar da escola. Estava eu a ajudar o meu pai a encaixar novos revestimentos nos travões

na roda traseira de um Ford grande quando de repente o meu pai me disse: - Sabes uma coisa interessante, Danny? Estou certo de que és o melhor mecânico de 5 anos do mundo inteiro.

Este foi o maior cumprimento que alguma vez me fizera. Fiquei imensamente satisfeito.

- Gostas deste trabalho, não gostas? - disse ele. – E disto de mexer nos motores.

- Adoro! – disse eu.

Ele virou-se, olhou para mim e colocou a mão suavemente em cima do meu ombro. – Quero ensinar-te a ser um grande mecânico – disse ele. – E, quando cresceres, espero que te tornes um famoso engenheiro de máquinas, um homem que desenha novos e melhores motores para carros e aviões. Para isso – disse ele -, terás de ter uma educação muito boa. Mas não te quero mandar já para a escola. Daqui a dois anos terás aprendido o suficiente aqui comigo para conseguires desmontar um motor pequeno e depois voltar a montá-lo sozinho. Depois disso, podes ir para a escola.

Provavelmente, pensam que o meu pai era tonto por querer ensinar uma criança a ser um bom mecânico. Mas, na verdade, não era nada tonto. Aprendi depressa e adorei cada momento. E, felizmente para nós, ninguém veio bater à porta para perguntar porque é que eu não ia à escola.

Assim se passaram mais dois anos, e, aos sete anos, acreditem ou não, eu era mesmo capaz de desmontar um pequeno motor e de voltar a montá-lo outra vez. Estou a dizer desmontar mesmo, os pistões, os eixos das manivelas e tudo. Tinha chegado a altura de começar a ir à escola.

A minha escola ficava na aldeia mais próxima, a quatro quilómetros de distância. Nós não tínhamos carro. Não havia dinheiro para isso. Mas a caminhada levava só meia hora, e eu não me importava nada. O meu pai ia comigo. Insistia em ir. E quando a escola acabava às quatro horas da tarde, estava sempre lá para me acompanhar até à casa.

E assim continuava a vida. O mundo em que eu vivia consistia apenas na estação de serviço, a oficina, a carroça, a escola e, é claro, os bosques, os terrenos e os ribeiros do campo circundante. No entanto, eu nunca me aborrecia. Era impossível aborrecerme - nos na companhia do meu pai. Ele era um homem demasiado cintilante para que isso acontecesse. Dele voavam esquemas e planos e ideias novas como saltam centelhas de uma pedra de amolar.

- Hoje há bom vento – disse ele numa manhã de sábado. - O vento é ideal para lançar um papagaio. Vamos fazer um papagaio, Danny.

Então fizemos um papagaio. Ele mostrou-me como juntar quatro pauzinhos para formar uma estrela, com mais dois pauzinhos no meio para os apoiar. Em seguida cortámos uma velha camisa do meu pai e esticámos o tecido por cima da estrutura do papagaio. Acrescentámos uma longa cauda feita de fio, com pequenos pedaços que sobraram da camisa atados a intervalos regulares. Encontrámos um novelo de cordel na oficina, e o meu pai mostrou-me como prender o cordel à estrutura, de modo a que o papagaio ficasse bem equilibrado no voo.

Juntos caminhámos até ao cimo do monte por detrás da estação de serviço para lançar o papagaio. A mim custou-me a acreditar que este objecto novo, feito apenas com alguns pauzinhos e um pedaço de uma camisa velha, conseguisse realmente voar. Agarrei no cordel enquanto o meu pai segurava no papagaio, e no momento em que o soltou, o papagaio apanhou o vento e subiu para o céu como um enorme pássaro azul.

- Solta mais o cordel, Danny! – gritou ele. – Continua. Solta tanto quanto quiseres!

O papagaio subia cada vez mais alto. Passado pouco tempo não passava de um pequeno ponto azul a dançar no céu, quilómetros acima da minha cabeça, e era extraordinário estar ali de pé agarrado a uma coisa que estava tão longe e tão viva. Essa coisa distante puxava e debatia-se na ponta da linha, como se fosse um grande peixe.

- Vamos regressar à carroça – disse o meu pai.

Então descemos novamente o monte, comigo a agarrar o cordel, e o papagaio sempre a puxar ferozmente na ponta do mesmo. Quando chegámos à carroça tivemos o cuidado de não deixar o cordel emaranhar-se na macieira e demos a volta para o levar até à escada da entrada.

- Prende-o à escada – disse o meu pai.

- Vai continuar no ar? – perguntei eu.

- Vai, se o vento não abrandar – disse ele.

O vento não abrandou. E eu vou contar-vos uma coisa surpreendente. O papagaio continuou a voar durante toda a noite, e, na manhã seguinte, à hora do pequeno-almoço, o pequeno ponto azul continuava a dançar e a baloiçar no céu. Depois do pequeno-almoço recolhi-o e pendurei-o cuidadosamente numa parede da oficina para o usar noutro dia.

Passado pouco tempo, num belo serão em que não havia ponta de vento, o meu pai disse-me:

- Está o tempo ideal para um balão de fogo. Vamos fazer um balão de fogo.

Ele devia ter planejado isto antes porque já tinha comprado quatro grandes folhas de papel celofane e um frasco de cola na papelaria do Sr. Witton na aldeia. E agora, usando apenas o papel, a cola, um par de tesouras e um pedaço de arame fino, o meu pai fez-me um magnífico balão de fogo em menos de quinze minutos. Na abertura da parte de baixo, atou uma bola de algodão, e ficámos prontos para partir.

Estava a escurecer quando levámos a bola de fogo lá para fora, para o terreno atrás da carroça. Tínhamos connosco uma garrafa de álcool desnaturado e fósforos. Eu mantive o balão direito enquanto o meu pai se pôs de cócoras debaixo dele e verteu cuidadosamente um pouco de álcool em cima da bola de algodão.

- Aqui vai – disse ele, chegando um fósforo à bola de algodão. – Puxa os lados para fora, com toda a força que tiveres, Danny!

Uma chama alta e amarela saltou da bola de algodão e entrou mesmo dentro do balão.

- Vai pegar fogo! – gritei eu.

- Não vai, não – disse ele. – Observa!

Entre os dois, puxámos os lados do balão para fora o mais possível, para os afastar da chama, na fase inicial. Mas passado pouco tempo, o ar quente encheu o balão, e o perigo passou.

- Está quase pronto! – disse o meu pai. – Sente-lo flutuar?

- Sim! – disse eu. – Sim! Soltamo-lo agora?

- Ainda não...! Espera mais um bocadinho...! Espera, até ele começar a puxar, para poder voar!

- Já está a puxar! – disse eu.

- Certo! – gritou ele. – Solta-o!

Lenta e majestosamente, em absoluto silêncio, o nosso maravilhoso balão começou a subir no céu da noite.

- Ele voa! – gritei eu, pulando e batendo as palmas. – Ele voa! Ele voa!

O meu pai estava quase tão entusiasmado como eu. – É lindo! – disse ele. – Este é mesmo uma beleza. Nunca se sabe como vão ficar até os pormos a voar. São todos diferentes.

O balão subiu, subiu, avançando agora muito depressa no ar frio da noite. Parecia uma bola de fogo mágica no céu.

- Será que outras pessoas o vão ver? - perguntei eu.

- Estou certo que sim, Danny. Agora já está suficientemente alto para poder ser visto vários quilómetros em redor.

- O que é que as pessoas vão pensar, pai?

- Que é um disco voador – disse o meu pai. – Provavelmente, vão chamar a polícia.

Uma leve brisa tinha apanhado o balão e arrastava-o para longe na direcção da aldeia.

- Vamos segui-lo – disse o meu pai. – Com sorte, ainda o encontramos quando ele descer.

Corremos até à estrada. Corremos pela estrada fora. Continuámos a correr. – Ele está a descer! – gritou o meu pai. – A chama já está quase apagada!

Perdemo-lo de vista quando a chama se apagou, mas calculámos aproximadamente em que campo é que ia aterrar, saltámos uma cerca e corremos para o local. Procurámos nos campos no meio da escuridão durante meia hora, mas não conseguimos encontrar o nosso balão.

Na manhã seguinte voltei sozinho para o procurar outra vez. Procurei em quatro terrenos grandes até o encontrar. Estava deitado a um canto de um campo cheio de vacas pretas e brancas. As vacas estavam de pé em volta dele a olhá-lo com os seus enormes olhos húmidos. Mas não o tinham estragado nem um bocadinho. Assim, levei o balão para casa e pendurei-o ao lado do papagaio, numa parede da oficina, para poder usá-lo noutro dia.

- Podes lançar o papagaio sozinho, sempre que quiseres – disse o meu pai. – Mas nunca lances o balão de fogo, a menos que eu esteja contigo. É extremamente perigoso.

- Está bem – disse eu.

- Promete-me que nunca irás tentar lançá-lo sozinho, Danny.

- Prometo – disse eu.

Havia ainda a casa na árvore, que construámos mesmo no alto de um grande carvalho no fundo do nosso terreno.

E o arco e a flecha, o arco com um metro e vinte de comprimento feito de um pedaço de freixo novo, e as flechas enfeitadas com penas de perdiz e faisão.

E as andas, que me faziam ficar com três metros de altura.

E um bumerangue que regressava e caía aos meus pés, sempre que eu o lançava.

E, pelo meu último aniversário, recebi uma coisa que era mais divertida, talvez, do que tudo o resto. Dois dias antes do meu aniversário, o meu pai proibiu-me de entrar na oficina, porque estava a trabalhar num segredo. E, no dia do meu aniversário, apareceu

uma extraordinária máquina feita com quatro rodas de bicicleta e várias caixas de sabão grandes. Mas não era um brinquedo vulgar. Tinha um pedal para travar, um volante, um assento confortável e um pára-choques dianteiro forte para aguentar o choque de um embate. Chamei-lhe Sabopo, e quase todos os dias o levava até ao cimo do monte no campo atrás da estação de serviço e em seguida descia a velocidades incríveis, conduzindo-o, como se fosse um cavalo selvagem, por entre os altos e baixos do terreno.

Por isso, estão a ver que ter oito anos e viver com o meu pai era muito divertido. No entanto, eu estava impaciente por fazer nove anos. Estava convencido de que ter nove anos seria ainda mais divertido do que ter oito.

O meu nono aniversário foi na verdade mais *empolgante* do que qualquer um dos anteriores. Todavia, nem tudo foi exactamente o que se pode chamar divertido.

## Capítulo 12.

### Quinta - Feira e a Escola (pp131-152)

No dia seguinte era quinta-feira, e, antes de partirmos para a escola nessa manhã, dei a volta à carroça e apanhei duas maçãs da nossa árvore, uma para o meu pai e outra para mim.

É uma coisa maravilhosa podermos sair e apanharmos as nossas próprias maçãs, sempre que nos apetece. Só se pode fazer isto no Outono, é claro, quando a fruta está madura, mas de qualquer maneira, quantas famílias têm essa sorte? Nem uma em cada mil, diria. As nossas maçãs são reinetas-de-cox, e eu gostava quase tanto do nome como das maçãs.

Às oito horas começámos a descer a estrada em direcção à minha escola no pálido sol do Outono, a comer as maçãs enquanto caminhávamos.

Clinque! Fazia o pé de ferro do meu pai cada vez que ele o poisava na estrada dura. Clinque... clinque... clinque!

-Trouxe dinheiro para comprar as passas? – perguntei.

Ele pôs uma mão no bolso das calças e fez as moedas tilintar.

- E a loja do Cooper vai abrir tão cedo?

- Sim – disse ele. – Abre às oito e meia.

Eu gostava mesmo muito daqueles passeios matinais até à escola com o meu pai. Falávamos praticamente o tempo todo. Era ele quem falava a maior parte do tempo e eu ouvia, e quase tudo que ele dizia era fascinante. Ele era um verdadeiro homem do campo. Os campos, os ribeiros, os bosques e todas as criaturas que viviam nestes locais faziam parte da sua vida. Apesar de ser mecânico de profissão, e um belíssimo mecânico, creio que se teria tornado um grande naturalista, se tivesse estudado. Há muito tempo ele havia-me ensinado o nome de todas as árvores e das flores silvestres e dos diferentes tipos de ervas que crescem nos campos. Eu conhecia também todos os pássaros, pelo nome, ao vê-los e também ao escutar os seus trinados e canções.

Na Primavera procurávamos ninho de pássaros ao longo do caminho e, quando encontrávamos um, ele punha-me aos seus ombros para eu poder espreitar para o ninho e ver os ovos. Mas nunca tinha autorização de lhes tocar.

O meu pai disse-me que um ninho com ovos dentro era das coisas mais bonitas do mundo. Eu também tinha a mesma opinião. O ninho de um tordo-cantor, por exemplo, com o interior forrado de lama seca, macio como madeira polida e com cinco ovos do mais puro azul com pequenas pintas pretas. E a cotovia, cujo ninho uma vez encontrámos no meio de um campo, num alto relvado no chão. Quase não era um ninho, era apenas um pequeno lugar oco na erva e tinha seis ovos lá dentro, castanho-escuros e brancos.

- Porque é que a cotovia faz o ninho no chão num sítio onde as vacas podem pisá-lo? – perguntei.

- Ninguém sabe – disse o meu pai. – Mas elas fazem sempre isso. Os rouxinóis também fazem os ninhos no chão. O mesmo fazem os faisões e as perdizes e os galos-do-mato.

Num dos nossos passeios, uma doninha saiu de uma sebe à nossa frente e durante os minutos seguintes fiquei a saber muitas coisas acerca daquela maravilhosa criaturinha. A parte de que mais gostei foi quando o meu pai disse: - A doninha é o animal mais corajoso de todos. A mãe luta até à morte para defender os seus próprios filhos. Nunca foge, nem de uma raposa, que é cem vezes maior do que ela. Fica ao lado do ninho e luta com a raposa até morrer.

De outra vez, quando eu disse: - Escute só aquele escaravelho, pai -, ele respondeu: - Não, não é um escaravelho, meu querido. É um grilo. E sabes que os grilos têm ouvidos nas pernas.

- Não pode ser!

- É absolutamente verdade. E os escaravelhos têm ouvidos dos lados da barriga. Têm a felicidade de ouvir tudo, porque quase todas as vastas hordas de insectos do mundo são surdas e mudas e vivem num mundo silencioso.

Nesta quinta-feira, na caminhada para a escola, havia uma velha rã a coaxar no ribeiro por detrás da sebe, quando passámos.

- Estás a ouvi-la, Danny?

- Sim – disse eu.

- É uma rã-gigante a chamar a mulher. Faz isto soprando pela papada e em seguida soltando o sopro com um arrote.

- O que é uma papada?

- É a pele solta que tem na garganta. Ele pode enchê-la como um pequeno balão.

- E o que acontece quando a mulher o ouvir?

- Vai a pular ter com ele. Fica muito contente por ter sido convidada. Mas vou contar-te uma coisa muito engraçada sobre a rã-gigante. Muitas vezes, o macho da rã-gigante fica tão contente com o som da sua própria voz, que a mulher tem de empurrá-lo várias vezes, para ele parar de arrotar e prestar-lhe atenção.

Isto deu-me vontade de rir.

- Não te rias tanto - disse ele, com os olhos a brilhar. – Nós, homens, não somos assim tão diferentes da rã-gigante.

Separámo-nos junto ao portão da escola e o meu pai foi comprar as passas. Muitas outras crianças estavam a entrar, dirigindo-se à porta principal da escola. Eu juntei-me a elas, mas mantive-me calado. Era guardião de um grande segredo e uma palavra descuidada poderia fazer explodir a tampa da maior expedição de caça furtiva que alguma vez veria.

A nossa escola era uma pequena escola de aldeia, um feio edifício baixo e quadrado que não tinha primeiro andar. Por cima da porta da frente havia uma grande pedra cinzenta presa ao tijolo com cimento e na parede estava escrito ESTA ESCOLA FOI CONSTRUÍDA EM 1902 PARA COMEMORAR A COROAÇÃO DE SUA ALTEZA REAL E O REI EDUARDO VII. Devo ter lido aquilo umas mil vezes. Cada vez que entrava na porta atingia-me nos olhos. Suponho que era para isso que ali estava. Mas é

muito aborrecido ler as mesmas palavras, vezes sem conta, e eu pensava muitas vezes que seria óptimo se eles lá pusessem uma coisa diferente todos os dias, uma coisa mesmo interessante. O meu pai teria feito isso para eles lindamente. Ele poderia ter escrito a giz na pedra cinzenta e macia, e todas as manhãs seria uma coisa nova. Teria escrito coisas como: **SABIAM QUE A PEQUENA BORBOLETA AMARELA MUITAS VEZES CARREGA A FÊMEA ÀS COSTAS?** De outra vez poderia ter dito: **GUIPI MACHO QUANDO SE APAIXONA POR UMA FÊMEA GUIPI MORDE-A NO RABO.** E outra vez: **SABIAS QUE A TRAÇA É CAPAZ DE GUINCHAR?** E de outra vez ainda, **OS PÁSSAROS QUASE NÃO TÊM OLFACTO. MAS TÊM UMA ÓPTIMA VISÃO E ADORAM CORES VERMELHAS. AS FLORES DE QUE GOSTAM SÃO VERMELHAS E AMARELAS, MAS NUNCA AZUIS.** E talvez de outra vez ele pegasse no giz para escrever: **ALGUMAS ABELHAS TÊM LINGUAS QUE SÃO CAPAZES DE ESTICAR ATÉ FICAREM OM QUASE O DOBRO DO COMPRIMENTO DO QUE ELAS MESMAS. ISTO ACONTECE PARA QUE AS ABELHAS POSSAM COLHER NÉCTAR EM FLORES COM CÁLICES COMPRIDOS E ESTREITOS.** Ou talvez tivesse escrito: **APOSTO QUE NÃO SABEM QUE EM ALGUMAS CASAS SENHORIAIS NO CAMPO INGLÊS, O MORDOMO AINDA TEM DE ENGOMAR O JORNAL. TODAS AS MANHÃS. ANTES DE O COLOCAR NA MESA DO PEQUENO-ALMOÇO DO PATRÃO.**

Havia cerca de sessenta rapazes e raparigas na nossa escola e as suas idades variavam entre os cinco e os onze anos. Tínhamos quatro salas de aula e quatro professores.

Miss Birdseye dava aulas à infantil, aos meninos de cinco e de seis anos e era uma pessoa mesmo simpática. Costumava guardar um saco de rebuçados de semente de anis na gaveta da secretária, e todos os meninos que fizessem um bom trabalho recebiam um rebuçado para chupar ali mesmo durante a aula. O truque com os rebuçados de semente de anis é nunca os morder. Se continuarem a rolá-los na boca, eles dissolvem-se lentamente ao seu ritmo, e então, mesmo no centro, encontramos uma pequena semente castanha. Esta é a semente de anis e quando a trincas com os dentes tem um sabor fabulosos. O meu pai disse-me que os cães ficam loucos com as sementes de anis. Quando não há raposas por perto, os caçadores arrastam um saco de sementes de anis por quilómetros e quilómetros no campo, e os cães seguem o cheiro por gostarem tanto dele. Chama-se esta prática caça de arrasto.

Os meninos de sete e de oito anos tinham aulas com o Sr. Corrado, e ele também era boa pessoa. Era um professor muito velho, provavelmente devia ter uns sessenta anos ou mais, mas isso não o impedia de estar apaixonado por Miss Bidseye. Nós sabíamos que ele estava apaixonado por ela, porque lhe dava sempre os melhores pedaços de carne ao almoço, quando era a sua vez de servir. E quando ela lhe sorria, ele retribuía-lhe o sorriso da maneira mais derretida que possas, imaginar, mostrando todos os dentes da frente, de cima e de baixo e a maior parte dos outros dentes também.

Um professor, que era o capitão Lancaster, estava encarregado dos meninos de nove e dez anos, em que eu estava incluído. O capitão Lancaster, às vezes chamado Lankers, era um homem horrível. Tinha o cabelo cor de cenoura, um bigodinho aparado e um temperamento terrível. Também lhe saíam pêlos cor de cenoura das narina e das orelhas. Ele fora capitão no exército durante a guerra contra o Hitler e era por isso que se intitulava capitão Lancaster em vez simplesmente de Sr. Lancaster. O meu pai dizia que era uma parvoíce.

Existem milhões de pessoas que lutaram na guerra, que ainda estão vivas, dizia ele, mas a maioria delas quer mas é esquecer todo aquele horror, especialmente aqueles títulos militares de má qualidade. O capitão Lancaster era um homem violento e todos tínhamos terror dele. Costumava sentar-se à sua secretária a afagar o bigode ruivo e a olhar para nós com olhos azuis aguados, à procura de sarilhos. E quando estava ali sentado, fazia estranhos ruídos pelo nariz, como se fosse um cão a farejar uma toca de coelho.

O Sr. Snoddy, que era o nosso director, dava aulas aos mais velhos, os meninos de onze anos, e toda a gente gostava dele. Era um homem pequeno e redondo com um enorme nariz vermelho. Eu tinha pena dele por causa do nariz. Era tão grande e inflamado que parecia que podia explodir a qualquer momento e fazê-lo ir pelos ares.

Uma coisa engraçada a respeito do Sr. Snoddy era o facto de ele trazer sempre um copo de água para a sala de aulas, que ia bebericando durante a lição. Pelo menos todos *pensavam* que era um copo de água. Todos, isto é, excepto eu e o meu melhor amigo, Sidney Morgan. Nós sabíamos a verdade, e vou contar-vos como descobrimos. O meu pai arranjava o carro do Sr. Snoddy e eu levava sempre as contas para a escola para poupar o selo do correio. Um dia, durante o intervalo, fui ao gabinete do Sr. Snoddy para lhe entregar a conta e o Sidney Morgan veio comigo. Não veio por nenhum motivo especial. Por acaso, estávamos juntos na altura. E quando entrámos, vimos o Sr. Snoddy

de pé junto à secretária a encher o seu famoso copo de água de uma garrafa cujo rótulo dizia Gordon's Gin. Ele deu um salto enorme quando nos viu.

- Deviam ter batido à porta – disse ele, escondendo a garrafa por detrás de um monte de livros.

- Desculpe, Senhor Professor – disse eu. – Trouxe a conta do meu pai.

- Ah! – disse ele. – Sim. Muito bem. E o que é que *tu* queres, Sidney?

- Nada, Senhor professor – respondeu o Sidney Morgan. – Não quero nada.

- Então vão-se embora, os dois – disse o Sr. Snoddy, sempre com a mão na garrafa por detrás dos livros. – Corram.

Lá fora, no corredor, jurámos que não diríamos a nenhum dos outros meninos nada sobre o que tínhamos visto. O Sr. Snoddy sempre fora simpático connosco, e nós queríamos retribuir guardando o seu segredo connosco.

A única pessoa a quem contei foi ao meu pai e quando ele ouviu, disse: - Não o recrimino nem um bocadinho. Se eu tivesse a infelicidade de ser casado com a Sr<sup>a</sup>. Snoddy, tomaria uma coisa ainda mais forte do que *gin*.

- O que é que o pai tomaria?

- Veneno – disse ele. – Ela é uma mulher terrível.

- Porque é que ela é terrível? – perguntei eu.

- É uma espécie de bruxa – disse ele. – E para o provar, tem sete dedos em cada pé.

- Como é que o pai sabe? – perguntei.

- Foi o Dr. Spencer que me contou – respondeu o meu pai. E depois, para mudar de assunto disse: - Porque é que não convidas o Sidney Morgan para vir cá brincar contigo?

Desde que comecei a ir para a escola, o meu pai tinha tentado encorajar-me a trazer os meus amigos para a estação de serviço para lancha ou jantar. E todos os anos, uma semana antes do meu aniversário, ele dizia: - Vamos fazer uma festa desta vez, Danny. Podemos escrever os convites e eu vou à aldeia comprar *éclairs* de chocolate e *donuts* e um grande bolo de aniversário com velas.

Mas eu dizia sempre que não a estas sugestões e nunca convidava outros meninos para vir a minha casa depois da escola ou durante os fins-de-semana. Não era por não ter bons amigos. Tinha muitos. Alguns eram muito bons amigos, especialmente o Sidney Morgan. E se calhar se eu vivesse na mesma rua do que eles em vez de isolado no campo, as coisas fossem diferentes. Mas por outro lado, talvez não. Sabem, a

verdadeira razão pela qual eu não queria que ninguém viesse brincar comigo era porque eu me divertia muito sozinho com o meu pai.

A propósito, aconteceu uma coisa horrível nessa quinta-feira de manhã depois de o meu pai me ter deixado junto ao portão da escola para ir comprar passas. Estávamos a ter a primeira aula do dia com o capitão Lancaster e ele tinha dado uma série de contas de multiplicar para fazermos nos nossos cadernos. Eu estava sentado ao lado do Sidney Morgan na fila de trás e estávamos os dois a esforçar-nos. O capitão Lancaster estava sentado à sua secretária, a olhar desconfiado para a turma com os seus olhos azuis aguados. E mesmo da fila de trás eu ouvia-o a fazer barulhos com o nariz como um cão a farejar uma toca de coelho.

O Sidney Morgan tapou a boca com a mão e sussurrou-me baixinho: - Quanto é que são oito vezes nove?

- Setenta e dois – sussurrei eu.

O dedo do capitão Lancaster disparou como uma bala e apontou directamente para o meu rosto. – Tu! – gritou ele. – Levanta-te!

- Eu, senhor? – disse eu.

- Sim, tu, meu idiotazinho!

Eu levantei-me.

- Estavas a falar! – gamiu ele. – O que é que estavas a dizer? – Ele estava a gritar comigo como se eu fosse um batalhão de soldados em parada. – Anda lá rapaz! Diz lá!

Eu fiquei quieto e não disse nada.

- Recusas-te a falar comigo? – gritou ele.

- Por favor, senhor – disse o Sidney. – A culpa foi minha. Eu fiz-lhe uma pergunta.

- Ah, fizeste, foi? Levanta-te!

O Sidney ficou de pé ao meu lado.

- E o que lhe perguntaste, exactamente? – disse o capitão Lancaster, falando mais baixo e de um modo muito mais perigoso.

- Perguntei-lhe quanto é que eram oito vezes nove – disse o Sidney.

- E suponho que *tu* tenhas respondido? – disse o capitão Lancaster, apontando novamente para mim. Ele nunca nos chamava pelos nomes. Era sempre “tu” ou “menino” ou “menina” ou algo assim.

- Respondeste-lhe ou não? Responde, rapaz!

- Sim, senhor – disse eu.

- Então estavas a copiar! – disse ele - Estavam os dois a copiar.

Nós mantivemo-nos em silêncio.

- Copiar é um hábito repugnante praticado por rapazes de rua e tontos vaidosos – disse ele.

De onde eu estava sentado via toda a turma sentada muito rígida, a olhar para o capitão Lancaster. Ninguém se atrevia a mexer-se.

- Podem ter autorização para copiar e mentir e arranjar dinheiro com mentiras nas vossas casas – continuou ele -, mas aqui não tolerarei que o façam!

Nesta altura, uma espécie de fúria cega apoderou-se de mim e eu gritei-lhe de volta: - Eu não estava a copiar!

Houve um silêncio assustador na sala. O capitão Lancaster ergueu o queixo e fixou-me com os seus olhos de água. – Não só estavas a copiar, como também és um rapaz muito insolente – disse ele em voz baixa. – Anda aqui para cima. Venham os dois, aqui para cima.

Quando eu saí da minha secretária e comecei a caminhar para a frente da turma, sabia exactamente o que ia acontecer. Já o tinha visto muitas vezes acontecer aos outros, tanto a rapazes como a raparigas. Mas, até agora, nunca me tinha acontecido a mim. Cada vez que assistira, tinha-me sentido doente por dentro.

O capitão Lancaster estava de pé e dirigia-se à estante alta que estava encostada à parede do lado esquerdo da sala de aulas. Estendeu o braço para chegar à prateleira de cima e retirar a odiada cana. Era branca, esta cana, branca como um osso e muito comprida e com uma extremidade curvada para formar uma pega de bengala.

- Tu primeiro – disse ele, apontando para mim com a cana. – Estende a mão esquerda.

Era quase impossível acreditar que esse homem estava prestes a magoar-me fisicamente e a sangue frio. Quando levantei a palma da mão esquerda e a mantive virada para cima, olhei para a palma e para a pele cor-de-rosa e as linhas que corriam por ela, e continuava sem conseguir acreditar que lhe ia acontecer alguma coisa.

A comprida cana branca subiu no ar e desceu sobre a minha mão com um estalo como se fosse uma espingarda a disparar. Primeiro ouvi o estalo e passado uns dois segundos senti a dor. Nunca na vida tinha sentido uma dor assim. Era como se alguém estivesse a empurrar um ferro incandescente contra a minha mão e o mantivesse aí. Recordo-me de agarrar a minha mão esquerda magoada com a mão direita e metê-la entre as pernas e apertar a perna uma contra a outra contra a mão. Apertei, apertei com toda a força que tinha, como se estivesse a impedir que a mão se desfizesse em pedaços.

Consegui não gritar alto, mas não consegui evitar que as lágrimas me caíssem pelo rosto abaixo.

De algures perto ouvi outro assustador suíche-craque! E percebi que o pobre Sidney também recebera o mesmo tratamento.

Mas, oh, aquela dor quente na mão! Porque é que não passava? Olhei para o Sidney. Ele estava a fazer exactamente o mesmo que eu, a apertar a mão entre as pernas e a fazer uma careta.

- Vão sentar-se, os dois! – ordenou o capitão Lancaster.

Dirigimo-nos com dificuldade às nossas secretárias e sentámo-nos.

- Agora continuem o vosso trabalho! – disse a voz detestada. – E não quero mais ninguém a copiar! E também não quero mais insolência!

Todos os meninos inclinaram a cabeça para os livros, como as pessoas na missa a rezar.

Eu olhei para a minha mão. Havia uma comprida e feia marca de cerca de um centímetro e meio no sítio da palma onde os dedos se ligam à mão. Tinha um alto no meio e o alto era branco e vermelho dos dois lados. Mexi os dedos. Eles mexeram-se sem dificuldade, mas doía-me fazê-lo. Olhei para o Sidney. Ele olhou para mim rapidamente como que a pedir desculpa e depois regressou às contas.

Quando cheguei a casa nessa tarde, o meu pai estava na oficina. – Trouxe as passas – disse ele. – Agora vamos pô-las de molho. Vai buscar-me uma taça de água, Danny.

Eu fui à carroça e trouxe uma taça meia cheia de água. Levei-a até à oficina e pousei-a em cima da bancada.

- Abre os pacotes e coloca as passas todas aí dentro – disse o meu pai. Isto era uma das coisas mesmo simpáticas do meu pai. Ele não tomava o comando e não queria fazer tudo sozinho. Quer fosse um trabalho difícil, como ajustar o carburador num motor grande, ou uma coisa mais simples, como deitar algumas passas para dentro de uma taça, ele permitia que eu o fizesse enquanto olhava, preparado para me ajudar. Agora o meu pai estava a olhar para mim enquanto eu abria o primeiro pacote de passas.

- Ei! – gritou ele, agarrando-me no pulso esquerdo. – O que é que aconteceu à tua mão?

- Não foi nada – disse eu, fechando a mão.

Ele obrigou-me a abri-la. A comprida marca escarlata estava gravada na minha mão como uma queimadela.

- Quem é que fez isso? – gritou ele. – Foi o capitão Lancaster?

- Sim, pai, mas não é nada.

- O que é que aconteceu? – Ele agarrava-me o pulso com tanta força que quase me doía. – Diz-me exactamente o que é que aconteceu!

Eu contei-lhe tudo. Ele ficou ali a agarrar-me no pulso, com o rosto cada vez mais pálido, e eu via a fúria começar a ferver perigosamente dentro de si.

- Eu mato-o! – sussurrou ele quando eu terminei. – Juro que o mato! – Os olhos do meu pai faiscavam e tinha ficado lívido. Nunca o tinha visto assim.

- Esqueça, pai.

- Não esqueço nada! – disse ele. – Tu não fizeste nada de mal, e ele não tinha o direito nenhum de te fazer isto. Então ele disse que estavas a copiar, não foi?

Ele tinha tirado o casaco do cabide da parede e estava a vesti-lo.

- Onde vai? – perguntei.

- Vou já a casa do capitão Lancaster dar-lhe uma sova.

- Não! – gritei eu, agarrando-lhe no braço. – Não faça isso, pai, por favor! Não vai servir de nada! Por favor, não faça isso!

- Tenho de fazê-lo – disse ele.

- Não – gritei eu, puxando-lhe o braço – Vai estragar tudo. Só vai complicar as coisas! Por favor, esqueça.

Então ele hesitou. Eu continuei a agarrar-lhe o braço. Ele estava em silêncio e eu vi a fúria a passar-lhe.

- É revoltante – disse ele.

- Aposto que lhe fizeram o mesmo quando o pai andava na escola.

- É claro que fizeram.

- E aposto que o seu pai não foi correr dar uma sova ao professor que fez isso.

Ele olhou para mim, mas ficou calado.

- Não foi, pois não, Pai?

- Não, não foi – respondeu baixinho.

Eu soltei-lhe o braço e ajudei-o a tirar o casaco e pendurei-o no cabide.

- Vou pôr as passas na taça agora – disse eu. – E não se esqueça de que amanhã vou estar com uma grande constipação e não vou poder ir à escola.

- Sim – disse ele. – É isso mesmo.

- Temos duzentas passas para encher – disse eu.

- Ah! – disse ele. – É verdade.

- Espero que consigamos acabar a tempo – disse eu.

- Ainda dói? – perguntou ele. – Essa mão.

- Não – disse eu. – Nem um bocadinho.

Creio que ele ficou satisfeito com a minha resposta. E apesar de o ver ocasionalmente a olhar para a palma da minha mão durante o resto da tarde e à noite, não voltou a tocar no assunto.

Nessa noite, o meu pai não me contou uma história. Sentou-se na borda da minha cama e falámos do que ia acontecer no dia seguinte no Bosque do Hazell. Ele entusiasmou-me e empolgou-me, e não consegui adormecer. Penso que ele também deve ter ficado empolgado, porque depois de se ter despido e deitado, ouvi-o dar voltas na cama. Ele também não conseguia adormecer.

Por volta das dez e meia, saiu da cama e pôs a chaleira ao lume.

- O que se passa, pai?

- Nada – disse ele. – Vamos fazer um festim à meia-noite?

- Sim, vamos.

Ele acendeu o candeeiro do tecto e abriu uma lata de atum e fez uma deliciosa sanduíche para cada um nós. Também fez chocolate quente para mim e chá para ele. Então começamos novamente a falar dos faisões e do Bosque de Hazell.

Era já muito tarde quando adormecemos.

**COLE, Babette (2004) *A Princesa Espertalhona*, 1.<sup>a</sup> ed., Lisboa: Terramar**

Princesa Espertalhona não queria casar-se. Gostava de ser solteira.

Porque era muito bonita e rica, todos os príncipes queriam casar com ela.

Mas a Princesa Espertalhona queria continuar a viver no seu castelo, com os seus animais de estimação e a fazer apenas aquilo que lhe agradar.

- Já é tempo de cuidares do teu aspecto! – disse a rainha, mãe da Princesa Espertalhona.

- Não andes mais com esses animais de um lado para o outro! Trata de arranjar um marido para ti!

E logo começaram a rondar o castelo candidatos a casar com a princesa. Vinham das mais diversas partes do mundo e a sua presença tornou-se um autêntico frete. Mas a princesa a todos avisou:

- Está bem, aquele que for capaz de executar as tarefas que eu indicar, a esse e só a esse darei a minha mão!

A Frantz, Príncipe dos Adubos da Austrália-Hungária, mandou acabar com todas as lesmas que infestavam o jardim.

Ao Príncipe David dos Futebolistas ordenou que fosse dar de comer aos seus animais de estimação.

Desafiou o Príncipe John, da Roquelândia, para uma maratona de patinagem e rocalhada.

Convidou o Príncipe Abana-os-ossos para um passeio de moto pelo campo.

Ao Príncipe das Vertigens, coube-lhe a difícil missão de «salvar» a Princesa: tinha de ir buscá-la ao alto da torre.

Ir à mata real cortar lenha foi a tarefa que a Princesa Espertalhona confiou ao Príncipe Trinca-Espinhas da Transilveira.

Ao Príncipe Cavalicoques, propôs-lhe que montasse o pônei, para mostrar as habilidades do animal.

E mandou o Príncipe Córneas às compras com a rainha.

Reservou para o príncipe Convencido a mais terrível das missões: ir recuperar o anel mágico, que ela atirou para o lago do peixe-dourado.

Os resultados foram um desastre: nenhum dos príncipes conseguiu executar com êxito, as tarefas atribuídas pela Princesa Espertalhona. E foi sob o peso da vergonha que cada um deles regressou ao respectivo reino.

-É assim mesmo! – exclamou a Princesa Espertalhona, pensando que, finalmente, tinha ficado livre de todos eles.

Mas foi então que apareceu o príncipe Fanfarrão. Ele conseguiu «dominar» as lesmas... dar de comer aos animais de estimação...patinar até de manhã... andar de moto muitos quilómetros...

Escalou a torre para «salvar» a Princesa espertalhona. Conseguiu cortar lenha na mata real. E até cometeu proezas como a de domar aquele pónei terrível, como a de ir às compras com a rainha... e a de conseguir recuperar o anel mágico.

Mas o Príncipe Fanfarrão não pensava que a princesa Espertalhona fosse mesmo tão inteligente. E foi então que ela lhe deu um beijo mágico...

...e o príncipe logo se transformou num gigantesco sapo!

A toda a pressa, o príncipe-sapo deixou o castelo.

Quando os outros príncipes souberam o que acontecera, todos eles perderam a vontade de casar com a Princesa Espertalhona...